

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE



RE

PORTUGAL, Alpoim Alves
«Voltar ao Evangelho»

VAZ, Armindo dos Santos
Teresa de Lisieux e a Bíblia

REIS, Manuel Fernandes
*Teresa de Lisieux:
Ouvinte e praticante
da Palavra de Deus*

20

TERESA DE LISIEUX - 5

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

SUMÁRIO

ALPOIM ALVES PORTUGAL

«Voltar ao Evangelho» 243

ARMINDO DOS SANTOS VAZ

Teresa de Lisieux e a Bíblia 245

MANUEL FERNANDES DOS REIS

Teresa de Lisieux:

Ouvinte e praticante da Palavra de Deus 271

NÚMERO 20

Outubro - Dezembro 1997

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

Publicação trimestral

Propriedade

Ordem dos Padres Carmelitas Descalços em Portugal

Director

P. Alpoim Alves Portugal
Centro de Espiritualidade
4630 AVESSADAS
☎ 055.534207 – Fax 534289

Conselho da Direcção

P. Agostinho dos Reis Leal
P. Jeremias Carlos Vechina
P. Manuel Fernandes dos Reis
P. Mário da Glória Vaz
P. Pedro Lourenço Ferreira

Redacção e Administração

Edições Carmelo
Rua de Angola, 6
2780 PAÇO DE ARCOS
☎ – Fax 01.4433706

Assinatura Anual (1998)	2.900\$00
Espanha	Ptas 2.800
Estrangeiro	USA \$ 35
Número avulso	850\$00

«VOLTAR AO EVANGELHO»

ALPOIM ALVES PORTUGAL

De entre as grandes novidades que Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face transmitiu na sua doutrina e mensagem para os homens de hoje, foi a redescoberta que fez da leitura do Evangelho; daí o título¹ que também usamos para a breve apresentação deste número da *Revista de Espiritualidade* dedicado exclusivamente ao tema da Palavra de Deus na nossa nova Doutora.

Toda a vida de Teresa foi um beber contínuo nas fontes de vida mais puras, a palavra de Deus. Sabemos como era difícil, naquela época em que viveu, o acesso à Bíblia: estava vedada a sua leitura a qualquer simples fiel. Contudo, Teresa tinha bem presente na sua mente e no seu coração o que a boa tradição carmelitana lhe ensinava. Na verdade já a Regra primitiva do Carmelo, seguindo o próprio ensinamento do evangelho, convidava a meditar continuamente na lei do Senhor;² e os pais do Carmelo reformado³ não deixaram de inculcar no coração dos seus filhos espirituais este mesmo ensinamento. Ela própria nos narra como não eram os livros espirituais que tinha à mão os que lhe davam o alimento de que necessitava para se alimentar com proveito, daí que necessitasse de um alimento muito mais sólido para

¹ Esta expressão foi usada como título da Carta que os Superiores Gerais da Ordem Carmelita e da Ordem dos Padres Carmelitas Descalços escreveram por ocasião do Centenário da morte de Santa Teresa do Menino e da Santa Face, que já publicámos integralmente nesta *Revista de Espiritualidade*, nº 18, de Abril-Junho de 1997, p. 141ss.

² Cf. *Regra do Carmelo*, nº 7.

³ Cf. Santa Teresa de Jesus, *Livro da Vida* 26, 5; S. João da Cruz, *Subida do Monte Carmelo* III, 22.

continuar a sua peregrinação. Nada melhor, então, do que alimentar-se directamente da fonte viva do Evangelho.⁴

Foi assim que o Concílio Vaticano II viria como que a concretizar esta «profecia» de Teresa de Lisieux ao incentivar todos os cristãos a aproximar-se da Palavra de Deus de modo a conseguirem um «sublime conhecimento de Jesus Cristo com a leitura frequente das divinas Escrituras, “porque ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo”».⁵

Foi este contacto íntimo com a leitura e meditação da Palavra de Deus que a levou a descobrir o que é verdadeiramente essencial da mensagem de Jesus para a sua vida. Descobriu a Palavra como a luz que ilumina os seus passos e, conseqüentemente, para se deixar iluminar necessitava de um coração como o das crianças, sempre aberto e disponível ao Espírito que é quem nos mostra a vocação e missão concretas no meio do Povo de Deus. Por isso, para sermos fiéis, é necessário viver numa atitude permanente de escuta.

Nos dois temas que apresentamos neste número, os autores quiseram aprofundar mais ainda a mensagem de Santa Teresa de Lisieux, Doutora da Igreja, acerca da Palavra de Deus e mostrar-nos a premente actualidade da mesma e a necessidade que nós temos de nos abeirarmos continuamente desta Palavra, fonte de vida.

E, finalmente, ao completarmos esta série de 20 números de Revista de Espiritualidade, depois de cinco anos de partilha convosco, nesta quadra do ano tão querida de todos nós, queríamos deixar aqui uma palavra de reconhecimento pela vossa companhia e apreço e desejar a todos os leitores um novo ano pleno de uma alegria profunda, fruto de um contacto diário com Jesus Cristo, fonte de toda a espiritualidade. Os anos vão-se sucedendo, as gerações vão passando, as condições de vida vão mudando, mas Jesus Cristo continua sempre o mesmo e a oferecer-nos o seu Amor, o seu Espírito Santo. E este Amor florescerá no nosso coração se nós o aceitarmos e acolhermos. A razão de ser de todas estas páginas de espiritualidade que vos vimos transmitindo não é senão ajudar-vos a acolher este Amor, sobretudo no ano de 1998 que vai começar.

Desde aqui, umas Santas Festas, com Jesus como estrela!

⁴ Cf. *M_s* A 83v.

⁵ *DV* 25.

TERESA DE LISIEUX E A BÍBLIA

ARMINDO DOS SANTOS VAZ

Objectivo desta pesquisa é mostrar o ambiente avesso à leitura da Bíblia no tempo de Teresa de Lisieux, para deixar entrever as causas principais do desconhecimento da Bíblia pelos católicos hoje e como a proclamação de Teresa de Lisieux Doutora da Igreja é um consciente impulso a superar esse desconhecimento, daqui em diante indesculpável.

Entremos em tema com esta afirmação peremptória do Concílio Vaticano II, na *Dei Verbum*: “A Igreja *sempre* venerou a Sagrada Escritura como fez com o Corpo de Cristo, pois sobretudo na sagrada liturgia nunca cessou de tomar e repartir aos seus fiéis o pão da vida oferecido na mesa da palavra de Deus e do Corpo de Cristo” (nº 21). Ora, a afirmação desta perene veneração da Sagrada Escritura só com reserva, generosidade e uma pontualização pode ser aceite por nós, pois, como veremos em seguida, houve na recente história da Igreja grandes vazios de veneração da Bíblia. O que é certo é que Teresa de Lisieux com a sua intensa e inteligente leitura da Bíblia contribuiu para suprir o que faltou à veneração da Bíblia na Igreja, numa época eclesial que desfavorecia a sua leitura. Nisto ela revela-se filha da escola espiritual do Carmelo, que sempre mimou primorosamente a Palavra de Deus, alimentando-se dela copiosamente e pondo-a na base da sua espiritualidade, no seguimento fiel do espírito da Regra primitiva da Ordem: “meditar dia e noite a Lei do Senhor”. Bastaria ler em diagonal

os escritos de João da Cruz, para o comprovar;¹ Teresa de Lisieux até teve acesso a muitos textos da Bíblia através das obras de João da Cruz. A Bíblia teve um papel determinante na sua vida e na sua mensagem. Primeira indicação dessa realidade é o elevado número de citações bíblicas nos seus escritos: cerca de 1.100 (420 do AT e 658 do NT).² No fim da sua vida dizia: “Pela minha parte já não encontro nada nos livros, excepto no Evangelho. Basta-me esse livro”.³ E nos Manuscritos dizia que aos 18 anos só encontrava alimento espiritual em S. João da Cruz, mas que mais tarde todos os livros a deixavam na aridez e que só “a Sagrada Escritura e a *Imitação [de Cristo]* vêm em meu auxílio; nelas encontro alimento sólido e muito *puro*. Mas é sobretudo o *Evangelho* que me vale durante as minhas orações. Nele encontro tudo o que é necessário à minha pobre pequena alma. Nele descubro sempre novas luzes, sentidos escondidos e misteriosos”.⁴ “Este Livro de ouro é o meu amado tesouro”.⁵ As pessoas que a conheceram de perto testemunham que ela teve uma inteligência rara das SE, que lia com penetração e justeza e utilizava a propósito de quase tudo o que dizia.

Estes dados de facto levam-nos a reflectir sobre este fenómeno espiritual em cinco pontos:

- Fontes de leitura da Bíblia usadas por Teresa;
- Contexto cultural e religioso no tocante à leitura e interpretação da Bíblia;
- Como lia a Bíblia Teresa de Lisieux? Critérios e princípios hermenêuticos;
- Influências concretas exercidas pela Bíblia na sua mensagem espiritual;
- Actualidade e valor da sua forma de abordar a Bíblia.

¹ Cf. J. VILNET, *Bible et mystique chez saint Jean de la Croix* (DDB; Études carmelitaines 1959); servi-me da versão espanhola: *La Biblia en la obra de San Juan de la Cruz* (DDB; Buenos Aires 1953).

² Cf. J. COURTÈS, “Les citations bibliques dans la correspondance de Thérèse de Lisieux”, *Revue d’ascétique et de mystique* 44 (1968) 63-85; IDEM, “Les citations scripturaires dans les Manuscrits autobiographiques de Thérèse de Lisieux”, *Revue d’ascétique et de mystique* 44 (1968) 217-231; ambos publicados em *Vie Theresienne* 7 (1967) 38-47.95-103 e 8 (1968) 183-195.

³ Caderno amarelo, 15.5.3. Citamos a partir de S. TERESA DO MENINO JESUS, *Obras Completas*. Textos e últimas palavras (Edições Carmelo; Paço de Arcos 1996).

⁴ A 83^o-v^o. A ideia de *secura* perante “certos tratados espirituais” e da luminosidade na leitura da Sagrada Escritura ecoa na Carta 226 e no Caderno amarelo, 15.5.3.

⁵ Poesia 24, 12.

1. Fontes de acesso à leitura da Bíblia

Como todos os católicos na sua época e tributária dela (1873-1897), Teresa não teve fácil acesso aos Escritos bíblicos. Uma Bíblia integral podia ser consultada com a licença da Priora. Outra Bíblia estava acessível no antecoro; mas talvez nunca a tenha manejado: tal ousadia tornava-se suspeita, porque sabia a “livre exame” (direito de acreditar só o que a nossa razão individual pode verificar); uma censura moral, fortemente tingida de jansenismo, interditava a leitura de textos bíblicos julgados «indecentes». A três séculos de distância, Teresa do Menino Jesus não estava em melhores condições que a Reformadora da sua Ordem, Teresa de Jesus (de Ávila), que tampouco tinha podido dispor duma Bíblia completa em espanhol.

Não tendo a Bíblia integral à sua disposição imediata, arranjou-se como pôde. Antes de entrar no Carmelo conheceu a Bíblia indirectamente, através do livro chamado *Ano litúrgico*, nas *Histórias sagradas* abreviadas, nas *Vidas de N.S. Jesus Cristo* e na *Imitação de Cristo*, tecida de inúmeras citações bíblicas. Antes de entrar no Carmelo, diz ela, “ainda não tinha encontrado os tesouros escondidos no Evangelho.⁶ Sabia de cor quase todos os capítulos da minha querida Imitação de Cristo, pequeno livro que nunca me abandonava”.⁷

Foi no Carmelo, pelo ano de 1892, que ela encontrou os tesouros do evangelho. Trazia sempre com ela um exemplar. Mandou encadernar à parte os quatro evangelhos, rasgados do seu livro *Manual do cristão*; mas ainda era grande de mais; por isso, mandou-os encadernar noutra formato mais pequeno. Trouxe-o literalmente junto do coração,⁸ também como um símbolo. Todas as noviças quiseram seguir esse exemplo original e dispor dos evangelhos em formato “de bolso”. Dispôs igualmente de todo o NT no seu *Manual do cristão*, que também incluía os Salmos. Beneficiou ainda dos cadernos da Celina, onde a irmã tinha

⁶ Não o deve ter lido antes do ingresso no Carmelo: em casa, onde imperava um forte puritanismo religioso, não lhe devia estar permitido; nos ambientes católicos pairava ainda o espírito da proibição tridentina de ler a Bíblia em língua vernácula. Ver abaixo.

⁷ A 47r°.

⁸ Cf. Carta 193, do 30.7.1896.

copiado numerosas passagens bíblicas. Em suma, a julgar pelas citações bíblicas,⁹ pode dizer-se que Teresa leu sobretudo os Evangelhos, as Cartas aos Coríntios e aos Romanos, de forma impressionante os Salmos, bastante de Isaías e Cântico dos Cânticos.

2. Contexto cultural e religioso da leitura da Bíblia no tempo de Teresa

Posto que as fontes a que acedeu para ler a Bíblia eram precárias, perguntamos: e o contexto cultural e religioso na França católica do final do s. XIX em que Teresa viveu? estimulava a leitura da Bíblia?

Para o entendermos, temos de recuar pelo menos à França do s. XVII. E aí achamos um episódio determinante para a história sucessiva da leitura da Bíblia entre os católicos. Em 1677 apareceu em Paris a *Histoire critique du vieux Testament*, onde o Oratoriano Richard Simon afirmava que Moisés não podia ser o autor de todos os livros do Pentateuco. Esta tese histórico-crítica, aliás já defendida pelo judeo-português Baruc Espinosa, foi fatal para Simon e para a sua obra. Por pressão do bispo Bossuet, foi expulso da Congregação dos Oratorianos, que destruiu a edição da obra. A vitória de Bossuet sobre Simon prejudicou a exegese bíblica por parte dos católicos. A rejeição da abordagem científica e crítica da Bíblia como recomendava Simon levou a dois séculos de silêncio católico sobre a Bíblia.¹⁰ A “Enciclopédia” francesa no s. XVIII foi uma poderosa máquina de guerra, em que todos os inovadores e livres-pensadores se juntaram para destruir as crenças do passado. A Bíblia passou a não ser lida nem estudada e tudo o que dela se sabia era quase sempre de segunda mão.

O “século das luzes” (s. XVIII) tampouco foi favorável à leitura da Bíblia. E nos fins do s. XIX na França a situação da leitura da Bíblia era muito complexa.¹¹ Ernest Renan († 1892) (que se tinha preparado

⁹ Cf. *La Bible avec Thérèse de Lisieux* (Textes de Sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus et de la Sainte-Face; Cerf - Desclée de Brouwer 1979) 12-20.307-311.

¹⁰ Cf. M. GILBERT, “Cinquant’anni...”, *Chiesa e Sacra Scrittura* (Subsidia biblica 17; PIB; Roma 1994) 11-12.

¹¹ Veja-se a boa síntese sobre a restauração religiosa na França durante o s. XIX, em L.J.

para o sacerdócio, mas que perdeu a fé) escrevera uma famosa *Vida de Jesus*,¹² que tinha tido um êxito inimaginável pela erudição e vivacidade do estilo mas também provocado grande celeuma entre os católicos: era a visão romântica dum idílio galileu seguido de fracasso, seguido do caminho para a cruz. No virar do século, apareceu o virulento Modernismo, que se insurgia contra a imutabilidade do dogma, processava a filosofia escolástica e estava aberto a todas as correntes de investigação do seu tempo. A. Loisy, racionalista, o maior representante do Modernismo em relação à Bíblia, frequentou no Colégio de França os cursos de Renan sobre os Salmos e foi Professor de Hebraico no Instituto Católico de Paris desde 1882. A sua ousadia na interpretação da Bíblia era tal que o Superior dos Padres de S. Sulpício proibiu os próprios seminaristas de frequentar as aulas de Loisy. O Reitor do Instituto defendeu-o. Mas o Papa Pio X condenou-o com todo o Modernismo, que era mais uma tendência do que um movimento organizado. Tentava-se mas não se conseguia fazer uma teologia satisfatória sobre a inerrância e a inspiração divina das Escrituras. O próprio Reitor do Instituto Católico de Paris, monsenhor D'Hulst, tinha uma explicação inaceitável, rejeitada pelo Papa Leão XIII na sua encíclica *Providentissimus Deus*, de 1893. Com o desenvolvimento da geologia começava a tomar-se consciência da antiguidade do mundo e da raça humana, enquanto as escavações arqueológicas no antigo Próximo Oriente contribuía para forjar o sentido de história e deixavam entender que a Bíblia, especialmente as suas primeiras páginas, não podia ser lida à letra e que oferecia um testemunho diferente do da história propriamente dita.

Tudo isto era sintoma da desconfiança existente então em relação à Bíblia, não só entre os poucos estudiosos, mas outrossim, como consequência, no povo cristão em geral. Para pôr alguma luz nesta escuridão, Leão XIII, a quem em Dezembro de 1887 Teresa tinha

FERNÁNDEZ FRONTELA, "Entorno histórico de Teresa de Lisieux", *Revista de Espiritualidad* 55 (1996) 399-416: de entre as muitas devoções e o esforço de renovação ou restauração religiosa não se encontra nenhum movimento que fomente a leitura da Bíblia.

¹² Apareceu em 1863, editada por Michel Lévy. Encontra-se hoje editada por Gallimard, Paris 1974. *Le Père Lagrange au service de la Bible* (Cerf; Paris 1967) 86. Cf. J. GUITTON, *Portrait du père Lagrange*. Celui qui a réconcilié la science et la foi (Robert Laffont; Paris 1992) 46-63. Cf. B. MONTAGNES, *Le père Lagrange (1855-1938)*. L'exégèse catholique dans la crise moderniste (Cerf; Paris 1995) 112-121. Cf. P.-M. BEAUDE, *Tendances nouvelles de l'exégèse* (Le Centurion; Paris 1979) 9-21.

falado em Roma, publicou em 1893 a sua encíclica para promover o estudo e a leitura da Bíblia na Igreja, especialmente nos Seminários, onde se formavam os futuros sacerdotes. Não advieram, porém, os benefícios esperados com este escrito do Papa, que pretendia defender a Bíblia de desvios originados em campo católico e dirimir questões bíblicas (inerrância e inspiração) que desde o Concílio Vaticano I (1869-1870) tinham atraído de forma crescente a atenção dos estudiosos, sem reflexos na vida religiosa do povo. Os métodos histórico-críticos de análise da Bíblia tinham recebido um impulso decisivo nos fins do s. XIX no protestantismo liberal. Mas os exegetas católicos só timidamente (muito poucos) os praticavam; eram refreados e sentiram entraves até Pio XII. O francês dominicano M.-J. Lagrange fundara a Escola Bíblica de Jerusalém em 1890. Mas tinha sido imediatamente contestada por católicos apologetas e denunciada a Roma como “racionalista e até protestante”. O P. Lagrange preparou um comentário científico ao livro do Gênesis. Mas o Papa Pio X em pessoa proibiu em 1907 a sua publicação, que continuava proibida em 1935. Em ambiente católico não se publicavam estudos sérios sobre o Gênesis, o Êxodo ou Isaías: os exegetas evitavam-nos, conscientes dos graves problemas históricos e teológicos que então punha o Antigo Testamento, azado a controvérsias. A crise Modernista impediu os católicos de beneficiarem dos frutos da exegese inaugurada no tempo de Teresa de Lisieux.

Só há dez anos Jean Guitton revelou um episódio em que ele foi interveniente. Em 1935 Guitton visitou o P. Lagrange em Jerusalém e este pediu-lhe que redigisse um texto dirigido à S. Sé sobre a necessidade de favorecer a investigação dos exegetas católicos. Este documento foi entregue, por mão do Secretário de Estado cardeal Pacelli, ao Papa Pio XI em 1937, assinado por universitários franceses. Guitton dizia aí que “o desagradável desacordo entre o ensino comum da Igreja e o ensino dos grandes estudiosos tem consequências deploráveis entre as pessoas cultas e entre as humildes”. Depois mostrava como o clero estava pouco preparado e pedia maior liberdade para os estudiosos católicos, desanimados ou refugiados no silêncio. Segundo refere Guitton, estas observações impressionaram Pio XI, mas ele já não se sentia à altura de responder a este “dossier”.¹³ Fê-lo Pio XII, subido em 1939 ao sólio

¹³ O cardeal Tisserant, amigo de Pio XI, confiou a Guitton que Pio XI teria dito: “esta questão bíblica é tremenda (“redoutable”); deixo-a ao meu sucessor”: o fascinante relato do encontro

pontifício, com a encíclica de 1943 *Divino afflante Spiritu*, que fomentava amplamente o estudo e a leitura da Bíblia e marcava neste ponto a decisiva viragem de mentalidade. Mas a nova mentalidade demorou a impor-se. Em 1950 o biblista francês Célestin Charlier ainda descrevia assim o ambiente relativo à leitura da Bíblia entre os católicos:

Tudo o que a grande maioria dos católicos dos nossos dias sabe da Bíblia resume-se ao que ainda recorda de duas ou três perguntas e respostas – muito curtas e um pouco sibilinas – que lhe dedicava o seu catecismo. A grande maioria nunca viu uma Bíblia completa e só muito poucas vezes um Novo Testamento... Da História Sagrada recordam apenas alguns episódios, sempre os mesmos e escolhidos entre os menos interessantes... O Dilúvio, as hecatombes de Josué, a baleia de Jonas, são afinal um bom pretexto para sorrisos cépticos e para dúvidas, de resto pueris, para a sua fé mal estruturada... Mesmo entre os católicos mais cultos, mesmo entre o clero, encontramos preconceitos rígidos e erros aflitivos. Quantas vezes poderemos ouvir a observação: «Ler a Bíblia? Mas é um livro protestante!» Encontram-se, no ensino, sacerdotes cheios de zelo e religiosos bem intencionados, que dissuadem com vivacidade e tenacidade aqueles que os consultam de lerem a Bíblia completa e especialmente o Antigo Testamento: «É fácil perder a fé, lendo-a; está cheia de maus exemplos»... De entre cem sacerdotes, e de entre mil religiosos, é provável que se não encontre um só que tenha lido uma só vez toda a Bíblia... Quanto ao cristão vulgar, o seu livro preferido não é a Palavra de Deus inspirada, nem sequer o missal, mas a *Imitação de Cristo*, ricamente encadernada e ilustrada no estilo de São Sulpício... Assim são as coisas vistas com lealdade. E porquê?... No momento em que se deu a crise protestante, a Bíblia já não desempenhava na Igreja o papel que lhe era atribuído até ao s. XIII, no quadro vivo da liturgia como fonte quase exclusiva da oração, do pensamento e da inspiração cristã... A Contra-Reforma foi instinto de conservação. Deslocada violentamente do seu contexto vivo, a Bíblia tornava-se nas mãos dos protestantes, uma arma terrível, e por isso era necessário correr o mais depressa possível. O mais seguro, de momento, era salvaguardar a Tradição, regulamentando um pouco o uso da Bíblia

é da lavra do próprio J. GUITTON, *Portrait du père Lagrange*. Celui qui a réconcilié la science et la foi (Robert Laffont; Paris 1992) 105-119. Cf. também M. GILBERT, “Cinquant’anni...”, *Chiesa e Sacra Scrittura* (Subsidia biblica 17; PIB; Roma 1994) 27.

pelo povo. Foi desta preocupação que nasceram diversas medidas tomadas pelo Concílio de Trento: o decreto sobre a autenticidade da Vulgata latina e a proibição de ler a Sagrada Escritura nas suas traduções em língua vulgar desde que não viessem acompanhadas de breves notas conformes à doutrina católica... Infelizmente, os resultados ultrapassaram o objectivo dos legisladores. Foi-se introduzindo subrepticamente uma certa desconfiança relativa à Palavra de Deus. E, facto mais grave ainda, esta desconfiança sobreviveu às circunstâncias que a haviam motivado. Apesar de os ecos das lutas religiosas se desfazerem pouco a pouco, o católico dos séculos XVII e XVIII perdia progressivamente o hábito de ler a Bíblia, em que via apenas a fonte das «variações das Igrejas protestantes». De resto, este abandono era acompanhado de perto pela decadência da liturgia. A Bíblia perdia assim o seu natural apoio – o quadro e a ambiência vital que a tradição escriturística constitui. Por isso, já não é de estranhar que no s. XIX a crítica histórica, nascida do livre exame e do racionalismo enciclopedista, parecesse abalar até aos seus fundamentos a fé na revelação divina das Escrituras. Há quarenta anos apenas a crise modernista, no apogeu da sua evolução, parecia vir confirmar a impressão de que todas as heresias nascem da leitura da Bíblia. Como resultado, no fim do s. XIX e no princípio do s. XX, a consciência católica encontrava-se, em relação à Bíblia, numa atitude sensivelmente análoga à que era vulgar em relação à Eucaristia... O espírito jansenista, que tinha ganho grandes massas de católicos arrebatados, pretendia reservar pouco a pouco o Corpo do Senhor para uma espécie de elite moral. Foi, no fundo, este mesmo espírito que acabou por tornar a Palavra de Deus... privilégio exclusivo duma elite intelectual ainda mais restrita... Durante a maior parte do s. XIX, a maioria dos representantes do pensamento católico tinha-se afastado do movimento de ideias que transformava o mundo, fechando-se numa posição de defesa. Nunca na história da Igreja a exegese bíblica tinha assumido uma atitude mais deliberadamente conservadora e até retrógrada.¹⁴

Este ambiente de 1950 era pouco diferente do da época de Teresa, ainda mais restritivo. Realmente, na década de 1890 imperavam em grande força as perniciosas consequências do espírito do *jansenismo*, que perduraram no povo cristão até meados do s. XX; esta

¹⁴ *A origem e a interpretação da Bíblia* (Biblioteca do pensamento católico 6; Editorial Aster; Lisboa 1959 [original: *La lecture chrétienne de la Bible*, Maredsous 1950]) 8-13.

doutrina, promovida pelo bispo holandês Jansênio no s. XVII, punha em relevo a corrupção da natureza humana pelo pecado original, pretensamente baseada na teologia de S. Agostinho; apontando para a Igreja relaxada, pretendia formar nela uma sociedade mais pura, dificultava a prática dos sacramentos e defendia uma interpretação rigorista das exigências morais, sugerindo cadeias de penitências e privações aos seus seguidores.¹⁵

Acresce que durante séculos a Bíblia foi pretexto para *disputas entre católicos e protestantes*. Como os protestantes com a sua rebelião contra a instituição eclesiástica ficaram só com a Bíblia como característica abandonando a Tradição da Igreja, os católicos refugiaram-se na Tradição e distinguiam-se pela Eucaristia. É verdade que a missa incluía duas leituras bíblicas, mas ao católico explicava-se que para “ouvir” missa bastava chegar ao Credo ou Ofertório; e, se chegava ao princípio, ouvia as leituras em latim, ininteligível, com o celebrante de costas voltadas e enquanto se rezava o terço. A situação dos sacerdotes não era melhor e até era a causa dessa mentalidade entre os fiéis: a sua escassa e mínima formação bíblica completava o círculo vicioso.

Já desde o s. XIX as *Sociedades bíblicas*, protestantes, tinham vindo a fazer um esforço admirável de tradução e difusão da Bíblia. Mas distribuía a Bíblia sem notas e comentários, para não os considerarem tendenciosos. Todavia, alguns ousados propagandistas e certas seitas fanaticamente anti-romanas e tendenciosas contribuíram para o conflito entre católicos e protestantes, que durou um século (entre meados do s. XIX e meados do s. XX). Sociedades bíblicas interconfessionais nasceram na Alemanha no princípio do s. XIX. Mas foram logo dissolvidas pelo Papa Pio VII. Sucederam-se várias condenações. Em 1846 Pio IX escrevia com estilo afogueado na encíclica *Qui pluribus*:

Vós conheceis bem... os monstruosos erros e os artifícios que empregam os deste século para fazer uma guerra encarniçada à religião católica... Tal é a finalidade destas pérfidas sociedades bíblicas que renovam a antiga tática dos hereges, que não cessam de espalhar, num número imenso de exemplares e com grandes despesas, os livros das divinas Escrituras, traduzidos contra as santas regras da Igreja em todas as línguas vulgares e

¹⁵ Cf. F. IBARMIA, *Teresa de Lisieux*. Temas fundamentales (Karmel 33; Ed. Monte Carmelo; Burgos 1997) 7-12.

muitas vezes explicadas num sentido perverso... O pontífice, de gloriosa memória, a quem sucedemos..., Gregório XVI, seguindo nisso o exemplo dos predecessores, reprovou estas Sociedades pelas suas Cartas apostólicas; nós queremos também que elas sejam condenadas.¹⁶

Num *Syllabus* de 8.12.1864, o mesmo Pio IX englobou as Sociedades bíblicas (juntamente com o Socialismo, o Comunismo e as sociedades secretas) entre as *pestes* que é necessário condenar. Em vida de Teresa, a encíclica de Leão XIII *Providentissimus Deus* em 1893 e a Constituição de 1897 mantiveram as condenações. Portanto, as Sociedades bíblicas foram mais um factor a contribuir para o afastamento dos católicos da leitura da Bíblia.

A viragem que Pio XII tinha preconizado com a sua encíclica sobre a leitura da Bíblia só encontrou eco definitivamente nos apelos veementes do Vaticano II: “É preciso que os fiéis tenham fácil e largo acesso à Sagrada Escritura”¹⁷. “O Santo Sínodo recomenda insistentemente a todos os fiéis... a leitura assídua da Escritura, para adquirirem ‘a ciência suprema de Jesus Cristo’ (Fil 3,8)... Acudam de bom grado ao próprio texto: na liturgia, na leitura espiritual... Recordem que a leitura da Sagrada Escritura deve ser acompanhada pela oração, para que se realize o diálogo de Deus com o homem”.¹⁸ “Como a vida da Igreja se desenvolve com a participação assídua no mistério eucarístico, também é de esperar que receberá novo impulso de vida espiritual com a redobrada devoção à palavra de Deus, que permanece para sempre”.¹⁹ Em virtude desta insistência do Concílio, hoje estamos habituados a pensar todas as famílias católicas com a sua Bíblia em casa. Mas essa situação é recente e foi-se *preparando muito lentamente*. Foi o movimento litúrgico, que tomou corpo e estendeu a sua influência depois da primeira guerra mundial, a dar o primeiro impulso. Sintoma disso foi o êxito dos Missais traduzidos para os fiéis. O saborear dos trechos bíblicos da liturgia abriu o apetite e o gosto pela leitura da Bíblia integral. A leitura pessoal, simultânea e plural do mesmo texto em

¹⁶ Texto traduzido em S. De DIETRICH, *Uma palavra sempre viva: a renovação bíblica, hoje* (Ed. Perpétuo Socorro; Porto, s.d.) 220.

¹⁷ *Dei Verbum*, 22.

¹⁸ *Dei Verbum*, 25.

¹⁹ *Dei Verbum*, 26.

missais individuais abriu a passagem para a experiência da Palavra bíblica. O movimento litúrgico desencadeou o movimento bíblico, especialmente com Pio XII, que abençoou e estimulou ambos os movimentos com uma encíclica para cada um: a *Mediator Dei* sobre a liturgia e *Divino afflante Spiritu* sobre a leitura da Bíblia.

Isto é o que a maior parte dos católicos herdou. Mas no tempo de Teresa a relação do cristão com a Bíblia era quase nula ou de distância crítica. O ambiente religioso em que ela viveu era, pela cadeia de factores culturais e religiosos examinados, dramaticamente desfavorável à leitura da Bíblia. Teresa contrariou vigorosamente essa tendência. Não tendo recebido a mais básica formação bíblica, deu-lhe a máxima importância para a sua vida, fazendo do evangelho “o seu mais querido tesouro”, donde tirava coisas novas e antigas. Como foi possível isto? Tentemos perceber o fenómeno nos dois pontos seguintes.

3. Como lia a Bíblia Teresa de Lisieux? Critérios e princípios hermenêuticos

Teresa tinha viva fé na força e inspiração da Palavra de Deus, pensando que aí podia conhecer o pensar de Deus,²⁰ a Verdade sobre Deus e sobre o homem, a Verdade com maiúscula – como já insistia S. Gregório Magno: “aprende a conhecer o coração de Deus nas palavras de Deus”.²¹ Ela percebeu, com a mais genuína e constante Tradição da Igreja, que os livros da Bíblia, especialmente o NT, continham para a fé uma riqueza qualitativa superior, de natureza diferente da de qualquer livro de espiritualidade. Percebeu, e bem, que eram o depósito original da revelação divina, acontecida plenamente em Jesus Cristo, de carácter único e irrepetível; realmente são o primeiro eco escrito da fé da Igreja apostólica em Jesus como “Cristo” e Filho de Deus; são o primeiro testemunho escrito e a imagem canónica da revelação plena de Deus; por isso, para a fé da Igreja são Palavra de Deus, por Ele inspirada. O Jesus que ela aprendera a amar desde criança podia ser

²⁰ “Perscrutava a Sagrada Escritura para conhecer o carácter do bom Deus” (Processo do Ordinário (1910-1911), p. 275).

²¹ PL 77, 706.

conhecido mais aprofundadamente no seu “evangelho” e assim podia ser mais amado. É, pois, natural que o seu amor por Jesus Cristo não se satisfizesse senão com o Livro que a punha em contacto com Ele. Mas como o entende e se serve dele?

O método teresiano de abordagem e utilização da Bíblia é diversificado. Ela lia a Bíblia em espírito de oração, meditava-a, ruminava-a: fazia *lectio divina*, leitura espiritual. Da leitura contemplativa hauria fé e amor. Em situações importantes ou problemáticas, abria o evangelho, por vezes à sorte,²² para simplesmente o escutar ou para o questionar segundo um eixo de interesse concreto, descobrindo sempre um sentido profundo e vital: “Um dia em que pensava no que podia fazer para salvar as almas, uma passagem do evangelho deu-me uma viva luz”,²³ “depois de ter lido a tua carta fui rezar; pegando no evangelho pedi a Jesus para encontrar uma passagem para ti e eis o que me saiu: «considerai a figueira...»”.²⁴ Outras vezes reelaborava o texto bíblico,²⁵ não hesitando em mudar alguma palavra para obter a iluminação mais precisa do ponto em foco. No epistolário, onde se observa o encadeamento de textos bíblicos, não se pode dizer que cita: incorpora, apropriando-se do sentido e sublinhando o que queria.²⁶ Teve o grande dom de re-potencializar e re-funcionalizar as Sagradas Escrituras, ampliando ou abreviando.

Habitualmente, porém, recorria à Sagrada Escritura para iluminar os acontecimentos mais emergentes ou simplesmente os momentos da sua vida concreta. A sua não era uma abordagem intelectual mas vital, feita no interior da sua experiência humana e espiritual. Lia a Bíblia realisticamente a partir da própria vida, para a iluminar com a luz do texto. Compreendia-a vivendo-a; e compreendia melhor a sua vida à luz da Bíblia. Esta forma de a ler é a que em definitivo interessa ao leitor que nela procura iluminação para os momentos da sua vida. Aliás

²² Indica essa operação com a frequente expressão “j’ai tiré dans l’evangile”: cf. Caderno amarelo, 6.6.9; 6.8.3; Carta 193...

²³ Carta 135.

²⁴ Carta 143.

²⁵ Exemplo disso é a “concordância pascal”, ensaio de harmonização das narrações evangélicas sobre a ressurreição de Jesus, trabalho do género do dos “quatro evangelhos num só”, de sério rigor, apesar de hoje reconhecido como inaceitável (cf. *Obras completas*, pp. 1347-1348).

²⁶ Cf. G. GAUCHER, “Introduction”, *La Bible avec Thérèse de Lisieux* (Textes de Sainte Thérèse de l’Enfant-Jésus et de la Sainte-Face; Cerf - Desclée de Brouwer 1979) 9-41.

está em linha com a proposta dos hermeneutas contemporâneos na chamada “*Hermenêutica existencial*”. Descoberto o sentido literal do texto bíblico por meio da exegese ou dos métodos de análise histórico-crítica e literária, é preciso entendê-lo como uma linguagem que fala à inteligência e ao coração do leitor ‘situado’ hoje e aqui, tentando entender-se a si próprio diante de Deus; compreende-se um texto bíblico quando o leitor se deixa ‘compreender e explicar’ por ele, quando sente a sua vida agarrada e transformada pela mensagem do texto.²⁷

Assim procedeu Teresa com a Bíblia. Não descuidava o *sentido literal* na medida do possível;²⁸ confiou à Ir. Genoveva que “se tivesse sido sacerdote, teria estudado a fundo hebraico e grego para conhecer o pensamento divino tal como Deus se dignou exprimi-lo na nossa linguagem humana”.²⁹ Isto é da maior modernidade e alinha com a *Dei Verbum* (nº 12) e com o documento da Pontifícia Comissão Bíblica *A interpretação da Bíblia na Igreja*, que dizem ser pelo sentido literal que passa a Palavra de Deus aos homens.³⁰ Mas essa também é a melhor base para a ideal “hermenêutica existencial”, em ordem a evitar o escolho do puro subjectivismo na leitura da Bíblia: ligar a compreensão existencial do texto ao seu sentido literal, àquilo que o texto quis dizer.

²⁷ “A actualização é possível porque a plenitude de sentido do texto bíblico lhe dá valor para todas as épocas e todas as culturas... A mensagem bíblica pode simultaneamente relativizar e fecundar os sistemas de valores e as normas de comportamento de cada geração... Actualização não significa manipulação dos textos. Não se trata de projectar nos escritos bíblicos opiniões ou ideologias novas, mas de procurar sinceramente a luz que eles contêm para o tempo presente”: Documento da Pontifícia Comissão Bíblica, *A interpretação da Bíblia na Igreja*, IV, A, 1. A “hermenêutica existencial”, embora redescoberta recentemente com ênfase e com nome novo por R. Bultmann, E. Fuchs e G. Ebeling, é uma preocupação tão antiga quanto a leitura dos textos bíblicos por leitores crentes; como a que fizeram do AT os autores do NT. Cf. R. MARLÉ, *Le problème théologique de l’herméneutique* (Ed. de l’Orante; Paris 1963) pp. 11-26.57-156 da tradução italiana; e ainda R. MARLÉ, *Hermenêutica e catequese* (Ed. Vozes; Petrópolis 1973); P. GRELOT, “Que penser de l’interpretation existentielle?”, *ETL* 43 (1967) 420ss.

²⁸ Sentido literal é o sentido que os autores bíblicos quiseram dar às suas palavras dentro do contexto global; é o sentido que em qualquer discurso humano se comunica por palavras ordenadas em frases e unidades mais amplas de discurso segundo o uso corrente. O sentido não é veiculado por palavras tomadas em si mas em geral por mais amplas ou completas unidades de discurso.

²⁹ Processo do Ordinário, p. 275.

³⁰ “O sentido literal da Escritura é o que foi expresso directamente pelos autores humanos inspirados. Sendo fruto da inspiração divina, este sentido é também querido por Deus, autor principal. Detecta-se mediante uma análise precisa do texto, situado no seu contexto literário e histórico. A tarefa principal da exegese é de realizar esta análise, utilizando todas as possibilidades de investigação literária e histórica, em vista da definição do sentido literal dos textos bíblicos com a maior exactidão possível” (*A interpretação da Bíblia na Igreja*, II, B, 1). Cf. também *Divino afflante Spiritu* de Pio XII: *EB* 550.

Foi assim que fez Teresa. Só a título de exemplo, sirva-nos o caso do ingente e atroz sofrimento que assolou toda a família por causa da gravíssima doença do pai, que enlouqueceu: “Quanto sofremos!... E era ainda apenas o princípio da nossa provação”.³¹ Então serviu-se das profecias de Isaías sobre “o Servo sofredor”, “o Servo de Jahvé” para iluminar esse momento e aspecto da vida: “não tinha beleza nem aspecto estimável, desprezível e abandonado dos homens, varão de dores...” (Is 53,2-3). Releu, reinterpretou esses textos em função da sua realidade presente. Fez exactamente o que fizera a Igreja apostólica e os evangelistas, que, para descreverem o sofrimento, a paixão e a morte de Jesus, recorreram a esses mesmos textos. Teresa leu-os no interior duma experiência pessoal e duma leitura eclesial conjuntural (a devoção à Santa Face, que os textos do “servo sofredor” tinham inculcado). Nesta releitura, deseja para si própria o que aconteceu a Jesus, servo sofredor: “Como o de Jesus, eu queria que «o meu rosto ficasse verdadeiramente escondido; que ninguém na terra me reconhecesse». Tinha de sofrer e de ser esquecida”.³² Desta forma, ela converteu a Bíblia para a sua vida.

Com frequência também ia à Bíblia fundamentar e *confirmar certezas ou intuições próprias*, à procura de argumentos para reafirmar as próprias ideias. Esta forma de leitura da Bíblia, muito própria dos teólogos do seu tempo, que procuravam argumentos para alicerçar e escorar apologeticamente as próprias teses, seria em princípio incorrecta. Hoje é óbvio que a Bíblia tem de ser lida com abertura de espírito, na disposição de acolher o que ela quer dizer, sem lhe fazermos dizer o que queremos que ela diga. Mas Teresa não procedia como a *Apologética* do seu tempo para provar teses. Estabelecia um diálogo vivo e pessoal, procurando a verdade de Deus para ela. E como ela, na sua consistente formação religiosa, tinha recebido ideias de diversas procedências orais e escritas onde abundavam ideias da Bíblia, é questionável se era a Bíblia a confirmar as suas ideias ou se as suas ideias tinham vindo indirectamente da própria Bíblia. Em realidade, Teresa dialogava com Deus através dum texto sagrado considerado Palavra de Deus pela fé. Tal procedimento não é ideal porque pode acontecer que o que o leitor vê no texto não esteja lá e, portanto, não é Palavra de Deus, pelo menos não nesse texto. Mas também é verdade

³¹ A 72rº.

³² A 71rº.

que o Espírito de Deus pode sugerir através dum texto bíblico valores novos e bons pensamentos espirituais subjectivos que elevam para Deus e suscitam boas relações humanas. É assim que ainda hoje procedem muitos leitores simples, que nem suspeitam qual possa ser o sentido literal do texto que lêem, mas que dele retiram alimento espiritual. É também nesse sentido que a Bíblia não é uma palavra do passado, mas linguagem viva e dinâmica que deve iluminar o presente. A leitura da Bíblia foi um facto teológico pelo qual aconteceu revelação do Espírito de Deus a Teresa: também fez experiência de Deus por meio da Bíblia.

Ao iluminar a existência, a Bíblia realizava-se e falava-lhe “hoje”: “em mim realizam-se as palavras do Sl 22: «O Senhor é meu pastor, nada me faltará...Conduz a minha alma sem a fatigar; mesmo que descesse ao vale da sombra da morte, não temeria nenhum mal, porque Vós estardéis comigo, Senhor»”.³³

Acima de tudo, Teresa lia a Bíblia em comunhão viva com a Igreja, o que também minimiza algumas das limitações formais da sua abordagem da Bíblia: ela entendia-a como na Igreja do seu tempo, contagiada por várias influências eclesíásticas orais e escritas. E porque lia a Bíblia com a Igreja, Teresa tinha um apurado sentido da sua unidade: lia os textos bíblicos em eco uns com os outros e, de forma muito moderna, com uma releitura decididamente cristocêntrica, como fez a própria comunidade apostólica, que reinterpretoou o AT como se este já falasse de Jesus, O anunciasse, O prefigurasse.

Se é verdade que alguns textos em particular marcaram, iluminaram e orientaram etapas decisivas da sua vida, a relação de Teresa com a Bíblia não se pode medir pelo número de citações de textos explícitos; ultrapassa-as. A Escritura não lhe facultava só um texto de apoio à sua experiência espiritual e à sua doutrina: determina-as, no sentido de que nascem da meditação da Escritura. O ler a Bíblia para ela significava deixar-se transformar e impregnar pelo espírito (com maiúscula e com minúscula) que do texto emanava e que o tinha inspirado. Ela foi encontrando e assimilando o Espírito daquela palavra que a ia transformando por dentro até conseguir uma certa conaturalidade com Ele. É aí que se encontra a razão última do carácter bíblico dos seus escritos, de acordo com a *Dei Verbum*, 12: “a Sagrada Escritura deve ser lida e

³³ A 3r^o. Igualmente em C 21v^o: “Realizava-se em nós esta passagem da Escritura...[Pro 18,19]”.

interpretada no mesmo Espírito com que foi escrita”. É desta maneira que a Bíblia faz o melhor serviço aos seus leitores: comunicando-lhes uma forma de pensar, quase uma segunda natureza, um estilo de acção, na linha do recomendado a Timóteo por Paulo: “Mantém o que aprendeste e no que acreditaste, consciente de quem to ensinou (sua avó e sua mãe, judias) e também que desde criança conheces as sagradas Letras. Elas podem dar-te a sabedoria que conduz à salvação pela fé no Messias Jesus. Toda a Escritura inspirada por Deus também é útil para ensinar, repreender, corrigir, educar na rectidão; assim o homem de Deus será competente, perfeitamente equipado para qualquer boa tarefa” (2Tim 3,14-16). A Bíblia não toca todos os aspectos concretos da vida humana moderna (segregação racial, aborto, graves conflitos laborais entre patronato e proletários...), mas vai gerando no seu leitor assíduo um espírito que sugere aquilo que se deve fazer e decidir em cada momento, mesmo perante o desconhecido.

O quadro das formas de Teresa usar a Bíblia confirma como esta era viva e importante para ela. E, se a sua aproximação da Bíblia era diversificada, era simultaneamente unificada pela perspectiva essencial da sua leitura: o amor a Jesus. O que a levou a esse sucesso foi a “ciência do Amor”, como ela dizia.

4. Influências concretas da Bíblia na mensagem espiritual de Teresa. Que ideias tirou dela e com que benefícios?

O magistério espiritual de Teresa tem um marcado carácter bíblico. A Escritura enche, configura e estrutura os seus escritos e a história da sua alma. A sua leitura meditada e rezada enriqueceu e deu profundidade ao seu pensamento, alargou em várias direcções os horizontes da sua vida ou certificou-a de que a sua vida seguia caminhos seguros: “a vossa palavra é a lâmpada que alumia os meus passos”³⁴. Vários textos bíblicos pautaram a sua caminhada humana e foram determinantes para

³⁴ C 4rº.

os *pontos nevrálgicos da sua doutrina espiritual*.³⁵ Anotemos os principais:

– Foi por virtude de textos bíblicos que ela situou toda a sua vida na perspectiva da *misericórdia* e da relação gratuita com Deus.³⁶ Quando recebeu a ordem de escrever a “história da sua alma”, ao pegar na pena num relance retrospectivo passou-lhe pela mente toda a sua vida, como no *flashback* (recapitulação retrospectiva) dum filme. Então viu a sua vida iluminada pelo brilhante holofote da misericórdia gratuita de Jesus, que se dignou tratá-la com predilecção, como fizera com os seus discípulos: “Abrindo o evangelho, os meus olhos caíram sobre estas palavras: ‘Jesus, tendo subido a um monte, chamou a Si os que Ele quis...’ Eis todo o mistério da minha vocação, da minha vida inteira... Ele não chama aqueles que são dignos mas aqueles que quer ou, como diz S. Paulo, «Deus... usa de misericórdia com quem quer usar de misericórdia»”.³⁷ No mesmo contexto imediato cita cinco vezes o SI 88,2: “Só quero começar a cantar o que deverei repetir eternamente: «as misericórdias do Senhor»”.³⁸ Para abrir a narração da sua história ainda recorre ao SI 102,8: “o Senhor sempre foi compassivo e cheio de bondade para comigo... tardo em castigar e abundante em misericórdia!”.³⁹ Aqui está toda a sua vida resumida e contemplada ao espelho de vários textos bíblicos, que se iluminam mutuamente, exprimindo todos a misericórdia do Deus da pura graça.⁴⁰

³⁵ Cf. P.-M. JERUMANIS, “Un maître pour pénétrer dans la parole de Dieu”, *Thérèse de l’Enfant-Jésus, Docteur de l’Amour* (Centre Notre-Dame de Vie; Édition du Carmel; Venasque 1990) 33-58; R. LLAMAS, “Santa Teresita y su experiencia de la Palabra de Dios”, *Revista de Espiritualidad* 55 (1996) 267-324; IDEM, “La Biblia, fuente espiritual en la vida y en el mensaje de Santa Teresa de Lisieux”, *Ephemerides Carmeliticæ* 32 (1981) 125-153; R. MORETTI, *Teresa de Lisieux e la Bibbia*. Una spiritualità attinta dalla parola di Dio (Roma 1973); G. GAUCHER, “Par-dessus tout l’Évangile”, *L’Évangile de Jésus* (Centre Notre-Dame de Vie: Série Spiritualité 6; Ed. du Carmel; Venasque 1990) 257-278; G. HELEWA, “La Bibbia sorgente della spiritualità teresiana”, *Teresa di Lisieux: Esperienza e messaggio* (Ed. Teresianum; Roma 1973) 213-234; B. MILLER, “L’Évangile vécu chez sainte Thérèse de Lisieux”, *Bible et vie chrétienne* 25 (1959) 76-86; FRANÇOIS DE SAINTE-MARIE, “L’Évangile, aliment de sa vie” (Conferência de abertura do congresso teresiano de 1947; Instituto Católico de Paris; Paris 1947); IDEM, “Sainte Thérèse de l’Enfant-Jésus et la Sainte Écriture”, *Cahiers Évangile* n°2 (Paris 1951) 41-56; G. GARRONE, “Sainte Thérèse de l’Enfant-Jésus et l’Écriture Sainte”, *Carmel* (1957) 4-15.

³⁶ Cf. F. IBARMIA, *Teresa de Lisieux*. Temas fundamentales (Karmel 33; Ed. Monte Carmelo; Burgos 1997) 85-96.

³⁷ A 2rº.

³⁸ A 2rº.3vº.4rº; C 1rº.3rº. É sintomático que noutros contextos ainda citou o SI 88,2 mais sete vezes: A 40rº.86rº; C 27rº-vº.29vº.34rº; Carta 247; Poesia 48.

³⁹ A 3rº.

⁴⁰ Para este ponto doutrinal, cf. R. MORETTI, *Dio amore misericordioso*. Esperienza, dottrina,

Tal aproximação da Bíblia arranca da situação presente da sua vida (dever escrever a sua ‘história’), sobre a qual projecta o brilho da Palavra de Deus: assim eleva à máxima dignidade e unge do melhor perfume toda a sua existência, vendo-a sob o prisma do divino. A sua ‘história’ desvela um sentido mais profundo lida à luz do texto bíblico. Lê a sua vida na Bíblia e com a Bíblia. Ou seja, a sua história podia ser vista desde diversas perspectivas: sociológica, psicológica, moral, poética, dramática, literária... Teresa apresenta-a na perspectiva do divino por meio de textos bíblicos. O seu espanto perante a graça e a gratuidade do amor de Deus afasta dela qualquer preocupação pelo legalismo.

– É no interior desta perspectiva da misericórdia de Deus que se coloca, inseparavelmente, a doutrina do “*pequeno caminho*” da chamada infância espiritual, que faz parte essencial do seu magistério.⁴¹ Esta atitude de pequenez e de abandono activo à misericórdia de Deus foi posta em evidência particular por Jesus. Teresa apropriou-a, explicitou-a como postura substantiva da vida humana. Aqui o ponto de partida foi um ardente desejo: ser santa. E enquanto S. Agostinho se encheu de coragem dizendo “quod isti et quod istae cur non ego?”,⁴² Teresa sentiu-se pequenina para empresa tão grandiosa; mas em vez de desanimar, reagiu: “O Bom Deus não poderia inspirar desejos irrealizáveis; posso, portanto, apesar da minha pequenez, aspirar à santidade...; quero procurar o meio de ir para o Céu por um pequeno caminho, bem direito, muito curto, um pequeno caminho completamente novo. Estamos num século de invenções... O ascensor substitui a escada... Eu também queria encontrar um ascensor que me elevasse até Jesus... Então procurei nos Livros Sagrados... o objecto do meu desejo, e li estas palavras saídas da boca da Sabedoria eterna: *Se alguém for pequenino, venha a mim...*; adivinhei que tinha encontrado o que procurava e queria saber, ó meu Deus! o que faríeis ao *pequenino* que respondesse ao vosso apelo. Continuei as minhas buscas e eis o que encontrei: – como uma mãe acaricia o seu filho, assim eu vos consolarei; levar-vos-ei ao colo... O ascensor que me há-de elevar até ao Céu são os vossos braços, ó Jesus! Para isso não tenho necessidade de crescer;

messaggio di Teresa di Lisieux (Spiritualità 8; Libreria Ed. Vaticana; Città del Vaticano 1996), com a fundamentação e justificação teológica da mensagem teresiana.

⁴¹ Cf. F. IBARMIA, “El «caminito» de Teresa de Lisieux”, *Revista de Espiritualidad* 55 (1996) 217-266.

⁴² “O que [puderam] esses [santos] e essas [santas], porquê não eu?”

pelo contrário, é preciso permanecer pequena e tornar-me cada vez mais pequena. Ó meu Deus! excedestes a minha esperança, e eu quero cantar as vossas misericórdias”.⁴³

Não teve pejo de inverter a ordem dos versículos de Isaías e de adaptar algumas palavras à sua própria situação. Isaías não usa a palavra “filho”, mas sim “pessoa, alguém”; todavia, Teresa, que está a pensar em Jesus, insere-a ao mesmo tempo que cristianiza o texto, atribuindo a Jesus as palavras que Isaías pôs na boca de Deus. Esta senda da infância espiritual, esta atitude de abertura ao divino, de confiança no Omnipotente e Pai não foi construída artificialmente com textos da Página Sagrada; brotou da intuição e exprimiu-se com a ajuda da Bíblia: “então procurei nos Livros Sagrados”.⁴⁴ Mas ainda voltou à Bíblia para explicitar melhor as suas intuições: “continuei as minhas buscas...” A Bíblia ajudou-a a verbalizar o que ela já sentia. Para isso não hesitou em acomodar as palavras da Bíblia ao seu sentimento, o que mostra a sua convicção de que a Bíblia é viva e é um pretexto ou meio para o que afinal interessa, a comunhão com Deus.

No Manuscrito B, a estes textos bíblicos Teresa acrescenta os de Sab 6,7 (“a misericórdia é concedida aos pequenos”) e de Is 40,11, para concluir: “o caminho é o abandono da criancinha que dorme sem medo nos braços do seu Pai... Jesus não pede grandes acções mas apenas o abandono e a gratidão”. O que surpreende é que ela não tenha citado explicitamente os grandes e conhecidos textos sobre a atitude espiritual de infância (Mt 11,25-27: “deixai que as crianças venham a mim porque dos que são como elas é o reino de Deus; Eu vos asseguro, o que não receber o reino de Deus como uma criança não entrará nele”; ou 2Cor 12,1-10: “com muito gosto presumirei da minha debilidade, porque assim residirá em mim a força do Messias. Comprazo-me na debilidade..., pois quando sou débil é que sou forte”). Ela conhecia-os e alude implicitamente a eles. Mas não foram esses que fundamentaram essa doutrina.

A importância desta espiritualidade em Teresa é atestada pelo facto de a maior parte das suas citações bíblicas exprimirem este tema

⁴³ A 3rº.

⁴⁴ Cf. F. IBARMIA, *Teresa de Lisieux*. Temas fundamentales (Karmel 33; Ed. Monte Carmelo; Burgos 1997) 109-137.

da pequenez, do abandono à misericórdia de Deus. A experiência do Deus-misericórdia é o centro da doutrina espiritual da Santa, *a nota bíblica de maior relevo* na sua vida e obra. Dessa forma atingiu o coração da revelação bíblica, do A e NT, nomeadamente dos evangelhos e de Paulo. Com efeito, para o homem bíblico tudo é dado pelo Deus Criador, tudo é graça do Deus Libertador e Salvador: o ser humano mais autêntico só se concebe em dependência total do Criador, reconhecendo-se pela fé em situação de criatura e vivendo em aliança com Deus e fazendo obedientemente a sua vontade; não se salva por seus méritos ou por conquista própria; é salvo de graça, por amor e aderindo activamente a esse amor, amando por sua vez. Foi aí que Jesus travou o seu duro combate com os fariseus. Foi aí que Paulo esgrimiu os seus argumentos teológicos contra os judaizantes (cristãos convertidos do Judaísmo).

Para avaliarmos o alcance desta descoberta de Teresa na Bíblia, convém situá-la no ambiente e na concepção das relações da pessoa com Deus em que Teresa se movia. No fim do s. XIX, como ela diz, “por todo o lado, o amor misericordioso é desconhecido ou rejeitado”.⁴⁵ O que se conhecia e pregava era o Deus da justiça vindicativa ou mesmo justiceiro: então a preocupação das pessoas era granjear méritos, como o fariseu da parábola (Lc 18,11-12), com sacrifícios, duras penitências e passando as mais cruéis privações; assim se pensava na maior parte das famílias cristãs, especialmente aristocráticas; assim se pensava e agia também nos conventos. A própria Teresa se faz eco destas ideias e formas de vida quando escreve: “pensava nas almas que se oferecem como vítimas à justiça de Deus, para desviarem e atraírem sobre si os castigos reservados aos culpáveis”.⁴⁶ Num princípio ela própria vivia como todas as suas Irmãs em grande austeridade, imbuída deste espírito jansenista, rigorista. Na meditação da cena evangélica de Jesus com a pecadora pública e da parábola do filho pródigo (que em realidade é a parábola do Deus Pai misericordioso), Teresa descobriu o Deus-Amor misericordioso. Enquanto outras religiosas “se ofereciam como vítimas à justiça de Deus”, Teresa, numa perspectiva bem diferente, fez o “oferecimento de si mesma ao Amor Misericordioso de Deus” com o

⁴⁵ A 84rº.

⁴⁶ A 84rº.

texto conhecido.⁴⁷ E, enquanto habitualmente se opunha o Deus justo ao Deus misericordioso (entendendo ‘Deus justo’ como justiceiro e castigador), ela fala do Deus justo com o sentido de misericordioso: “O Deus infinitamente justo, que se dignou perdoar com tanta bondade os pecados do filho pródigo, não será também justo comigo que estou sempre ao seu lado?”⁴⁸

O curioso é que Teresa, ao dar ao Deus justo o significado de “Deus misericordioso” estava a captar o sentido mais correcto do “Deus justo” na Bíblia. “Justiça” é uma das ideias centrais do AT, onde abundam os paralelos, especificações e contextos matizados, e inclui o que nós chamaríamos justiça distributiva, retributiva, vindicativa e também a justiça social e os direitos do homem. Em muitos contextos não se distingue da misericórdia e do amor. O conceito bíblico de ‘justiça de Deus’ não consiste em que Deus deva alguma coisa ao homem mas no que Deus se deve a si mesmo em vista do bem que quer para o homem. A justiça de Deus prolonga a sua verdade e fidelidade: consiste em realizar os seus compromissos dentro da aliança com o homem e em manifestar assim a sua fidelidade à aliança; o que atesta a justiça de Deus é o cumprimento das suas promessas (postas pela fé na sua boca); Deus manifesta-se justo manifestando a sua misericórdia e o seu perdão ao povo necessitado, realizando para com ele as Suas promessas; a justiça de Deus não se define propriamente por referência a um credor: é fidelidade do amor de Deus a si mesmo por amor ao homem. Na mesma linha de pensamento, Paulo descreve a acção salvadora de Deus em relação a todo o que crê (mesmo do pecador: 4,5; 5,12) como “justiça de Deus” (Rom 1,16), que é em realidade uma reabilitação, amnistia: ou seja, Deus não actua como juiz que paga com base numa lei, mas como soberano que concede um indulto (Rom 5,21; 8,10). Para Paulo, Lei e fé são caminhos incompatíveis entre si (Rom 3,21; 9,31-32; 10,4-11): a observância da lei produz uma “rectidão ou justiça” própria, mérito da pessoa (Rom 10,3; Fil 3,9), que conduz ao orgulho (Rom 3,27: leia-se todo 3,21-31; Ef 2,8-9; Fil 3,3-4). A justiça de Deus,

⁴⁷ Or 6 e Ms B 3vº: “É a minha própria fraqueza que me dá a audácia para me oferecer como vítima ao teu Amor, ó Jesus! Antigamente... para satisfazer a Justiça divina, eram precisas vítimas perfeitas. Mas à lei do temor sucedeu a lei do Amor, e o Amor escolheu-me como holocausto, a mim, fraca e imperfeita criatura”. Cf. F. IBARMIA, *Teresa de Lisieux*. Temas fundamentais (Karmel 33; Ed. Monte Carmelo; Burgos 1997) 185-200.

⁴⁸ A 83vº e 84vº-rº.

longe de ser proporcional aos méritos humanos, manifesta-se pelo facto de Deus “não ter tido em conta os pecados cometidos anteriormente..., para mostrar a sua justiça nos nossos dias, para ser Ele justo e justificador de quem crê em Jesus” (Rom 3,25-26). Portanto, a justiça de Deus ou reabilitação do homem pecador é devida só na medida em que Deus se obriga a si próprio a ser fiel ao homem: é gratuita, é de graça; a única condição para beneficiar da amnistia de Deus é a fé em Jesus, Ungido de Deus. Não é puramente externa e social: é uma transformação interior que torna o homem agradável a Deus pela fé (Rom 5,1-2).

Ora Teresa, contra a corrente do seu tempo, intuiu na leitura da Bíblia (mais do que descobriu exegeticamente) que a “justiça de Deus” é amor e misericórdia: “a mim foi-me dada a misericórdia infinita; e através dela contemplo... todas as perfeições divinas. Assim todas se me apresentam resplandecentes de amor. A própria justiça (e talvez mais do que qualquer outra) me parece revestida de amor...”.⁴⁹ Esta ideia ela tirou-a da sua experiência pessoal através da Palavra de Deus e com base nesta, sobretudo nos Salmos (Sl 102,8) e no 2ºIs (45,8.21; 51,6.8; 56,1). Mas neste ponto doutrinal, Teresa evoluiu: num princípio vivia no clima rigorista como as suas Irmãs; a um dado momento apercebeu-se que este não era o melhor caminho para a santidade; foi então que, graças à Bíblia, fez a descoberta da senda da infância espiritual: aceitar-se pequena como era, pobre, e abrir-se à misericórdia infinita de Deus.

– Outro recurso a textos bíblicos foi feito por Teresa para compreender *a sua vocação*, o sentido, fim e porquê da sua existência. Esta é uma pergunta que qualquer ser humano que vive em profundidade mais tarde ou mais cedo terá de por-se. Também Teresa a pôs, ela que, apesar de humilde, tinha “desejos que tocam as raias do infinito”.⁵⁰ Com estes anelos, os seus olhos caíram em 1Cor 12-13, onde o Apóstolo descreve as várias funções sociais na comunidade, vistas pela fé como dons do Espírito, concluindo, no ‘hino ao amor’, que o dom mais perfeito não seria nada sem o amor. O amor! Ela, que tinha ficado insatisfeita por não se reconhecer em nenhum membro do corpo de Cristo ou em nenhuma função da Igreja em particular (porque desejava

⁴⁹ A 83vº.

⁵⁰ B 2vº.

ser tudo), sentiu encherem-se-lhe as medidas e os anseios ao perceber que podia situar-se no coração da Igreja ardente de amor, que fazia agir todos os seus membros e encerrava todas as vocações: “Compreendi que o *Amor* encerra todas as Vocações, que o Amor é tudo!...Então, num transporte de alegria delirante, exclamei: encontrei finalmente a minha vocação: a minha vocação é o amor!... Sim, encontrei o meu lugar na Igreja, e esse lugar, ó meu Deus, fostes Vós que mo destes... No coração da Igreja, minha Mãe, eu serei o Amor... assim serei tudo..., assim o meu sonho será realizado!!!...”⁵¹ Isto parece ter constituído o *heureka* de Teresa, expresso à letra no duplo “encontrei”. Para ela, como para Paulo, o amor não é mais um dom entre outros; é o modo, o espírito com que todos os outros dons devem ser exercidos a favor da comunidade. Ela não se identifica com o coração da Igreja, mas diz ser o Amor que está lá, no órgão central da Igreja, o que lhe permite ser “tudo”. Por isso escolheu o símbolo do coração, não mencionado por Paulo.⁵² Portanto, Teresa encontra no texto bíblico resposta aos seus anelos, mas explicita-o, descobrindo nele a plenitude de sentido e a riqueza escondida, na linha do dito da *Dei Verbum*: “a percepção das realidades e das palavras transmitidas progride, quer pela reflexão e pelo estudo dos crentes que as meditam no seu coração, quer pela inteligência interior que experimentam das coisas espirituais” (nº 8); “a Esposa do Verbo incarnado, a Igreja, guiada pelo Espírito Santo, esforça-se por conseguir maior e mais profunda inteligência das Sagradas Escrituras” (nº 23).

Se o achado do Deus-misericórdia é o ponto mais importante do seu magistério, a percepção do alcance da sua *missão* foi a grande cambalhota da sua vida: foi ver que ela tinha uma importante missão a exercer em relação aos humanos: anunciar-lhes que Deus não é castigador mas misericordioso. Essa ideia transformou toda a sua vida por dentro; tornou-se o motor do que fez e disse nos últimos anos.

⁵¹ B 3vº.

⁵² Para a influência de Paulo em Teresa, cf. F. RETORÉ, “De Paul de Tarse à Thérèse de Lisieux”, *Thérèse de l’Enfant-Jésus, Docteur de l’Amour* (Centre Notre-Dame de Vie; Édition du Carmel; Venasque 1990) 59-71; R. MORETTI, *Dio amore misericordioso. Esperienza, dottrina, messaggio di Teresa di Lisieux* (Spiritualità 8; Libreria Ed. Vaticana; Città del Vaticano 1996) 155-161; e L. PAULOT, *Le message doctrinal de Sainte Thérèse de l’Enfant-Jésus à la lumière de Saint Paul* (Juvisy 1934).

5. Valor e actualidade da sua forma de abordar a Bíblia

Por este tratamento da Bíblia, Teresa junta-se à plêiade dos mestres da espiritualidade e merece que os cristãos prestem atenção à sua escola da leitura da Bíblia em busca da “ciência do Amor”, especialmente agora que a Igreja reconheceu no seu magistério oficial que ela tem muito a dizer aos homens ao declará-la Doutora da Igreja (19.10.1997, Jornada Mundial das Missões) – declaração eclesial que parece ratificar as aspirações não contidas e o pressentimento de Teresa quanto à amplitude da sua missão póstuma.⁵³ Já o Papa Pio XI tinha dito que “também ela se tornou uma palavra de Deus”, por “nos ter falado, não por palavras mas por obras”.⁵⁴ É nossa convicção que o maior valor da declaração de Teresa de Lisieux como Doutora da Igreja encerra-o o facto de o reconhecimento da sua doutrina para a vida dos cristãos vir colocar definitivamente uma laje em cima do jansenismo e das suas sequelas, que ainda perduram em algumas franjas do cristianismo. Numa época em que pululavam devoções adventícias e espiritualidades marginais com elementos espúrios que desviavam a atenção dos fiéis do central para o secundário no tocante à relação da pessoa com Deus e às relações humanas, *Teresa voltou ao essencial*, ao “evangelho” manifestado em Jesus,⁵⁵ talvez porque intuiu a sua espessura antropológica e que nele palpitava uma mensagem grávida de vida e para iluminar a vida.⁵⁶ Reduzir, na relação com Deus, tudo ao Amor, não só é de

⁵³ “Sinto a vocação... de Doutor... Apesar da minha pequenez, queria esclarecer as almas como... os Doutores” (B 2vº.3rº). Falando da celeste comunhão dos santos predissera: “Com os doutores [seremos] como os doutores” (Caderno amarelo, 13.7.12; cf. 15.7.5 e A, 2vº.37vº; Carta 182, 1vº). Sem contradizer-se, Teresa também dissera: “Jesus não tem necessidade nenhuma de livros nem de doutores para instruir as almas. Ele, o Doutor dos doutores, ensina sem ruído de palavras” (A 83vº); com isto só significava que considerava o evangelho de Jesus a “carta magna” do cristão.

⁵⁴ Por ocasião da aprovação dos milagres em vista da beatificação de Teresa, acontecida a 24.4.1923.

⁵⁵ Cf. *Voltar ao evangelho*. A mensagem de Teresa de Lisieux (Carta circular dos Superiores Gerais O. Carm. e O.C.D. por ocasião do Centenário da morte de S. Teresa de Lisieux; Roma 16.7.1996) 3.5 e passim.

⁵⁶ “Basta-me lançar o olhar para o santo Evangelho, e logo respiro os perfumes da vida de Jesus e sei para que lado correr” (C 36vº).

actualidade singular mas acertado e bíblico, pois a melhor captação de Deus pela fé é a que O vê como “Amor” e vê que “o amor é de Deus” (1Jo 4,7-21). João sente na fé que o próprio Deus resumiu todas as suas exigências aos homens na pessoa de Jesus numa só lei, “o mandamento novo do amor” (Jo 13,34; 14,15.21). E Paulo assegurava aos cristãos: “Não tendes nenhuma dívida para com ninguém senão a do mútuo amor, pois quem ama o próximo cumpriu a Lei...; a caridade não faz mal ao próximo: é a lei em plenitude” (Rom 13,8-10; cf. Gal 5,14; 6,2). Assim o entendeu e viveu Teresa: não fez mortificações extraordinárias nem ações heróicas brilhantes, não teve visões ou revelações, nem experiências místicas impressionantes, nem método rígido de oração; concentrou e investiu toda a sua vitalidade no amor e no abandono activo de si própria ao Amor misericordioso de Deus, decantado de qualquer elemento perturbador na corrente vital da Bíblia. Se cada pessoa tem que se arranjar para dar sentido à própria existência, a isso também ajuda o pôr-se à escuta da Palavra de Deus. Antecipando-se setenta anos, Teresa sentiu rigorosamente o que o Vaticano II afirmou da Bíblia: “É tão grande o poder e a força da palavra de Deus que constitui sustento e vigor da Igreja, firmeza de fé para os seus filhos, alimento da alma, fonte límpida e perene de vida espiritual”.⁵⁷

De Teresa de Lisieux aprendemos que a frequência da Bíblia em espírito de procura da verdade, de abertura de alma e de oração dá grandes lições de vida. A sua familiaridade com a Bíblia não é resultado do improvisado; é fruto de assídua leitura e gozosa assimilação. Era assim que já concluía S. João Crisóstomo no s. IV: “As substâncias aromáticas espalham um perfume tanto mais forte quanto mais as apertarmos entre os dedos. O mesmo se dá em relação à leitura frequente da Sagrada Escritura: quanto mais familiar se vai tornando mais se nos revela o tesouro que as suas palavras encerram e mais amadurecido o fruto das suas inefáveis riquezas”. Um século depois da morte da recém-proclamada Doutora da Igreja e na esteira do que ela fez, já é hora de os cristãos beberem em abundância desta fonte de vida que é a Bíblia. Este é sem dúvida um dos pontos fortes do magistério de Teresa: ler a Bíblia para iluminar, não o passado, mas o “hoje” de cada leitor.

⁵⁷ *Dei Verbum*, 21.

«Mais tarde
todos os livros me deixaram na aridez...
Nesta impotência,
a Sagrada Escritura e a Imitação
vêm em meu auxílio.
Encontro nelas um alimento sólido e muito puro.
Mas é sobretudo o
Evangelho
que me vale durante as minhas orações.
Nele encontro
tudo o que é necessário à minha pobre alminha.
Nele descubro sempre novas luzes,
sentidos escondidos e misteriosos...
Compreendo
e sei por experiência,
que “o reino de Deus está dentro de nós”».

TERESA DE LISIEUX

Ouvinte e praticante da Palavra de Deus

MANUEL FERNANDES DOS REIS

«Que a espada do espírito que é a palavra de Deus permaneça sempre na nossa boca e nos nossos corações». Se nos vemos em dificuldades com uma alma rebelde, não nos desgostemos, não a deixemos nunca. Tenhamos sempre «a espada do espírito» na boca para a repreender dos seus erros; não deixemos correr, para conservarmos a nossa tranquilidade; lutemos sempre mesmo sem esperança de ganhar a batalha. Que importa o triunfo? O que Deus nos pede é que não nos detenhamos com as fadigas da luta, nem nos desencorajemos dizendo: «Tanto pior, não há nada a fazer, deixemo-la». Oh! isso é cobardia; é necessário cumprir o dever até ao fim».¹

«Não sou um guerreiro que combateu com armas terrestres (Ef 6, 12), mas com «a espada do espírito que é a palavra de Deus (Ef 6, 17). Por isso, a doença não pôde abater-me, e, sem ir mais longe, ontem à tarde servi-me da minha espada com uma noviça. Disse-lhe: Morrerei com as armas na mão».²

¹ UC 6.4.2.

² UC 9.8.1 (Cf. CSG, p. 10). «Li esta manhã uma passagem do Evangelho onde se diz: «Não vim trazer a paz mas a Espada (Mt 10, 34)», só nos resta combater; quando não tivermos

«Pela minha parte, já não encontro nada nos livros, excepto no Evangelho. Basta-me esse livro. Oiço deliciada estas palavras de Jesus que me dizem tudo o que tenho a fazer: «Aprendei de Mim que sou manso e humilde de coração»; então encontro a paz, segundo a sua doce promessa:... «e achareis descanso para as vossas almas». *Disse-me esta última frase, levantando os olhos, com uma expressão celestial; acrescentou a palavra «pequenas» às palavras de Nosso Senhor, o que lhe deu ainda mais encanto: «...E achareis descanso para as vossas pequenas almas...».*³

«Teresa nunca abandonava o livro dos Evangelhos (Ct 193). Penetra na sua mensagem com extraordinária segurança de discernimento. Compreende que na vida de Deus, Pai, Filho e Espírito, «amor e fidelidade se encontram» (Sl 85 / 84, 11). Percorre em poucos anos «uma corrida de gigante» (A 44 v). Descobre que a sua vocação é ser, no coração da Igreja, o próprio amor. Teresa, humilde e pobre, traça a «pequena estrada» dos filhos que se abandonam ao Pai com uma «confiança audaz». Centro da sua mensagem, a sua atitude espiritual é proposta a todos os fiéis».⁴

«Permaneça cada um na sua cela, ou nas suas proximidades, meditando dia e noite a lei do Senhor (Sl 1, 2; Jos 1, 8) e velando em oração (1 Pe 4, 7), a não ser que esteja justamente ocupado em outros trabalhos».⁵

O apreço pela Palavra de Deus

Teresa manifesta o seu inestimável apreço pela Sagrada Escritura, quando, em Julho de 1896, junta a seguinte epígrafe, extraída das

força para isso é então que Jesus combate por nós... Ponhamos juntas o machado à raiz da árvore» (Ct 579. «Se tenho do Guerreiro as armas poderosas (...) A sorrir enfrento os combates / E nos teus braços, ó meu Esposo Divino / Cantando morrerei, no campo de batalha / De armas na mão!...» (P 48, 5). «A minha única *arma* é o amor e o sofrimento e a vossa espada é a da palavra e dos trabalhos apostólicos» (Ct 193).

³ UC 15.5.3.

⁴ J. Paulo II, «Alocução mariana no final da Missa no Hipódromo de «Longchamp», Paris, 24 de Agosto de 1997, em *L'Osservatore Romano*, n. 35, 30 de Agosto de 1997, 400 (10).

⁵ *Regra «Primitiva» da Ordem da Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo, dada por S. Alberto, Patriarca de Jerusalém, e confirmada por Inocêncio IV, n. 8.*

«Palavras de Nosso Senhor a Santa Gertrudes», à sua poesia *Jesus meu Bem-amado, lembra-Te!*

«Minha filha, procura entre as minhas palavras aquelas que respirem mais amor: escreve-as, e depois guardando-as preciosamente como relíquias, cuida de as ler com frequência. Quando um amigo quer reavivar no coração do seu amigo o fogo do seu primeiro afecto, diz-lhe: Lembra-Te dos teus sentimentos, ao dizer-me um dia certa palavra, ou então: Lembra-Te dos teus sentimentos em tal época, em tal dia, em tal lugar?... Acredita, minha filha, as relíquias mais preciosas que ficam de Mim na terra são as palavras do meu amor, as palavras saídas do meu dulcíssimo Coração».⁶

Temos aqui recordada por Jesus, o Amigo, a sacramentalidade da sua Palavra, que serve para «reavivar no coração dos seus amigos, não só o fogo do seu primeiro amor», mas ainda, para ser sacramento do nosso amor a Jesus. É a razão pela qual Teresa fez do «Evangelho o seu tesouro mais querido», porque contém o amor de Jesus por Teresa. O Evangelho ocupa-a na sua oração, que, como «ofício do amor»,⁷ é «uma verdadeira troca de amor»⁸ entre Jesus e Teresa. Teresa, porque amava Jesus, procurava conhecer no Evangelho «o carácter do bom Deus».⁹

A Igreja Católica, ao falar do «cânon das Escrituras» e «do lugar único que o Evangelho ocupa na Igreja», na veneração da Liturgia, e na atracção dos santos, reconhece o amor de Teresa pela Palavra de Deus.¹⁰ Mas o que entende Teresa pela Palavra de Deus?

A compreensão da Palavra

Teresa compreende a Palavra de Deus, no seu verdadeiro sentido bíblico¹¹ e evangélico, a saber, como o mistério de Jesus, a Palavra viva de Deus, revelador e dador da Trindade.

⁶ P 24.

⁷ B 5 r.

⁸ A 46 v.

⁹ CSG, p. 80. «Aqui tens o carácter de Jesus. Dá como Deus mas quer a humildade de coração» (Ct 161).

¹⁰ O *Catecismo da Igreja Católica*, no n. 127, cita Teresa: «É sobretudo o *Evangelho* que me vale durante as minhas orações» (A 83 v).

¹¹ «Teresa acredita na S. Escritura, porque é inspirada pelo Espírito de Amor (B 1 r). Para ela, como

«Se alguém *Me ama, guardará* a minha *palavra* e Nós viremos a ele e faremos nele *a nossa morada*». Guardar a palavra de Jesus, eis a única condição para a nossa felicidade, a prova do nosso amor por Ele. Mas o que é afinal esta palavra?... Parece-me que a *palavra* de Jesus, é *Ele mesmo*... Ele *Jesus*, o *Verbo*, a *Palavra de Deus*!... Diz-nos isto mais adiante no mesmo Evangelho de S. João, rezando ao Pai pelos seus discípulos. Exprime-se assim: «Santificai-os pela vossa *palavra*, a vossa palavra é a *verdade*»; num outro sítio Jesus ensina-nos que Ele é o caminho, a *verdade*, a vida. Sabemos pois qual é a *Palavra* que devemos guardar; não perguntaremos a Jesus como Pilatos: «O que é a *Verdade*?». Possuímo-la, a *Verdade*. *Guardamos* Jesus nos nossos *corações*! (...) Mas também que felicidade pensar que *Deus*, a *Trindade* inteira nos vê, que está em nós e se compraz em nos *considerar* (...) O nosso *Deus*, o *hóspede* da nossa alma bem o sabe, por isso Ele vê em nós com a intenção de encontrar uma morada, *uma tenda Vazia* no meio do campo de batalha da terra. Não pede senão isto e Ele mesmo é o Músico Divino que se encarrega do *concerto*... Ah! se ouvíssemos essa inefável harmonia, se chegasse aos nossos ouvidos uma só vibração!...».¹²

«A *palavra* de Jesus, que é *Ele mesmo*», «habita pela fé no coração de Teresa», como fonte constante de «*inspiração*» e «*iluminação*» da sua «*palavra e acção*».

«Compreendo e sei por experiência que «o reino de Deus está dentro de nós». Jesus não tem necessidade nenhuma de livros nem de doutores para instruir as almas. Ele, o Doutor dos doutores, ensina sem ruído de palavras. Nunca O ouvi falar, mas sei que Ele está em mim. Ele guia-me e inspira-me a cada instante o que devo dizer ou fazer. Precisamente no momento em que delas tenho necessidade, descubro luzes que ainda não tinha visto. Não é durante a oração que elas se me manifestam mais; a maior parte das vezes é no meio das ocupações do dia»¹³.

para o Vaticano II, Deus é o Autor da Bíblia, ainda que por meio de autores humanos (DV 11). Para ela, dizer que Deus é o Autor da Bíblia, não é dizer apenas que a inspirou outrora, mas que fala «hoje» para iluminar a vida do homem» (P. - M. Jerumanis, *Un Maître pour pénétrer dans la parole de Dieu*, em *Thérèse de l'Enfant-Jésus Docteur de l'Amour*, Venasque, 1990, p. 55).

¹² Ct 165. «Teresa viveu antes de escrever. Quis satisfazer toda a sua necessidade de verdade realizando a Palavra de Deus na sua própria existência» (H. U. von Balthasar, *Schwester im Geist*, p. 52). «Onde está o vosso tesouro, aí está o vosso coração (Mt 6, 21)». O nosso tesouro é Jesus e os nossos corações formam apenas um com Ele» (Ct 134).

¹³ A 83 v. «Ela permanece sem cessar à escuta da Palavra de Deus nela» (F. Ouellette, *Je serai*

Por exemplo, é «no meio das ocupações», que ela continua a sua «lectio divina» e medita sobre o mistério do Pai dos Céus e do seu amor por nós.

«Um dia entrei na cela da nossa querida Irmãzinha e fiquei impressionada pela sua expressão de grande recolhimento. Ela cosia com agilidade e no entanto parecia perdida numa profunda contemplação:

«Em que pensas, perguntei-lhe?

- Medito o *Pater*, respondeu-me. É tão doce chamar a Deus *nosso Pai!*...»

E brilharam lágrimas nos seus olhos». ¹⁴

Teresa recebeu «o carisma de compreender e explicar as S. Escrituras» (Lc 24, 25), por «experiência pessoal da Palavra de Deus», ¹⁵ isto é, de Jesus, que a instruiu directamente no seu amor.

«Não precisava de outro guia senão Jesus (...) Para mim Deus não se servia de intermediário mas agia directamente! (...) Queria fazer brilhar em mim a sua misericórdia; porque era pequena e frágil abaixava-se até mim, instruí-me em segredo sobre as *coisas* do seu *amor*... Ah! se os sábios que passaram a vida no estudo tivessem vindo interrogar-me, sem dúvida teriam ficado admirados ao ver uma criança de catorze anos compreender os segredos da perfeição, segredos que toda a sua ciência lhes não pode descobrir, pois para os possuir é necessário ser pobre de espírito!». ¹⁶

Porque era «pequena e frágil», a saber, «pobre de espírito», recebeu, aos 14 anos, a ajuda «directa» da «misericórdia» de Jesus, que, «sem precisar de livros e doutores», se «abaixava até ela», para a «fazer compreender os segredos da perfeição do amor».

«Depois de semelhante linguagem, ¹⁷ não nos resta senão calar-nos, chorar de reconhecimento e de amor... Ah! se todas as

l'Amour. Trajets avec Thérèse de Lisieux, Fides, Québec, 1996, p. 187). «Li uma vez que os Israelitas construíram as muralhas de Jerusalém, trabalhando com uma das mãos e segurando a espada com a outra. É isso que devemos fazer: não nos entregarmos inteiramente ao trabalho... etc» (UC 14.7.1).

¹⁴ CSG, p. 81.

¹⁵ «A tua palavra de fogo / Queima o coração» (P 31, R. 2).

¹⁶ A 48 v - 49 r.

¹⁷ Prov 9, 4; Sb 6, 7; Is 40, 11; 66, 13, 12). Nas suas trevas, na sua fé, é guiada pela Palavra de Deus (Pr 9, 4; Is 66, 13, 12; Sl 88, 2) e encontra o seu pequeno caminho para o Pai (C 3 r).

almas fracas e imperfeitas sentissem o que sente a mais pequena de todas as almas, a alma da vossa Teresinha, nenhuma só desesperaria de chegar ao cimo da montanha do amor, porque Jesus não pede grandes acções, mas apenas o abandono e o reconhecimento...».¹⁸

A sua «experiência da Palavra de Deus» é a sua «experiência cristã», isto é, da pessoa de Cristo,¹⁹ é a sua «experiência espiritual», quer dizer, do próprio Espírito Santo.²⁰ O *Espírito Santo* abre-lhe o sentido das *palavras*.²¹

«Só no Céu veremos a verdade de todas as coisas. Na terra, é impossível. Assim, mesmo em relação à Sagrada Escritura, não é triste ver tantas diferenças de tradução? Se eu tivesse sido sacerdote, tinha aprendido o hebreu e o grego, não me tinha contentado com o latim: assim, teria conhecido *o verdadeiro texto ditado pelo Espírito Santo*».²²

«Jesus alimenta-a a cada instante».²³ «Jesus, o meu Director, faz tudo... eu não faço nada».²⁴ Nela, «tudo é graça!».²⁵ «o seu coração

Para ela, «procurar a verdade» (UC 30.9; 5.8.4) da sua «vocação na Igreja» e do seu «pequeno caminho de santidade», é «escutar a Escritura» e «interpretá-la com a Escritura» (B, 3 r - v; C 2 v - 3 r).

¹⁸ B, 1 v.

¹⁹ «Basta-me lançar o olhar para o santo Evangelho, e logo respiro os perfumes da vida de Jesus» (C 36 v). «O seu sentido da unidade da S. Escritura autoriza-a a fazer uma leitura cristocêntrica da Bíblia. Jesus, o Verbo de Deus, está presente em toda a Escritura, mesmo no A. T. (Lc 24, 44). O amor de Teresa pode encontrar Jesus em cada página da Escritura» (P. - M. Jerumanis, *a. c.*, p. 56).

²⁰ «Como Deus a favoreceu! Que pensa desta predilecção? Penso que «o Espírito sopra onde quer»» (UC 11.7.9).

²¹ «Teresa atém-se ao *Magistério interior* (...) e a Palavra de Deus é para ela a única autoridade definitiva (...) e a «ciência da santidade» é imediatamente ensinada pelo Espírito Santo» (H. U. von Balthasar, *Teresa de Lisieux. Historia de una Misión*, Herder, Barcelona, 2ª ed., 1989, *o. c.*, pp. 53 - 54. 55). «A Sagrada Escritura deve ser lida e interpretada à luz do mesmo Espírito que a fez escrever» (DV 12).

²² UC 4.8.5.

²³ A 76 r.

²⁴ Ct 142. «Mesmo que tivesse realizado todas as obras de S. Paulo, havia de considerar-me ainda «servo inútil», mas precisamente isto é que constitui a minha alegria, pois não tenho nada, tudo receberei de Deus» (UC 23.6).

²⁵ UC 5.6.4. Em contraponto ao *tudo é graça*: «Penso em tudo o que frequentemente nos dizias: Vaidade das vaidades, *tudo é vaidade* (Ecl 1, 2), vaidade da vida que passa, etc. Quanto mais avanço, mais acho que é verdade que tudo é vaidade na terra» (Ct 58). «A única coisa que não é invejada é o *último lugar*, por isso só este último lugar não é vaidade e aflicção de espírito!... (Lc 14, 10; Ecl 4, 4)» (Ct 243).

bíblico converteu-se em rosa bíblica e dele não brotaram senão aromas bíblicos».

A escuta da Palavra

Jesus exorta nos Evangelhos a escutar a palavra de Deus,²⁶ chamando a atenção para o modo de a escutar: «Quem tem ouvidos para ouvir, oiça!»... «Vede como ouvís».²⁷ Teresa fez uma «escuta-prática» da palavra de Deus, ao modo lucano de Maria (Lc 2, 19. 51), «guardando-a no seu coração»,²⁸ e, ao modo joanino, «fazendo a vontade de Jesus», para ser da sua «família», deixando que a Palavra, pelo Espírito, a «faça morada» do amor do Pai.

«A perfeição consiste em fazer a vontade d’Ele, e a alma que se Lhe entrega inteiramente é chamada pelo próprio Jesus «sua Mãe, sua Irmã» e toda a sua família. E noutro lugar: «Se alguém me ama, guardará a minha palavra (isto é, fará a minha vontade) e meu Pai o amará, e viremos a ele e faremos nele a nossa morada». Oh! Celina!... Como é fácil agradar a Jesus, encantar o

²⁶ «Agradou a Deus, na sua bondade e sabedoria, *revelar-se a si mesmo* e manifestar o mistério da sua vontade (...) por *acontecimentos e palavras* intimamente ligados» (DV n. 2). «No Evangelho de S. Mateus, escutar a Palavra de Deus – «Este é o meu Filho muito amado, escutai-O» (Mt 17, 5) – significa doutrinalmente escutar a *lei do Reino- lei da Igreja* (Mt 5, 21 ss), que se compendia no *amor*, seja a «Deus e ao próximo» (Mt 22, 34 - 4), seja aos «inimigos» (Mt 5, 24), e no *serviço e perdão* aos «pequenos» (Mt 18, 1ss)». «No Evangelho de S. Marcos, propõe-se como *objecto de escuta* o que Jesus fez (obra: Mc 3, 8), o que *disse* (palavra-ensino-mandamento: Mc 4, 15) e o que *é* (pessoa: Mc 9, 7)... como se confirma, posteriormente, no círculo joanino: «o que *era* desde o princípio (pessoa), o que *ouvimos* (palavra), o que *vimos* (obra)...» (1 Jo 1, 1). Parece existir um *crescendum*: da escuta da «palavra» (obra-ensino-mandamento) à escuta da «Palavra» (pessoa)». «No Evangelho de S. Lucas, mais que o *apelo a escutar* (Lc, 8, 8), realça-se o *modo* como se há-de escutar (Lc 8, 18): «guardar a palavra (Lc 2, 19) e o *acontecimento* (Lc 2, 51), com *fé* (Lc 8, 13) e *perseverança* (Lc 8, 15) e *praticando-a* (Lc 8, 21). «Felizes os que escutam a palavra de Deus e a põem em prática» (Lc 11, 28)» (Cf. M. Reis, *A escuta da Palavra de Deus nos Evangelhos Sinópticos*, Dissertação de Licenciatura, Teresianum, Roma, 1981, pp. 110 - 112). No caso de Teresa, Jesus guia a sua pessoa, a sua palavra e a sua obra: «Ele *guia-me* e *inspira-me* a cada instante o que devo *dizer* ou *fazer*» (A 83 v).

²⁷ Lc 8, 8.18.

²⁸ «A Santíssima Virgem fez bem em *guardar todas as coisas no seu coração*... Não podem querer-me mal por *fazer como ela*...» (UC 8.7.10). «Como Maria, o seu grande meio era o silêncio. Ela gostava de «guardar todas as coisas no seu coração», as suas alegrias e as suas penas; esta reserva foi a sua força e o ponto de partida da sua perfeição, como o seu sinal exterior, porque ela era admirável na ponderação» (CSG, p. 27).

seu coração, basta amá-l'O sem olhar para nós mesmas, sem examinar demasiadamente os próprios defeitos...».²⁹

«Os puros de coração verão a Deus» (Mt 5, 8). «As almas que têm ouvidos para ouvir são as que têm o coração limpo e enamorado... e gostar o *espírito é vida* delas».³⁰ A «pureza angélica» de Teresa explica o conhecimento admirável que Deus lhe deu das S. Escrituras.

«A pureza é algo de tão belo, de tão branco!... Bem-aventurados os corações puros porque verão a Deus!... (Mt 5, 8) Sim, vê-l'O-ão mesmo na terra, onde nada é puro, mas onde todas as criaturas se tornam límpidas quando são vistas através da Face do mais belo e do mais branco dos Lírios! (...) Os Lírios no meio dos espinhos são os predilectos de Jesus, é no meio deles que encontra as suas delícias!... (Ct 2, 16). Bem-aventurado aquele que foi achado *digno* de sofrer a tentação!... (Tg 1, 12)».³¹

Se Teresa teve uma profunda penetração da Palavra de Deus – «uma inteligência rara das Sagradas Escrituras»³² – foi pela limpeza de sua alma e de seu corpo, pela atitude fundamental da humildade da criança diante de Deus Pai,³³ que fez nela «grandes coisas» e «a maior de todas foi mostrar-lhe a *sua pequenez e a sua impotência*».³⁴ Na verdade, Jesus «esconde os seus segredos aos sábios e aos poderosos e revela-os aos pequenos».³⁵

²⁹ Ct 142.

³⁰ S. João da Cruz, CH 1, 6.

³¹ Ct 105.

³² Ir. Maria dos Anjos, PA, p. 349.

³³ B 1 v; C 31 r; UC 6.8.8. Discerniu «evangelicamente» a «noite escura» de Celina, como «uma criança PEQUENA *sozinha* no mar», «num barco perdido no meio das ondas alterosas», mas em que «Jesus está presente, a *dormir* como outrora na barca dos pescadores da Galileia» (Ct 144).

³⁴ C 4 v. «Podem todas as criaturas inclinar-se sobre mim, admirar-me, encher-me de louvores; não sei porquê, mas isso não acrescenta uma única gota de falsa alegria à verdadeira alegria que saboreio no meu coração, vendo-me como sou aos olhos de Deus: um pobre pequeno nada, nada mais» (C 2 r). «Não julgueis que é a humildade que me impede de reconhecer os dons de Deus, sei que Ele faz em mim grandes coisas e canto-Lhe todos os dias com alegria (Lc 1, 49). Lembro-me de que aquele a quem mais se perdoou mais deve amar (Lc 7, 47), por isso procuro fazer da minha vida um acto de amor e já não me inquieto por ser uma alma *pequenina*, pelo contrário, até me regozijo com isso. Essa é a razão por que ousou esperar que «o meu exílio será curto», mas não é porque esteja *preparada*; sinto que nunca o estarei se o Senhor não se dignar transformar-me n'Ele mesmo; pode fazê-lo num instante; depois de todas as graças com que me cumulou espero ainda essa da sua misericórdia infinita» (Ct 224).

³⁵ Mt 11, 25; Lc 10, 21; A 71 r; C 4 r; Ct 127; 247.

Como já vimos, foi sobretudo na oração,³⁶ que Teresa escutou, no silêncio do Espírito, a Palavra de Deus, que «se fez carne e habitou entre nós» (Jo 1, 14).

«A Palavra incriada do Pai
Que por ti se exila na terra
Meu manso Cordeiro, o teu Irmãozinho
Maria, *não te falará!*...

*Este silêncio é a primeira prova
Do seu indizível amor,
Compreendendo esta muda linguagem
Imitá-lo-ás todos os dias.*³⁷

Teresa considera «o silêncio de Jesus» diante dos juízes, que lhe diz mais que «todas as palavras».

«Jesus encantava as almas com as suas divinas palavras, procurava torná-las fortes, para o dia da provação... Mas como foi pequeno o número dos amigos de Nosso Senhor quando Ele se CALAVA diante dos seus juízes!... Oh! que melodia para o meu coração esse *silêncio de Jesus...*».³⁸

Não só o «silêncio de Jesus», mas ainda o exemplo do «eloquente silêncio» de Maria, ensina-lhe a poderosa grandeza do seu coração humilde, que acredita e tudo espera da Palavra de Deus.

«Quando S. José ignora o prodígio
Que com a tua humildade querias ocultar

³⁶ «De ordinário, a sua oração tinha o modesto carácter de uma leitura espiritual da S. Escritura» (H. U. von Balthasar, *o. c.*, p. 347). «A oração teresiana não deixa nunca de ser uma leitura meditada da Escritura, e, muito particularmente, do Evangelho» (A. Combes, *Introduction à la spiritualité de sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus*, Vrin, Paris, 1948, 2ª ed., p. 226). Faz a apologia da vida contemplativa, apoiada na defesa que Jesus faz de Maria Madalena (Ct 169), que «permanece aos pés de Jesus, e escuta a sua palavra doce e inflamada» (C 36 r).

³⁷ P 13, 12 - 13. «É no silêncio que o Verbo lhe diz tudo o que é. É pelo silêncio que a oração põe Teresa em contacto com Deus mais que pela palavra» (B. Bro, *Thérèse de Lisieux. Sa famille, son Dieu, son message*, Fayard, 1996, p. 217). «Oh bem-aventurado silêncio que tanta paz traz à nossa alma» (UC 6.4.1).

³⁸ Ct 145. «Nunca O ouvi falar» (A 83 v). «Ela nunca ouviu falar o Senhor» (HA 146). «Agora que Teresa se encontra no deserto do Carmelo, o Esposo faz-se tão pouco ouvir» (C. Meester, *Les mains vides. Le message de Thérèse de Lisieux*, Cerf, 1994, p. 51). Contudo, ela reconhece, na fé, que Jesus ouve-nos, quando ninguém nos responde (149), que o seu coração vigia sobre nós (Ct 160; 171) e se contenta com a nossa boa vontade (Ct 152; 167), que está perto de nós e a nosso lado (Ct 149) e que não se esconde tanto que não se deixe adivinhar (Ct 147). Ele «olha-nos pela janela» (Ct 157).

Deixa-lo chorar junto do *Tabernáculo*
 Que esconde a divina beleza do Senhor!.....
 Oh! como eu amo, Maria, *o teu silêncio eloquente*,
 Para mim é um concerto doce e melodioso
 Que me revela a grandeza e a onnipotência
 De uma alma que só espera o seu auxílio dos Céus....».³⁹

O seu encontro com a Palavra de Deus deu-se em vários momentos e através de várias leituras.

1. Leitura familiar do *Année Liturgique* de Dom Guéranger, de *Histórias sagradas abreviadas*, de *Catecismos*, de *Vidas de Nosso Senhor Jesus Cristo*.

2. Livros espirituais: *a Imitação de Cristo*;⁴⁰ *La fin du monde present et les mystères de la vie future* (Arminjon).⁴¹

3. Sagrada Escritura, celebrada na Liturgia, lida comunitária ou pessoalmente.

³⁹ P 54, 8. Ela foi uma grande leitora e participa-nos o seu gosto pela leitura (A 31 v).

⁴⁰ Que Teresa sabia de memória e que contém mais de 1.000 citações bíblicas (A 47 r). Foi o livro de cabeceira da adolescente. Teresa reagiu positivamente à visão negativa das alegrias terrenas, das «consolações da terra» (A 36 r), reconhecendo «o encanto do mundo» sobre o seu coração (A 32 v), mesmo a possibilidade de perder-se nos encantos físicos (A 40 r), das amizades terrenas (A 38 r - v), obrigando-a a cooperar com a graça para «guardar a pureza» (A 57 r). Aprecia as belezas da natureza e louva o Criador (A 57 v; 58 r). Valora a beleza de seu pai (A 57 v), as belezas sensíveis (A 79 r), especialmente as flores (A 81 v). Contempla «a beleza suprema do Divino Jesus» (RP 2, 1 r), a beleza da S. Virgem (A 30 r), mesmo no seu reflexo em Ana de Jesus (B 2 v). «Li uma bela passagem nas Reflexões da Imitação. É um pensamento do P. Lamennais – tanto pior! - mas mesmo assim é belo. (*Ela julgava, e nós também, que o P. Lamennais tinha morrido impenitente*). Nosso Senhor no Jardim das Oliveiras gozava de todas as delícias da Trindade, e apesar disso a sua agonia não era menos cruel. É um mistério, mas garanto-lhe que sou capaz de, em parte, o compreender por aquilo que eu própria sinto» (UC 6.7.4).

⁴¹ Contém 195 citações do A. T. e 400 do N. T. (A 47 r - v). «Estes dois livros são o despertador do amor e afeição de S. Teresinha à S. Escritura» (R. Llamas, *Santa Teresita y su experiencia de la Palabra de Dios*, em RE 55 (1996), p. 275). Uma vez no Carmelo, continuou a citar Arminjon, nas cartas a Celina (Ct 57; 85; 94; 169). «Escrevendo os textos bíblicos, reinventa-os (...) A Sagrada Escritura tornou-se para ela como a sua segunda língua. Fez suas próprias palavras de Jesus dirigidas ao Pai (C 34 r - v), fazendo da oração de Cristo a sua própria oração» (M. Drouzy, *A dupla vocação de Santa Teresa de Lisieux*, Braga, 1997, p. 45). «Agora é a minha vez! Ao dom que os santos Me fizeram de si próprios, posso Eu responder de outra maneira que não seja sem restrições e sem medida? É preciso que Eu seja a alma das suas almas, que Eu os penetre e embeba com a minha serenidade, como o fogo embebe o ferro, que mostrando-Me aos seus espíritos sem nuvens, sem véu, sem o intermédio dos sentidos, Me una a eles através de um face a face eterno, é preciso que a Minha glória os ilumine, os trespasse e irradie por todos os poros do seu ser, a fim de que, conhecendo-Me como Eu os conheço, *se tornem deuses eles próprios*» (Arminjon, II, 32).

Na altura da sua profissão religiosa, lê os *Fundamentos da vida espiritual*.⁴² Durante o noviciado, lê as obras de S. João da Cruz, o *Cântico espiritual* e a *Chama de amor viva*⁴³ e dele aprendeu a escutar Jesus, a única Palavra de Deus.

«Uma palavra falou o Pai, que foi o seu Filho, e esta fala sempre em eterno silêncio, e em silêncio há-de ser ouvida pela alma».⁴⁴ «Ouvi-O a ele, porque já não tenho mais fé que revelar, nem mais coisas que manifestar. Porque se antes falava, era prometendo a Cristo; e se me perguntavam, eram as perguntas encaminhadas à petição e esperança de Cristo, em quem haviam de encontrar todo o bem, como agora o dá a entender toda a doutrina dos evangelistas e apóstolos».⁴⁵

Leu ainda as *Meditações sobre os mistérios da fé e sobre as epístolas e os evangelhos*.⁴⁶ Contudo, o encontro de Teresa com a Palavra de Deus, deu-se principalmente através da própria Bíblia.⁴⁷ Teresa «nunca usou uma *Bíblia completa*»,⁴⁸ apenas o *caderno manuscrito* de Celina com textos bíblicos⁴⁹ e o *Manual do cristão*, que continha os Salmos⁵⁰ e o Novo Testamento.⁵¹ «Não leu os Evangelhos

⁴² «Meditava então os «Fundamentos da vida espiritual» do Padre Surin» (A 73 v) (Cf. P. Surin, *Les Fondements de la Vie Spirituelle, tirés du livre de l'Imitation de Jésus-Christ*, Paris, 1732).

⁴³ «Na idade de 17 e 18 anos» (A 83 r) e no fim da sua vida (UC 27.7.5; 15.8.1; 31.8.9). De CB 23, 3-4, extrai Ez 16, 5-14, a misericórdia de Jesus para com Teresa (A 83 r). De CH tira SI 115, 15 (preciosa é a morte dos santos); Is 24, 18 e Sb 4, 10-14, que transcreve em RP 3, 8. É «um guia para a Escritura», para «a inteligência do A.T. no sentido do Novo» (H. U. v. Balthasar, *o. c.*, p. 80).

⁴⁴ S. João da Cruz, D. 104 (2 S 22, 3 - 6).

⁴⁵ *Id.*, 2 S 22, 5.

⁴⁶ Por um solitário de Spt-Fons (Ct 226).

⁴⁷ «Nesta impotência, a sagrada Escritura e a Imitação acodem em meu auxílio; nelas encontro alimento sólido e absolutamente *puro*. Acima de tudo porém é o *Evangelho* que me ocupa durante as minhas orações, nele encontro tudo o que é necessário à minha pobre pequena alma. Ali encontro constantemente novas luzes, sentidos ocultos e misteriosos...» (A 83 v).

⁴⁸ «Nesta época, não se encontra uma Bíblia na cela de uma monja. Creio que ela nunca teve nas mãos uma Bíblia completa... Teresa é uma Doutora do Amor, mas formada pela própria Trindade» (F. Ouellette, *o. c.*, pp. 148 - 149). Teresa podia consultar uma Bíblia completa, na Biblioteca, com a permissão da Madre Coração de Jesus, ou então, no ante-coro, onde havia sempre uma.

⁴⁹ «Tinha copiado vários extractos do Antigo Testamento, entreguei-lhos e estas poucas páginas foram um alimento delicioso para as suas orações» (CSG, p. 79). «Para tudo o que lhe dizíamos, ela tinha uma resposta e, para se fazer compreender bem, citava textos da Sagrada Escritura» (CSG, p. 9).

⁵⁰ «Gosto muito desta frase dos Salmos: «Mil anos aos olhos do Senhor são como o dia de ontem que já passou (SI 89, 4)». Que rapidez, oh! quero de veras trabalhar enquanto ainda brilha a luz da vida, porque depois virá a noite em que nada poderei fazer (Jo 9, 4)» (Ct 71).

antes de entrar no Carmelo, só depois de entrar no Carmelo é que usou completos os Evangelhos».⁵²

«Em mim se realizaram as palavras do salmo XXII: «O Senhor é meu Pastor, nada me faltará (...) Mesmo que descesse ao vale da sombra da morte, não temeria nenhum mal, porque Vós estardes comigo, Senhor!... (Sl 22, 1 - 4). O Senhor foi sempre compassivo e cheio de bondade para comigo... Tardo em castigar e abundante em misericórdias!... (Sl 102, 8). Por isso, minha Madre, é com prazer que venho cantar junto de vós as misericórdias do Senhor (Sl 88, 2)» (A 3 r - 3 v). «Como disse no Salmo 49: «Não preciso para nada dos cabritos dos vossos rebanhos (...) Imolai a Deus sacrifícios de louvores e de acção de graças (Sl 49, 9 - 14)» (B 1 v). «As nossas harpas estão neste momento suspensas dos salgueiros plantados junto ao rio de Babilónia... mas no dia da nossa libertação, que harmonias faremos ouvir... com que alegria faremos vibrar todas as cordas dos nossos instrumentos! Sl 136, 1 - 2)» (Ct 85; 87). «Que Jesus tome o pobre grão de areia e que o esconda na sua Face adorável (Sl 30, 21)» (Ct 95). «É porque é justo que «Ele é compassivo e cheio de doçura, lento para a ira e cheio de misericórdia (Sl 102, 8). Porque conhece a nossa fragilidade, lembra-Se de que não somos senão pó (Sl 102, 14). Como um pai sente ternura pelos seus filhos, assim o Senhor tem compaixão de nós (Sl 103, 13)»... Ó meu Irmão, ouvindo estas palavras belas e consoladoras do Profeta-Rei, como duvidar de que Deus não possa abrir as portas do seu reino aos filhos que O amaram ao ponto de tudo sacrificarem por Ele, e que não apenas deixaram a família e a pátria para o fazerem conhecer e amar, mas ainda desejam dar a vida por Aquele que amam... Jesus tinha muita razão ao dizer que não há maior amor do que esse! (Jo 15, 13)» (Ct 226). «Que o justo me fira por compaixão para com os pecadores, que o óleo com o qual se perfuma a cabeça não amoleça a minha (Sl 140, 5)» (Ct 259). «Ó meu Deus! como sois meigo para com a vitimizinha do vosso amor misericordioso! Nem sequer agora que Vós juntais o sofrimento exterior às provações da minha alma, posso dizer: «Rodream-me as angústias da morte (Sl 17, 5)» mas exclamo com gratidão: «Desci até ao vale da sombra da morte, mas não receio nenhum mal: porque Vós estais comigo, Senhor! (Sl 22, 4)» (Ct 262).

⁵¹ «A cultura bíblica de Teresa, do ponto de vista quantitativo, é pequena»: Evangelho, Salmos, Cântico dos Cânticos, textos dispersos, Caderno de Celina, a partir de 1894. Porém, «o seu repertório bíblico é copioso e extenso»: 1.078 citações; 420 do A.T. (Salmos e Cântico dos Cânticos; Is 53,3: «a sua Face estava como que escondida» (9 v.); 658 do N.T., com 315 do Evangelho (R. Llamas, *a.c.*, pp. 278 e 279). Pelos dados estatísticos, «vê-se que Teresa é (foi) uma «leitora obstinada» da Escritura» (C. Meester, *Les mains*, p. 100). «O estilo escriturístico é uma forma de abandono extremo na própria linguagem» (F. Ouellette, *o. c.*, p. 289). «O santo que se torna místico recebe uma função escriturária. Instala-se no campo da linguagem» (M. de Certeaux, *La Fable mystique*, t. I, Paris, Gallimard, 1987, nota 82, p. 194). «Paradoxalmente, é no A.T. que Teresa descobre o que há de mais «evangélico» nas Escrituras. Quando ela fala da «pequena via», do espírito de infância, não é ao capítulo 18 de S. Mateus que se refere, mas sim a textos do A. T.: livros dos Provérbios, Sabedoria, e Isaías» (M. Drouzy, *o. c.*, pp. 45 - 46).

⁵² R. Llamas, *a.c.*, p. 279. Antes dos 16 anos, «não tinha ainda encontrado os tesouros escondidos no Evangelho» (A 47 r). Teresa era uma *enamorada do santo Evangelho* e da escritura (PO I, 462). «O santo Evangelho encantava-a. Levava-o dia e noite no seu coração» (Teresa de S. Agostinho, PO I, 398 e Ir. Genoveva, PO I, 275). Tinha predilecção pelo N. T. Contudo, «o Evangelho é o que a sustém e alimenta espiritualmente na sua vida de simplicidade» (R. Llamas, *a.c.*, p. 281). Lendo o Evangelho, Teresa «faz crescer a inteligência da S. Escritura» (D.V. n. 8). Ela fixava até os pormenores da narração evangélica: «Os apóstolos tinham-lhe dado um travesseiro. O *Evangelho conta-nos este pormenor*. Mas no barquinho da sua esposa querida N. S. encontra outro travesseiro muito mais suave. É o *coração* da Celina, aí Ele tudo esquece, está em Sua casa» (Ct 144). Ainda: «*Vemos no Evangelho* «que o povo ficava suspenso quando Ele falava». Jesus encantava as almas fracas com as suas divinas palavras, procurava torná-las fortes para o dia da provação... Mas como foi pequeno o número dos amigos de Nosso Senhor quando Ele se CALAVA diante dos seus juízes!... Oh! que melodia para o meu coração esse silêncio de Jesus...» (Ct 145).

- «Li esta manhã uma passagem do Evangelho: «Não vim trazer a paz, mas a espada» (Mt 10, 34), melhor dito, no Manual do cristão.⁵³

- «Este *Livro de ouro* (o Evangelho) é o meu melhor tesouro, lembra-te»... «Mostra-me os segredos que o Evangelho esconde».⁵⁴

- «O que me sustém durante a *oração* é, sobretudo, o *Evangelho*; encontro nele tudo o que é necessário à minha pobre pequena alma».⁵⁵

- «Não tenho mais que pôr os olhos no *santo Evangelho* e imediatamente respiro os perfumes da *vida de Jesus* e sei em que lado corro».⁵⁶

Teresa aprendeu o Evangelho de memória.⁵⁷ Levava-o sempre sobre o coração (arrancado do *Manual do cristão*): «o livro dos Evangelhos que *levo sempre comigo*».⁵⁸ É a Jesus que leva no seu coração, por meio do Evangelho escrito, sacramento da Palavra do Evangelho, que é Jesus, o esposo das Virgens. Abre-o à sorte⁵⁹ e «tira do evangelho»⁶⁰ o que necessita para se alimentar ou alimentar os outros, sem

⁵³ Ct 57. «Depois de ter lido a tua carta fui rezar, pegando no Evangelho pedi a Jesus para encontrar uma passagem para ti e eis o que me saiu: «Considerai a figueira e todas as árvores, quando começam a desabrochar, julgais que está perto o estio. Assim também quando verdes que acontecem estas coisas, sabeis que está próximo o reino de Deus». Fechei o livro, já tinha lido o bastante, com efeito «estas coisas» que se passam na alma da minha Celina provam que o reino de Jesus está estabelecido na sua alma» (Ct 143).

⁵⁴ P. 24, 12.

⁵⁵ A 83 v. «Era o Evangelho e o pouco que então nos permitiam ler do Antigo Testamento que a ocupavam nas suas orações; sobretudo no final da sua vida quando nenhum livro, mesmo aqueles que lhe tinham feito muito bem, não lhe falava mais ao coração. Entre eles, ela tinha apreciado especialmente o Discurso de Bossuet sobre «*A vida escondida em Deus*». Desde a minha entrada no Carmelo ela recomendou-me a sua leitura. No princípio da sua vida religiosa, quando eu estava ainda no mundo, ela aconselhou-me a comprar a obra de Mons. de Ségur sobre as nossas «*Grandezas em Jesus*». Mas se ela meditava as suas «grandezas» em Jesus, era o conhecimento da sua «pequenez» que ela gostava mais de aprofundar até confessar «preferir as luzes sobre o seu nada às luzes sobre a fé» (CSG, pp. 77 - 78).

⁵⁶ C 36 v.

⁵⁷ UC 12.9. «Era a festa do Santíssimo Nome de Maria. Pediu-me que lhe lesse o Evangelho do domingo. Eu não tinha missal e disse-lhe simplesmente: É o Evangelho em que Nosso Senhor nos ensina que «ninguém pode servir a dois senhores». Então, imitando uma vozinha de criança que repete a lição, repetiu-mo do princípio ao fim» (UC 12.9).

⁵⁸ Ct 193. Mais que para o ler (sabia-o de memória!) é para levar *Jesus*, seu *Amado*, como o fazia S. Cecília, a sua santa predilecta: «o sagrado Evangelho repousava *sobre* o seu coração!» e *dentro* do coração repousava o Esposo das Virgens!» (A 61 v). «Em suas lições, em suas direcções, brotavam sempre naturalmente algumas passagens desses livros divinos, para confirmar o que dizia. E para crer que as sabia de cor» (Ir. M. da Trindade, PA, 1324).

⁵⁹ UC 6.6.9.

⁶⁰ Ct 143; 193. «Nunca se achava embaraçada na escolha das passagens que mais convinhm às almas. Via-se que eram o alimento quotidiano da sua vida interior» (Ir. Teresa de S. Agostinho, PA, 1055).

nunca se cansar, porque Jesus nunca a cansa: «*este livro me basta...*».⁶¹ Durante os retiros, ouviu intensamente a Palavra de Deus.⁶² Durante a sua última doença, viu a luz no Evangelho.⁶³

«O crescimento na inteligência da Palavra».

Teresa *progrediu na compreensão* da Palavra de Deus. Jesus é o seu Director: «foi Ele quem me instruiu nesta ciência».⁶⁴ O Espírito Santo é o seu mestre. Faz uma *lectio divina*, unindo à leitura, a meditação, a oração, e a contemplação da Palavra.

«Busca a Deus, ruma na meditação a palavra do Evangelho, seu livro de oração, pede a Jesus, que lhe descobre sentidos ocultos e misteriosos das palavras, os sentidos de si mesmo. A leitura meditada e orada converte-se em contemplação, em comunicação de sentidos secretos e luzes novas».⁶⁵

Uma leitura a dois, isto é, de coração a coração com Jesus, que lhe descobre os segredos de amor do seu coração, e a faz experimentar o gosto de Deus-Amor. Assim como «todos os santos» receberam na «oração que abrasa com fogo de amor» a «ciência divina»,⁶⁶ assim, Teresa, a recebeu, na oração: «A ciência do Amor! Ah, sim! esta palavra ressoa docemente ao ouvido da minha alma. Não desejo senão esta ciência».⁶⁷

Os textos bíblicos «impressionam-na» muito, sobretudo, os do profeta Isafas.⁶⁸ «Estudando»⁶⁹ e meditando amorosamente a S. E.,

⁶¹ UC 15.5.3. Não diz o mesmo dos «livros devotos dos autores espirituais» (A 83 v; Ct 226).

⁶² «Jesus fala pois quando se está em retiro?» (Ct 49).

⁶³ UC 21/ 26.5.11. «Por sua predilecção e enamoramento do Evangelho, S. Teresinha converte-se num *evangelho personificado*» (B. Pedro Ruiz de los Paños).

⁶⁴ A 71 r.

⁶⁵ R. Llamas, *a.c.*, p. 286. Teresa «é uma autodidata» (*Ibid.*, p. 285). «Dava-se a estudar a Bíblia» (M. Inês, PA II, 150), «para descobrir o carácter do bom Deus» (PA II, 266). «Tinha uma inteligência especial das S. Escrituras» (G. Madelaine, PA II, 558). É o seu *alimento de cada dia* (PA II, 27). «Quando apareciam as vossas palavras, eu tomava-as como alimento: a vossa palavra era o encanto e a alegria do meu coração» (Jer 15, 16).

⁶⁶ C 36 r - v.

⁶⁷ B 1 r.

⁶⁸ Ct 193.

⁶⁹ «Ela *estudou* o seu Evangelho!» (C. Meester, *Les mains*, p. 65). «Copiava os diversos textos

chegou a uma compreensão *profunda* da Palavra de Deus: «o vasto campo das Escrituras, onde o nosso coração gosta de *alimentar-se* dos seus ricos tesouros».⁷⁰

«Às vezes, quando leio certos tratados espirituais em que a perfeição é apresentada através de inúmeras dificuldades, rodeada por uma quantidade de ilusões, a minha pobre inteligência cansa-se muito depressa, fecho o sábio livro que me quebra a cabeça e me seca o coração e pego na Sagrada Escritura. Então tudo me parece luminoso, uma só palavra revela à minha alma horizontes infinitos, a perfeição parece-me fácil, vejo que basta reconhecer o próprio nada e abandonar-se como uma criança nos braços de Deus».⁷¹

A uma leitura progressiva sucedeu-se uma compreensão progressiva da Palavra de Deus, isto é, uma comunicação maior de amor.

«Jesus não me quer dar *provisões*, alimenta-me a *cada instante* com alimento sempre novo, encontro-o em mim sem saber como ali se encontra... Creio com toda a simplicidade que é o Próprio Jesus escondido no fundo do meu pobre coraçãozito que me concede a graça de agir em mim e me faz pensar tudo o que quer que eu faça no momento presente».⁷²

A partir do retiro de 1891, em que o P. Alexis Prou a lançou na «confiança e no amor» e lhe fez ver que há «ofensas que não ofendem a Deus», que «é mais terno que uma mãe»,⁷³ começou a citar mais vezes o Evangelho nas suas cartas.⁷⁴ Podemos dizer que 1892 marca um

para coordenar as narrativas dos Evangelistas» (Ir. Genoveva, PA, 880). Um ano antes da sua morte fez uma concordância pascal dos relatos das aparições do Ressuscitado (Cf. Selecções bíblicas, Concordância pascal (1896 ou 1897), em O.C., pp. 1347 - 1348).

⁷⁰ Ct 165. «Jesus é um tesouro *escondido*, um bem inestimável que poucas almas sabem encontrar porque ele está *escondido* e o mundo gosta do que brilha» (Ct 145).

⁷¹ Ct 226. «Quando iniciou a procura de um «caminho novo» foi para o Evangelho que se voltou... e encontrou o caminho fácil da perfeição» (M. - M. Philipon, *Santa Teresinha de Lisieux. Um caminho todo novo*, Rio de Janeiro, 1958, p. 36). «A missão de Teresa não é *progressiva*, enquanto interpreta e enriquece a tradição, mas *regressiva*, enquanto volta a conduzir a tradição às fontes das Escrituras e delas a faz sair enriquecida» (H. U. von Balthasar, *o. c.*, p. 79).

⁷² A 76 r. Jesus, de facto, ensinava-lhe na sua oração mística a «ciência do Amor» (A 49 r; 71 r; 83 v). «A perspectiva essencial da leitura teresiana da Bíblia é o amor de Jesus. Teresa aproxima-se da Escritura, em particular do Evangelho, por amor a Jesus, lê-a em oração no amor de Jesus, para a viver no amor. Esta «ciência do Amor», adquirida «em segredo» na oração, é um dom do alto e não uma conquista humana» (P. - M. Jerumanis, *a. c.*, p. 54 - 55).

⁷³ A 80 v. «A partir deste retiro entrega-se toda inteira à confiança em Deus e busca nos livros santos a confiança da sua audácia» (M. Inês, PO I, 155).

⁷⁴ Entre 1888 - 1891, faz 20 citações do Evangelho em 28 cartas (ex: Ct 57 cita 2 v. Mt 10, 34);

momento forte no seu aprofundamento e assimilação do Evangelho, por meio de uma leitura mais contínua e meditada, que constituía as suas delícias, o *alimento* espiritual da sua *oração*,⁷⁵ em que Jesus lhe concede a graça de compreender cada vez mais a caridade.⁷⁶ Aprofundou o mistério pascal de Jesus, fonte de renovação comunitária, à luz de Jo 12, 24-25, isto é, da semente do «grão de trigo».

Dizia-lhe que depois da sua morte nós seríamos muito boas e que a Comunidade seria renovada. «Em verdade, em verdade vos digo: Se o grão de trigo que caiu na terra não morrer, ficará sozinho; mas se morrer, dará muitos frutos».⁷⁷

«Só o sofrimento é capaz de criar almas e mais do que nunca me desvendam toda a sua *profundidade* estas *sublimes palavras* de Jesus: «se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto (...) Desde há dois anos, *compreendi muitos mistérios até então para mim escondidos*».⁷⁸

«S. Teresinha dedicou-se activamente a *aprofundar* na compreensão da Palavra de Deus. Não foi uma simples leitura da palavra de Deus. Era uma leitura contemplativa, lia com fé e amor. Guardava os textos no seu coração, ruminava-os e aprofundava-os, na sua compreensão e aplicação à vida. Se o Senhor lhe comunica sempre novas luzes e lhe abre os segredos da sua Palavra é porque ela está empregada plenamente na meditação amorosa, sincera e profunda da mesma».⁷⁹

Com a leitura meditada e orada da Palavra de Deus, do Evangelho, enriquece-se o pensamento teresiano e alargam-se os horizontes da sua vida. Jesus guia-a por meio da sua Palavra. Para Teresa a Palavra é, como para S. Jerónimo, Cristo.

A partir de 1892 - 1894, faz 46 citações do Evangelho em 17 cartas (ex: Ct 143; 226). Uma vez no Carmelo, em 1892, começou a descobrir «os tesouros escondidos no Evangelho», objecto da sua oração (A 83 v). «A partir de 1892, a Sagrada Escritura, e principalmente o Evangelho, tornou-se o único livro de cabeceira... É no Evangelho que, pouco a pouco, bebe os princípios fundamentais da sua espiritualidade» (M. - M. Philippon, *o. c.*, pp. 37 - 38). A maioria das vezes cita de memória, pois, assimilou o seu conteúdo (Ct 144; 145; 165). Com a entrada de Celina no Carmelo, a 14 de Setembro de 1894, Teresa tem novo acesso às fontes bíblicas através dos «Cadernos de Celina».

⁷⁵ A 83 v. «Os livros da Sagrada Escritura, e particularmente o Evangelho, constituíam as suas delícias. Para ela, o seu sentido oculto tornava-se luminoso. Interpretava-os admiravelmente» (Ir. M. da Trindade, PA, 1324).

⁷⁶ C 3 r; 11 v; 17 v; 23 r.

⁷⁷ UC 11.8.2.

⁷⁸ A 81 r. Teresa amava a S. Escritura, o Evangelho, Jesus, e o Espírito Santo descobre-lhe os seus tesouros, porque ela ama e *o amor descobriu-lhe a profundidade de Jesus*, revelador do Pai...

⁷⁹ R. Llamas, *a. c.*, p. 289.

«Cumpro o meu dever, obedecendo aos preceitos de Cristo, que diz: *Examinai as Escrituras, e: Procurai e encontrareis*, para que não tenha de ouvir o que foi dito aos judeus: *Estais enganados, porque não conheceis as Escrituras nem o poder de Deus*. Se, de facto, como diz o apóstolo Paulo, Cristo é o poder de Deus e a sabedoria de Deus, aquele que não conhece as Escrituras não conhece o poder de Deus nem a sua sabedoria. Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo».⁸⁰

Busca na Palavra confirmação para a sua experiência e descoberta da sua vocação na Igreja; recebe luzes na oração sobre o Amor misericordioso de Deus e a graça de compreender a caridade fraterna.

«Toda a Escritura, inspirada por Deus é útil para ensinar, persuadir, corrigir e formar segundo a justiça. Assim o homem de Deus será perfeito e preparado para todas as boas obras» (2 Tim 3, 16 - 17).

Teresa lê realisticamente a Palavra de Deus desde a sua vida e *aplicando-a à sua vida*.

«Sou *jovem* e desprezado». Contudo, no mesmo salmo 118, não receou dizer: – «Tornei-me mais prudente que os anciãos, porque procurei a vossa vontade... A vossa palavra é a lâmpada que alumia os meus passos... Estou preparado par cumprir as vossas ordens, e *nada me perturba*».⁸¹

Com Teresa, cresce a inteligência mística da Palavra de Deus,⁸² que, por sua vez, como fonte de toda a espiritualidade cristã,⁸³ faz crescer a vida espiritual de Teresa.⁸⁴

⁸⁰ S. Jerónimo, Prólogo ao Comentário do Livro do Profeta Isaías, nn. 1.2: CCL 73, 1 - 3.

⁸¹ C 4 r.

⁸² «A compreensão das realidades como das palavras transmitidas, cresce, quer pela contemplação e estudo dos crentes, quer pela inteligência íntima que experimentam das coisas espirituais» (DV 8).

⁸³ D.V. 21. Além disso, é «a alma da S. Teologia» (D.V. 24) e da «vida espiritual» (D.V. 26). Cf. ainda J. Paulo II, VC, 94. Cf ainda G. Helewa, «La Bibbia sorgente della spiritualità teresiana», em *Teresa de Lisieux. Esperienza e messaggio*, em *Teresianum* 1973.

⁸⁴ «Teresa bebeu na fonte viva da Palavra de Deus (...) O Evangelho é o que a sustém e alimenta espiritualmente na sua vida de simplicidade (...) Ela dedicou-se activamente a aprofundar na compreensão da Palavra de Deus. Não foi uma simples leitora da Palavra de Deus. Era uma leitora contemplativa, lia com fé e amor. Guardava os textos no seu coração, ruminava-os e aprofundava-os, na sua compreensão e aplicação à vida. Se o Senhor lhe comunicava sempre novas luzes e lhe abre os segredos de sua Palavra é porque ela está empregada plenamente na meditação amorosa, sincera e profunda da mesma» (R. Llamas, *La Biblia, fuente espiritual en la vida y en el mensaje de Santa Teresa de Lisieux*, em *Eph. Carm.* 32 (1981), 125 - 153; 281. 289).

«Todo o mestre da lei, instruído no reino dos Céus, é semelhante a um chefe de família, que tira do seu tesouro coisas novas e antigas» (Mt 13, 52).

A experiência da Palavra de Deus, isto é, da «ciência do Amor»,⁸⁵ faz dela uma «profetisa da Palavra de Deus» no seio da Igreja católica.⁸⁶ É Jesus, na sua Palavra, ouvida no Espírito, que revela a Teresa «Deus Amor».

«Deus é amor»

Parece que Deus-Amor (1 Jo 4, 8) era também desconhecido no Carmelo: «em todas as partes o Amor Misericordioso é desconhecido ou recusado». Conhece-se o Deus da Justiça, porque se prega a justiça vindicativa do Pai irado contra o Filho, que obriga a acumular méritos (Lc 18, 11-12) e a oferecer-se como vítima à justiça divina. É a prática que ela conhece e que respeita, embora a sua experiência, desde os 14 anos, seja outra, a de Deus-Amor.⁸⁷

O tema da «sede de Jesus» – «tenho sede» (Jo 19, 28) – a pedir água à samaritana – «dá-me de beber» (Jo 4, 7) – que é «uma sede de poder dar o seu amor e uma sede de ser amado», lido por Teresa, em sentido espiritual, fê-la participar da sede de Amor de Jesus pelas almas.⁸⁸

A experiência do amor de Deus fez nascer nela a paixão de amar Jesus, e de o fazer amar pelos pecadores,⁸⁹ representados por Maria Madalena⁹⁰ e por Teresa, também ela sujeito da Justiça e Misericórdia de Deus,⁹¹ pois, a Justiça de Deus é Amor Misericordioso de Deus.⁹²

⁸⁵ B 1 r.

⁸⁶ «Deus formou-a como a um seu *profeta*, como se a tivesse enviado à Igreja para superar um momento difícil da mesma, com a S. Escritura na mão, especialmente o Evangelho, como alimento da sua vida espiritual. Ao pôr o Evangelho no *centro da sua vida*, Teresa indica à Igreja o caminho a seguir. A sua força e *actualidade de palavra de Deus para hoje* radica em não querer mais que o Evangelho» (R. Llamas, *La Biblia*, p. 324).

⁸⁷ Deus *ama-a* na sua *juventude*: «Deus realizou em mim o que conta Ezequiel... ser amada... fez-me sua... Sim, tudo isto fez Jesus por mim» (A 47 r). «Jesus descobre-lhe que Deus é Amor, misericórdia, gratuidade (...) Teresa cristianiza o texto, pondo-o em boca de Jesus» (R. Llamas, *a. c.*, pp. 291 - 292).

⁸⁸ A 45 v; 46 v; B 1 v.

⁸⁹ Ct 130.

⁹⁰ A 38 v.

⁹¹ A 83 v - 84 r; Ct 142. «Também a Justiça é Misericórdia... De que terei medo?»

«O Deus que se revela e descobre a Teresa no meio da obscuridade da prova prolongada da fé é o Deus Amor, o Deus Misericórdia, que se dá independentemente de toda a exigência, de todo o direito e de todo o mérito, se é que diante de Deus se pode fazer valer outro direito ou mérito que o do próprio nada e inutilidade».

Porque Deus é justo, «não quer amontoar méritos para o Céu, mas quer recebê-lo de graça».⁹³ «Tudo é graça!».⁹⁴ Teresa contempla a sua vida como pura gratuidade do Amor Misericordioso de Jesus,⁹⁵ apoiando-se nalguns textos bíblicos.⁹⁶

«Não julgueis assustar-me falando-me «dos vossos belos anos desperdiçados». Agradeço a Jesus que olhou para vós com um *olhar de amor* como outrora para o jovem do Evangelho (Mc 10, 21). Mais feliz do que ele respondestes fielmente ao chamamento do Mestre, deixastes tudo para O seguir, e isso na *mais bela idade* da vida, aos 18 anos. Ah! meu Irmão, como eu podeis cantar as misericórdias do Senhor (Sl 88, 2), elas brilham em vós com todo o esplendor... Amais S.^{to} Agostinho, S.^{ta} Madalena, essas almas a quem «Muitos pecados foram perdoados porque muito amaram (Lc 7, 47)». Também eu as amo, amo o seu arrependimento, e sobretudo... a sua amorosa audácia! Quando vejo Madalena avançar na presença de numerosos convidados, banhar com as suas lágrimas os pés do Mestre adorado que toca pela primeira vez (Lc 7, 36 - 38), sinto que o *coração dela* compreendeu os abismos de amor e de misericórdia *do Coração de Jesus*, e que, por muito pecadora que ela seja, este Coração de amor está não só disposto a perdoar-lhe, mas ainda a prodigalizar-lhe os benefícios da sua intimidade divina (Lc 10, 39), a elevá-la até aos mais altos cumes da contemplação. Ah! meu querido Irmãozinho, desde que me foi dado compreender também o amor do Coração de Jesus, confesso que ele afastou do meu coração todo o temor. A lembrança das minhas faltas humilha-me, leva-me a

⁹² Ct 226. É da Palavra de Deus, Salmos e Isaías, que Teresa tira a ideia da justiça de Deus como misericórdia: Is 45, 8.21; 51, 6.8; 56, 1; Sl 119, 40.106.123; 36, 11; 51, 16; 65, 6; 113, 3). A *justiça* de Deus é a actividade salvífica, *misericordiosa* e fiel de Deus para com o homem (Rm 4, 8; 1, 17; 3, 21-22.25).

⁹³ Or 6. ⁹⁴ UC 5.6.4.

⁹⁵ A 3 r; C 35 r.

⁹⁶ Mc 3, 13; Rm 9, 15-15 em A 2 r; e Sl 22, 1-4: 102, 8 em A 3 r - v. O *filme* da sua vida é a *sequência* da misericórdia de Jesus para com Teresa. Na Palavra de Deus aprendeu que Deus Amor só QUER e espera abandono, gratidão e amor (Sl 49, 9 - 13), só tem necessidade do nosso amor (B 1 r; 4 r).

nunca me apoiar na minha força que só é fraqueza, mas esta lembrança fala-me ainda mais de misericórdia e de amor. Quando lançamos as nossas faltas com uma confiança inteiramente filial no braseiro devorador do Amor, como não seriam elas consumidas para sempre? Sei que há santos que passaram a vida a praticar admiráveis mortificações para expiarem os seus pecados; mas que quereis, «Há várias moradas na casa do Pai Celeste (Jo 14, 2)», disse-o Jesus e é por isso que sigo a via que Ele me indica. Procuo não me ocupar de mim mesma em nada, e o que Jesus Se digna realizar na minha alma abandono-lho, porque não escolhi uma vida austera para expiar as minhas faltas, mas as dos outros». ⁹⁷

Esta «compreensão do amor do Coração de Jesus», que «afastou do coração de Teresa todo o temor», parece-nos estar na origem da sua vocação eclesial de amor confiante e abandonado ao poder do Amor de Deus e da sua missão de O fazer amar.

«A experiência de Deus Amor Misericordioso gratuidade absoluta é a *nota bíblica* mais destacada e universal da vida e da obra de Teresa... raíz da sua *confiança* em Deus, do seu *amor* sem limites a Jesus, da sua *humildade* sincera no reconhecimento do seu próprio nada». ⁹⁸

«A vocação na Igreja»

A experiência das palavras de Jesus na cruz (Jo 19, 28: «tenho sede!») e com a samaritana (Jo 4, 7: «Dá-me de beber!»), são como a semente germinal ⁹⁹ da posterior descoberta da sua vocação na Igreja, como o primeiro fogo de uma fogueira imensa que só o amor apagará. Foi o desejo de amar Jesus, de corresponder ao seu Amor, que a levou à contemplação do Carmelo para «amar Jesus» e «salvar almas», que é «fazer amar Jesus».

De facto, no Carmelo, lendo 1 Cor 12 - 13, descobre que, no Coração da Igreja, a sua vocação é o amor e sacia a sua sede de almas (pecadores, sacerdotes, missionários) e ama a Igreja. Tudo é pouco. Quer ser tudo e tudo fazer por Jesus e pela Igreja. Sente desejos

⁹⁷ Ct 247.

⁹⁸ R. Llamas, *a. c.*, p. 297.

⁹⁹ A 45 r - 46 v.

infinitos de viver todas as vocações. A oração é um verdadeiro martírio. A Palavra de Deus vai descobrir-lhe e resolver-lhe o mistério. É muito mais que ser apóstolo, doutor, mártir. A Caridade é o caminho excelente. Descansa do seu martírio interior: «Por fim, encontrei o descanso (...) A Caridade deu-me a chave da minha vocação (...) assim serei tudo... assim o meu sonho será realizado».¹⁰⁰

Teresa percorre a sua «carreira de gigante» (Sl 18, 5), intensificando a sua vida de amor, como consta da composição de 2 de Fevereiro de 1895, o poema «Viver de amor»,¹⁰¹ até a selar com as últimas palavras articuladas, o último suspiro: «Oh, amo-o! Meu Deus, eu vos amo!».¹⁰²

«A missão na Igreja»

Os pensamentos de Teresa foram ratificados pela S. Escritura. Igual que a sua «vocação», também a sua «missão» lhe é «confirmada» pela Palavra de Deus.

«Para cada *missão particular* há na Escritura uma *palavra particular* que por aquela missão fica como interpretada. Teresa foi guiada pelo Espírito Santo a estas passagens e nelas encontrou a confirmação da sua missão. O característico em Teresa é que busca a confirmação, quando já tem a certeza de sua missão (...) A Escritura confirma o que o seu Mestre interior lhe ensinou, tanto na confirmação do seu «pequeno caminho» (C 3 r), quanto na determinação da sua missão na Igreja (B 3 v). Em 1 Cor 12 - 13 descobre a solução do seu problema, isto é, o «caminho excelente» da caridade, como o seu próprio ofício particular e universal. Teresa lê a Escritura ao fulgor da sua missão».¹⁰³

¹⁰⁰ B 3 v. Teresa descobriu o seu lugar na Igreja, a sua vocação, na compreensão e experiência da Palavra de Deus (S. Paulo), É um caso singular e extraordinário de comunicação directa e singular com Jesus, sem necessidade de mediações humanas.

¹⁰¹ P. 17.

¹⁰² UC 30.9. «Nos últimos anos de sua vida, só o Evangelho lhe ocupava o espírito e alimentava a alma» (Ir. Genoveva, PA, 589).

¹⁰³ H. U. von Balthasar, *o. c.*, pp. 82 - 83. Pede ao P. Roulland: «Suplico-vos, meu Reverendo Padre, rezai por mim a Jesus, no dia em que Ele Se dignar pela primeira vez descer do Céu à vossa voz, pedi-Lhe que me abrase do fogo do seu Amor para que eu possa em seguida ajudar-vos a acendê-lo nos corações (Lc 12, 49)» (Ct 189). «Unidas n'Ele (o Deus Forte) (Is 9, 5), as nossas almas

Teresa dispõe das palavras da Escritura, como uma criança que sabe que tudo lhe pertence, e que pode escolher o que melhor lhe agrade, convencida de que a Escritura está ao seu serviço. Abrindo-a, por vezes, depois de rezar, dá-lhe resposta ao que procura, como é o caso de Mc 3, 13, de Rm 9, 15 - 16 e do Sl 88, 2, com que inicia o *Manuscrito A*.¹⁰⁴ Por exemplo, fruto da sua «meditação» da S. Escritura é a «vida poética de Jesus»,¹⁰⁵ e a «vida poética de Maria».¹⁰⁶

«O pequeno caminho»

Teresa admira-se e, ao mesmo tempo, humoriza, com as descobertas evangélicas acerca da ternura de Jesus para com os «pequeninos», e da sua «violência» com quem se opõe ao seu caminho messiânico.

Os desejos infinitos de *ser e fazer tudo* têm o seu contrapeso na atitude da pequena criança diante de Deus: a confiança, o abandono e o amor ao Pai, que é o seu «pequeno caminho».¹⁰⁷ De facto, a «petite voie» provém de um ensinamento privilegiado no segredo da oração: «Ele, o Doutor dos doutores, ensina sem ruído de palavras. Nunca o ouvi falar, mas sei que Ele está em mim. Ele guia-me e inspira-me a cada instante o que devo dizer ou fazer».¹⁰⁸

«A Palavra de Deus, por meio de uns textos concretos, converte-se num elemento essencial das vivências e do ensinamento da santa de Lisieux. Por eles, Jesus encontra-se com Teresa e converte as suas

poderão salvar muitas outras (1 Cor 1, 27) porque este doce Jesus disse: «Se dois de entre vós se reunirem sobre a terra a pedir qualquer coisa a meu Pai que está nos Céus, Ele lha concederá (Mt 18, 19)». Ah! o que Lhe pedimos, é trabalhar para sua glória, é amá-l'O e fazê-l'O amar» (Ct 220).

¹⁰⁴ «Estas três passagens esclarecem-se mutuamente e exprimem todas a misericórdia, que é o coração do ensinamento bíblico e particularmente neo-testamentário, que é o «resumo de toda a sua vida». O facto de ela resumir toda a sua vida por um texto da Escritura, que toca o essencial da mensagem bíblica, testemunha quer o seu amor à Escritura, quer o carácter eminentemente evangélico de sua existência: ela leu a Bíblia vivendo-a (...) É vivendo a Escritura que Teresa a compreende» (P. - M. Jerumanis, *a. c.*, pp. 40. 56).

¹⁰⁵ P 24.

¹⁰⁶ P 54.

¹⁰⁷ «Toda a sua doutrina espiritual, que chamava o seu «pequeno caminho», reduz-se ao amor, à confiança e à humildade» (M. da Trindade, PA II, 475). «A sua «petite voie» provém da sua leitura dos Evangelhos, e da sua experiência de criança mimada pelo seu pai» (F. Ouellette, *o. c.*, pp. 197 - 198).

¹⁰⁸ A 83 v.

palavras em fonte puríssima da sua experiência interior e ensino do seu pequeno caminho». ¹⁰⁹

No seu ser de criança, sente-se espiritualmente incapaz e sem sucesso no seu esforço de santificação pessoal. Daí, interrogar as Escrituras, isto é, o próprio Deus, para que lhe responda se há, de facto, uma via mística para a santidade. Procura uma palavra que lhe explique como, sendo pequenina, pode apesar de tudo, tornar-se uma santa. Encontrou nos Livros Sagrados, sobretudo Pr 9, 4 e Is 66, 13. 12, o que procurava:

«O ascensor que me há-de elevar até ao Céu, são os vossos braços, ó Jesus!». ¹¹⁰ Por isso, não é necessário crescer para alcançar a santificação, mas, pelo contrário, é necessário permanecer pequeno e sê-lo cada vez mais.

Bem o sabeis, minha Madre, que *sempre desejei ser uma santa*, mas ai de mim! verifiquei sempre, ao comparar-me com os santos, que há entre eles e eu a mesma diferença que existe entre uma montanha cujo cimo se perde nos céus e o obscuro grão de areia calcado pelos pés dos caminhantes; em vez de desanimar, disse para comigo: Deus não pode inspirar desejos irrealizáveis, *posso* portanto, apesar da minha pequenez, *aspirar à santidade; fazer-me crescer a mim mesma é impossível*, tenho de suportar-me tal como sou com todas as minhas imperfeições, mas quero procurar o meio de ir ao Céu por um pequeno caminho muito direito, muito curto, um *pequeno caminho todo novo*. Estamos num século de invenções, agora já não se tem a fadiga de subir os degraus de uma escada, em casa dos ricos um ascensor substitui-a vantajosamente. Eu também queria encontrar *um ascensor para me elevar* até Jesus, porque sou demasiado pequena para subir a rude escada da perfeição. Então, procurei nos livros santos a indicação do ascensor, objecto do meu desejo e li estas palavras saídas da boca da Sabedoria Eterna: Se alguém é *pequenino*, venha a mim. Então vim adivinhando que tinha encontrado o que procurava, e querendo saber, ó meu Deus! o que faríeis ao pequenino que respondesse ao vosso apelo, continuei as minhas buscas e eis o que encontrei: – Como uma mãe acarícia o seu filho, assim eu vos consolarei, vos levarei ao colo e embalar-vos-ei

¹⁰⁹ R. Llamas, *a.c.*, p. 306.

¹¹⁰ «Na experiência da sua «pequenez», um versículo dá-lhe luz (Pr 9, 4), e, outros dois (Is 66, 13. 12) dão-lhe a resposta: são os braços de Jesus que a elevarão ao Céu e, por isso, convém que seja cada vez mais pequena (...) Lê a Bíblia desde a sua vida. Neste tema do «pequeno caminho», o ensinamento de Teresa atinge o coração do ensinamento bíblico e, em particular, do ensinamento evangélico e paulino» (P. - M. Jerumanis, *a. c.*, pp. 45 - 46).

nos meus joelhos! Ah! nunca palavras mais ternas, mais melodiosas vieram alegrar a minha alma, o ascensor que me deve elevar até ao Céu, são *os vossos braços*, ó Jesus! Para isso *não preciso de crescer*, pelo contrário, *é preciso que fique pequena*, que o seja cada vez mais. Ó meu Deus, excedestes a minha esperança e eu quero cantar as vossas misericórdias. «Vós me instruístes desde a juventude e até ao presente anunciei as vossas maravilhas, continuarei a publicá-las na idade mais avançada (Sl LXX)». Qual será para mim esta idade avançada? Parece-me que poderia ser agora, porque 2.000 anos não são mais aos olhos do Senhor do que 20 anos... do que um só dia... Ah! não julgueis Madre muito querida, que a vossa filha deseja deixar-vos... não julgueis que aprecia como graça maior o morrer na aurora do que ao cair do dia. O que aprecia, o que unicamente deseja *é agradar* a Jesus... Agora que Ele parece aproximar-se dela para a atrair à morada da glória, a vossa filha alegra-se. Desde há muito compreendeu que Deus não precisa de ninguém (ainda menos dela do que dos outros) para fazer bem sobre a terra.¹¹¹

Na leitura e meditação amorosa do Evangelho, descobre o seu «pequeno caminho»,¹¹² que vai converter-se na sua «pequena doutrina», ensinada às suas noviças e aos seus irmãos missionários.

«*Jesus* compraz-se em ensinar-me o único *caminho* que conduz a esta divina fogueira de amor é o abandono da criança que se deixa dormir sem medo nos braços de seu pai».¹¹³

¹¹¹ C 3 r - v.

¹¹² R. Llamas, *a.c.*, p. 303. Cf. a *Imagem* 5 e 6, onde cita, além do Evangelho, Rm 4,4-5 e Is 40; 11; a *Imagem* 7, onde, além do Evangelho, de S. Bernardo, cita Prov 9,4; Is 66, 13. 12; UC 10.7.10; Sl 102, 13.12.8). A Palavra de Deus ensinou- lhe este «pequeno caminho» ao longo da sua vida: «Instruiste-me desde a minha juventude... até à idade mais avançada» (Sl 70, 17 - 18; C 3 r). «Os textos clássicos da infância espiritual (Mt 18, 3. 4; 11, 25 (Lc 10, 21); 19, 14 (Mc 10, 14); Mc 10, 15) tornam-se no tema das suas meditações preferidas» (M. Inês, PA, 630). «É o próprio Evangelho, o coração do Evangelho que ela encontrou, mas com que encanto e frescura: «Se não vos tornades como crianças, não entrareis no reino dos Céus» (Pio XII, Mensagem de 11 / 7 / 1954 na Consagração solene da Basílica de Lisieux, citado em CSG, p. 40).

¹¹³ B 1 r. Maria ensina-lhe também este caminho do Céu: «Tornaste-nos visível (*Ela dizia*: fácil) o estreito caminho do Céu / Praticando sempre as mais humildes virtudes» (UC 23.8.9). «O meu caminho é todo de confiança e de amor» (Ct 226). «Sigo o caminho que Ele me traça» (Ct 247). «Sou demasiado pequena para subir a escada da perfeição... buscou e encontrou nos «livros sagrados» (Prov 9,4; Is 66, 13.12), «um ascensor que me elevasse até Jesus», «o ascensor do amor» (Ct 258)... são os vossos braços, ó Jesus» (C 3 r). «Só Jesus lhe ensinou o pequeno caminho do amor internamente pela sua Palavra, tanto do A. T. como do N. T., falando-lhe pelo seu Espírito» (R. Llamas, *a.c.*, p. 303). «A misericórdia é dada aos *pequenos*» (Sb 6, 7): «O que sente a *mais pequena* de todas as almas (...) Jesus não pede grandes acções, mas apenas o abandono e o reconhecimento» (B 1 r - v). Teresa substituiu o «parvulos» da Vulgata pelo «pequeníssimo» («tout petit»), pensando em si mesma (R. Llamas, *a.c.*, p. 306). A partir de 1895, assina «la toute

«Deus Pai»

A descoberta do «pequeno caminho» está unida à descoberta de Deus como «Pai»: «devemos ir ao Céu pelo mesmo caminho... *o abandono e o amor de uma criança que sabe que seu pai a ama* e não poderá deixá-la só na hora do perigo». ¹¹⁴ A experiência da paternidade de Deus dá-lhe a consciência clara de ser filha: «*eu sou essa filha, objecto de amor preveniente de um Pai*». ¹¹⁵

«Lembro-me de tudo... agora somos órfãs, mas podemos dizer com amor «Pai Nosso que estais nos Céus». Sim, resta-nos ainda o único *tudo* das nossas almas!...». ¹¹⁶

Teresa rezou contemplativamente a oração do Pai Nosso, verdadeiro alimento da sua alma, mesmo nos momentos difíceis da sua oração.

«Por vezes quando o meu espírito está numa *secura* tão grande que me é impossível arrancar-lhe algum pensamento para me unir a Deus, recito *muito lentamente* um «Pai-Nosso» e

petite Thérèse» (Ct 178) ou «votre toute petite sœur» (Ct 176). «Estas palavras de Job: «Mesmo que Deus me matasse eu ainda esperaria n'Ele» encantaram-me desde a infância. Mas andei muito tempo antes de me fixar neste grau de abandono. Agora lá estou; Deus aí me colocou, pegou-me nos seus braços e colocou-me aí...» (UC 7.7.3). «Deus passa na pequenez da criança. Abismo! Nesta criança possa eu ser uma criança!» (Angelus Silesius, *L'Errant chérubinique*, II, 50, trad., de Roger Munier, Paris, Arfuyen, 1993, p. 79). «Pois que Deus mesmo, o maior, se fez pequeno todo o meu desejo será de ser uma criança» (*Ibid.*, III, 25, p. 109).

¹¹⁴ Ct 258. «S. Teresinha escrutava a Escritura santa para conhecer *o carácter do bom Deus*» (CSG, p. 80). Eis, alguns textos explícitos, que falam de Deus como Pai: Ct 165; 220; 258; P. 17; A 49 r; C 28 v; 34 v - 35 r. «Pai nosso que estais nos Céus» (Ct 127). «Poucos santos nos fizeram tomar consciência tão radicalmente da profundidade da própria oração de Cristo: Pai Nosso» (F. Ouellette, *o. c.*, p. 199).

¹¹⁵ A 39 r; 66 v. «Meu Céu... é chamar-lhe *meu Pai*, ser e sentir-me *sua filha*» (P 32, 4). «Estava a meditar o Pai-Nosso. É tão doce chamar a Deus: *Pai-nosso!*» (CSG p. 81). «*Papá* Deus veio buscar-me» (UC 5.6.4). «Deixai a Deus que faça de *papá*, sabe bem o que necessita o seu bebé... que é um velhinho» (Ir. M. do S. Coração, PA, 231). «Deus sempre me tratou como uma criança mimada» (Ct 253). Para Teresa, Deus é Jesus (Jo 10, 30): «Encontro em ti, ó Verbo eterno, o mais terno e amável dos pais» (P 36, 2). «Amou a Deus como uma criança querida ama a seu pai... chamou-lhe *Papá*» (CSG, p. 82). «Teresa fez de Deus Pai o tudo da sua vida» (R. Llamas, *a. c.*, p. 306). «Se há uma mensagem que Teresa do Menino Jesus quis partilhar com todos os homens seus irmãos, é bem este sentido do mistério da paternidade de Deus» (E. Michelin, «*La vocation ultime de l'homme est unique, à savoir divine*», em *Thérèse de l'Enfant-Jésus Docteur de l'Amour*, Venasque, 1990, p. 91). Ela ama a Deus em fé: «Oh! não desejo ver a Deus na terra. E, no entanto, amo-O!...» (UC 11.9.7).

¹¹⁶ Ct 101.

depois a saudação angélica; então estas orações encantam-me, alimentam-me a alma muito mais do que se as tivesse recitado precipitadamente uma centena de vezes...».¹¹⁷

«A Santa Face»

A sua *devoção* a Cristo, melhor, a sua *piedade*, o seu amor a Jesus, no mistério da sua Santa Face, nasceu já no ambiente familiar¹¹⁸. Logo no início da sua vida carmelita, começou a sua identificação com a Santa Face de Jesus.

«A florzinha transplantada para a montanha do Carmelo havia de desenvolver-se à sombra da Cruz; as lágrimas, o sangue de Jesus tornaram-se o seu orvalho e o seu Sol foi a sua Face Adorável coberta de prantos... Até então nunca tinha sondado a profundidade dos tesouros escondidos na Santa Face, foi por meio

¹¹⁷ C 25 v. «Digo “Deus é meu Pai” e é como se dissesse “dois e dois são quatro”... Digo “Deus é meu Pai” e não sinto nada, não sinto nenhuma emoção. E, no entanto, haveria motivo suficiente para ficar petrificado de estupor. Haveria mesmo motivo, depois de uma criatura afirmar tal coisa, para que, acto seguido, se produzisse alguma alteração na órbita dos astros» (J. M. Cabodevilla, *Hacerse como niños. Necesidad para los sabios y escándalo para los justos*, BAC, Madrid, 1994, p. 81). Teresa, pelo contrário, desorbita de emoção: «Um dia entrei na cela da nossa querida Irmã e fiquei surpreendida com a sua expressão de grande recolhimento. Ela estava concentrada a costurar e, no entanto, parecia perdida em profunda contemplação: - em que está a pensar? - perguntei-lhe. - «Estou a meditar no Pai Nosso, respondeu-me ela. *É tão bom chamar a Deus nosso Pai !*... E brilharam-lhe lágrimas nos olhos» (CSG, p. 81). «Nesta cena encontramos a chave da oração de S. Teresinha: procede da paternidade de Deus... A sua alma extasiava-se ante a revelação maravilhosa de que Deus era seu Pai e que ela era sua filha. Esta simples verdade, na plenitude do seu significado, está escondida aos sábios e aos inteligentes, mas é revelada aos pequenos (Mt 11, 25). Teresa contemplava o Pai dos Céus com a simplicidade e a profundidade de uma criancinha para quem o Céu «é permanecer sempre na sua presença / chamar-lhe meu Pai e ser sua filha» (P 32, 4) (A. A. Suarez, *La lección mistagógica de Santa Teresa del Niño Jesús*, em *Pedagogía mistagógica de la oración. La oración de las dos Teresas*, Monte Carmelo, Burgos, 1989, pp. 82 - 83). «Toda a sua doutrina é uma espiritualidade do Pai-Nosso» (C. Meester, *Las Manos Vacías, El mensaje de Santa Teresa de Lisieux*, Monte Carmelo, Burgos, 1990, p. 183). «Teresa, um dos profetas para o nosso tempo (...) soube verdadeiramente exprimir-nos o Pai» (J. - F. Six, *Au cœur même de l’Eglise*, DDB, 1968, p. 9). «Pai Nosso que estais nos Céus: Oh, que consoladora é esta palavra ! Que horizonte infinito abre aos nossos olhos» (Ct 127).

¹¹⁸ A 26 de Abril de 1885, Teresa entrou na *Confraria reparadora da Santa Face*, devoção revelada a Maria de S. Pedro e espalhada por Sr. Dupont, com um fim reparador. Paulina viu nessa Face desfigurada o apelo à humildade, escondimento, jardim fechado, pequena Verónica... «Ao ver a Santa Face, vieram-me as lágrimas aos olhos, não é o símbolo da nossa família? (Ct 102). «A Sagrada Face constituiu a sua devoção suprema» (Ir. M. dos Anjos, PA, 1176), à qual «não se poderia comparar a própria devoção ao Menino Jesus» (M. Inês, PA, 580). «Toda a sua piedade e santidade centrou-se no Crucificado» (M. - M. Philipon, *o. c.*, p. 215).

de vós, minha querida Madre, que aprendi a conhecê-los, assim como outrora nos havíeis precedido a todas no Carmelo, assim tínheis compreendido primeiro os mistérios de amor escondidos no Rosto do nosso Esposo; então chamaste-me e compreendi... Compreendi o que era a *verdadeira glória*. Aquele cujo reino não é deste mundo mostrou-me que a verdadeira sabedoria consiste em «querer ser ignorada e tida por nada», em «colocar a própria alegria no desprezo de si mesma...». Ah! como o de Jesus, queria que: «O meu rosto estivesse verdadeiramente oculto, que sobre a terra ninguém me reconhecesse». Tinha sede de sofrer e de ser esquecida.¹¹⁹

Teresa interpretou a visão da doença de seu pai na óptica do Redentor, isto é, contemplou-a à luz de Is. 53, e aceitou-a como um verdadeiro tesouro de graça.

«Era realmente o Papá que eu tinha visto, avançando curvado pela idade... Era de facto ele, ostentando no seu rosto venerável, na cabeça encanecida, o sinal da sua *gloriosa* prova... Como a Face Adorável de Jesus que foi velada durante a Paixão, também a face do seu fiel servo devia ser velada nos dias das suas dores, afim de poder brilhar na Pátria Celeste junto do seu Senhor...».¹²⁰

No Carmelo, aprofundou o seu amor à Santa Face, pela leitura da Palavra de Deus, sobretudo na meditação da figura do Servo sofredor do profeta Isaías (Is 53, 3; 63, 1 - 3. 5).¹²¹ Durante o noviciado, escreveu à M. Inês, pedindo-lhe para que reze pelo pobre grãozinho de areia, para que permaneça sempre no seu lugar, quer dizer debaixo dos pés de todos, isto é, ignorada, humilhada, esquecida.

«Que Jesus tome o pobre grão de areia e que o esconda na sua face adorável... aí o pobre átomo não terá mais nada a recear, estará *certo de não pecar mais!*».¹²²

¹¹⁹ A 71 r. Antes tinha contemplado o Crucificado (A 45 v).

¹²⁰ A 20 v.

¹²¹ Em 1890, depois de entrar no Carmelo, nas Ct 108 (Is 53, 1 - 5; 66, 1 - 3.5; Ap 7, 14 - 15; Cânt 1,12; 5, 11 - 16; 1º responsório do 1º nocturno do ofício das sete dores da Virgem; *Quedéme e olvidéme*); 116; em 1897, diz à M. Inês: «Estas palavras de Isaías: «Quem acreditou na vossa palavra... Não há n'Ele esplendor, nem beleza... etc.» constituíram o fundamento da minha devoção à Sagrada Face, ou para dizer melhor, o fundamento de toda a minha piedade. Também eu desejava estar sem beleza, pisar as uvas sozinha no lagar, desconhecida de todas as criaturas...» (UC 5.8.9). «Ah! como o de Jesus, eu queria que o meu rosto ficasse verdadeiramente escondido; que ninguém na terra me reconhecesse» (A 71 r).

¹²² Ct 95.

No dia da sua tomada de hábito, a 10 de janeiro de 1889, assinou pela 1ª vez «Irmã Teresa do Menino Jesus *da Santa Face*». ¹²³ «Olha a Jesus em sua Face... *Ali verás como nos ama*». ¹²⁴ Jesus guia-a num «subterrâneo, no qual nada vejo, diz ela, a não ser uma claridade semi-velada, a claridade que espalham à sua volta os olhos baixos da face do meu Prometido». ¹²⁵

«É a pessoa de Jesus, neste aspecto de dor, na sua dimensão de sofrimento, de desfiguração, mas pelo amor, o que atrai Teresa. O seu rosto adorável é a expressão falante do amor». ¹²⁶

No dia da sua profissão, 8 de Setembro de 1890, numa lembrança a sua Irmã Maria, deixa-lhe toda a sua alma de Esposa de Jesus, num condensado de textos bíblicos.

«Dia de eterna recordação em que a vossa filhinha se tornou como vós a esposa d’Aquele que disse: «O meu reino não é deste mundo» (Jo 18, 36) e mais adiante: «Quanto ao resto, bem depressa vereis o filho do homem que virá sobre as nuvens do Céu à direita de Deus (Mc 14, 62)». Para nós é este o dia que esperamos... (Ap 21, 4) Dia das bodas eternas em que o nosso Jesus enxugará todas as lágrimas dos olhos, em que nos fará sentar com Ele no seu trono...

¹²³ Ct 80. «Dois aspectos do mistério que é Cristo. O «pequeno caminho» situa-se na linha do Deus Menino, mas a cela de Teresa, o fundo da alma, abre-se sobretudo sobre o rosto de Cristo (...) O seu verdadeiro nome de carmelita, mais secreto, e que a vida póstuma não reteve, é aquele que ela escolheu para a sua tomada de hábito: Teresa do Menino Jesus DA SANTA FACE» (F. Ouellette, *o. c.*, pp. 116. 118).

¹²⁴ Ct 87. As cartas de 1889 (Ct 87; 95; 98) e as de 1890 (Ct 102; 105; 108; 110; 117) recordam a Face de Cristo, segundo o modelo da Santa Face de Tours. «Em seu Rosto... contempla-O todo inteiro. Dele manou o seu amor total a Jesus e às almas» (CSG, p. 1238). «Esta Santa Face foi o seu livro de meditação, onde ela bebeu a ciência do amor. É o amor que canta com notas de lirismo na poesia *Cântico à Santa Face*» (Ir. Genoveva, PO I, 280). «Não aparece o aspecto reparador, a espiritualidade da reparação, promovida pelo *Tesouro do Carmelo*, mas sempre o do amor (...) Como eliminou da Justiça divina o aspecto vindicativo, incorporando-a plenamente ao amor e à misericórdia, assim suprime da santa Face o aspecto reparador, resumindo-a toda no amor» (R. Llamas, *a. c.*, pp. 315 - 316). «Oh, como aquela Santa Face me fez bem durante a minha vida! Enquanto escrevia o meu cântico «Viver de amor», ela ajudou-me a fazê-lo com uma grande facilidade (...) Viver de amor é enxugar-Te a Face, / É alcançar o perdão dos pecadores. Repeti-lha, quando passei, com muito amor. Ao olhar para ela, chorei de amor» (UC 5.8.7). «Toda a sua vida cristã centra-se na sua devoção à S. Face: o seu imóvel olhar a Deus, ao Deus do amor extremo, à sua face, que significa ao mesmo tempo o véu mais denso da terna luz e a máxima transparência para essa mesma luz, que brilha sem obstáculo sob as pálpebras abatidas dos olhos baixos» (H. U. von Balthasar, *o. c.*, p. 226).

¹²⁵ Ct 110.

¹²⁶ R. Llamas, *a. c.*, p. 313. «Jesus é um Esposo de *sangue*... Quer para Ele todo o sangue do coração» (Ct 82).

(Ap 3, 21) Agora o seu rosto está como que escondido aos olhos dos mortais (Is 53, 3), mas para nós que compreendemos as suas lágrimas neste vale de exílio, bem depressa a sua face resplandecente nos será mostrada na pátria e então será o êxtase, a eterna união de glória com o nosso Esposo... Rezai para que aquela que instruístes nas sendas da virtude fique um dia bem perto de vós na pátria!».¹²⁷

O fundo da sua espiritualidade está, pois, marcado pela Santa Face, com quem se quer identificar,¹²⁸ e com quem quer identificar Celina.

«Mando-te uma linda estampa da S.^{ta} Face que a nossa Madre me deu há algum tempo. Acho que ela convém tanto à Maria da S.^{ta} Face que não posso guardá-la para mim; já desde há muito tempo pensava dá-la à minha Celina... à Celina minha... que Maria da S.^{ta} Face seja outra Verónica que enxuga todo o seu sangue e as lágrimas de Jesus, o seu *único* desposado». ¹²⁹

A 12 de Janeiro de 1895, no poema *O meu Céu na terra*, dedicado à Ir. Maria da Trindade, então Maria Inês da Santa Face, Teresa ergue, numa das estrofes, um hino à Santa Face de Jesus.

«A tua Face é a minha única Pátria
Ela é o meu Reino de amor
É a minha radiosa Pastagem
O meu doce Sol de cada dia.
Ele é o Lírio do vale
Cujo perfume misterioso
Consola a minha alma exilada,
Faz-lhe saborear a paz dos Céus». ¹³⁰

¹²⁷ Ct 117. Observe-se este final de carta a Celina: «As sombras descem (Ct 4, 6) e a figura deste mundo passa bem depressa (1 Cor 7, 31), sim bem depressa veremos o rosto desconhecido e amado que nos encanta com as suas lágrimas» (Jb 4, 16)» (Ct 120).

¹²⁸ «Faz que eu me assemelhe a ti, Jesus», breve oração que levava no pequeno saco de bolso (Or 11). «Falava constantemente em se Lhe assemelhar» (Ir. M. da Trindade, PO, 2151).

¹²⁹ Ct 98. «As palavras de Isaias: Ele não tem mais brilho, nem formosura, seu rosto estava escondido e ninguém o reconheceu, constituíram o fundo da minha devoção à Santa Face ou, para dizer melhor, *o fundo de toda a minha piedade*» (M. Inês, PA, 580). «Serei esposa d'Aquele cujo rosto está escondido e que ninguém reconheceu» (Or 2). «Teresa retirou sempre de Is 53, desde 1890 a 1897, uma mesma e única intuição: *escondido / reconhecido*; dito doutro modo, a Santa Face, para Teresa de Lisieux, é a insistência no rosto de Jesus, rosto que está hoje *escondido*, mas que será *reconhecido*» (J. - F. Six, *Thérèse au Carmel*, Seuil, Paris, 1973, p. 89).

¹³⁰ P 20. «Sofro!... mas a esperança da Pátria dá-me coragem, bem depressa estaremos no Céu... Lá já não haverá dia nem noite mas a Face de Jesus fará reinar uma luz sem igual! (Ap 21, 25)» (Ct 95). «Uma eternidade de alegria para o Céu, uma eternidade para ver Deus *face a face* (1 Cor 13, 12), ser um só com Ele!... Só Jesus é; tudo o mais *não é*» (Ct 96).

A 21 de Outubro de 1895, no poema *Jesus meu Bem-amado, lembra-Te*, composto para a Irmã Genoveva, Teresa enumera «os sacrifícios de Jesus» por Celina, para que esta «cometa loucuras por Jesus».

«Lembra-Te de que o teu Rosto divino
 Entre os teus foi sempre desconhecido
 Mas tu deixaste para mim a tua doce imagem
 E tu sabes que eu bem te reconheci.....
 Sim, reconheço-Te, através de um véu de lágrimas
 Face do eterno, descubro os teus encantos.
 Jesus, dos corações
 Que recebem o teu pranto
 Lembra-te». ¹³¹

No desejo de se «assemelhar a Jesus», compôs a oração de *Consagração à Santa Face*, para no dia da Transfiguração do Senhor, 6 de Agosto de 1896, ela, a Ir. Genoveva e a Ir. Maria da Trindade, se consagrarem à «Face Adorável de Jesus», que *vela e desvela* a glória do amor em grau supremo.

«Ó Face Adorável de Jesus! já que Vos dignastes escolher particularmente as nossas almas para Vos dardes a elas, vimos consagrar-nos a Vós (...) Ó Rosto mais belo que os lírios e as rosas da primavera! Vós não estais escondido aos nossos olhos... As Lágrimas que velam o vosso olhar divino parecem-nos *Diamantes preciosos* que queremos recolher para comprarmos com o seu valor infinito as almas dos nossos irmãos (...) Ó Face querida de Jesus! enquanto esperamos o dia eterno em que contemplaremos a vossa glória infinita, o nosso único desejo é cativar os vossos *Olhos Divinos* escondendo também o nosso rosto para que cá na terra, ninguém possa reconhecer-nos... o vosso *Olhar Oculto*, eis o nosso Céu, ó Jesus!...». ¹³²

A 6 de Agosto de 1897, dia da Transfiguração do Senhor, ou da Santa Face, Teresa, que esperava morrer durante a noite, confidenciou,

¹³¹ P 24, 24.

¹³² Or 12. «Ele sentia que há um laço entre o Céu e o sofrimento, ela sabe agora que este laço é a Santa Face, na qual ela deseja mergulhar até à morte de amor (...) Assim a Santa Face não é somente o caminho para o Céu, é a revelação da Glória através do mistério da Cruz» (M. D. Molinié, *Je choisis tout. La vie et le message de Thérèse de Lisieux*, Chambray-les-Tours, 1992, p. 70).

logo de manhã, à Madre Inês: «Não parei de olhar para a Sagrada Face... Afastei muitas tentações... Ah! fiz muitos actos de fé».¹³³

«O Espírito de Amor»

Se Jesus, a Palavra de Deus, revela «o Espírito da Verdade» (Jo14, 16), o Espírito Santo, que «ensina todas as coisas», «recordará tudo o que Jesus disse» (Jo 14, 26), «guiando para a verdade total» (Jo 16, 19).

Dá se infere a importância do Espírito na inteligência, talvez melhor, na experiência da Palavra de Deus, por parte de Teresa.

«Se alguém for *pequenino*, venha a mim» (Pr 9, 4), disse o Espírito Santo pela boca de Salomão. E este mesmo Espírito de Amor disse ainda que «a misericórdia é concedida aos pequeninos» (Sab 6, 7). Em seu nome, o profeta Isaías revela-nos que no último dia «o Senhor conduzirá o seu rebanho para as pastagens, que reunirá os *pequenos cordeiros* e os apertará contra o seu peito» (Is 40, 11). E como se todas estas promessas não bastassem, o mesmo profeta, cujo olhar inspirado mergulhava já nas profundidades eternas, exclama em nome do Senhor: «Como a mãe acaricia o seu filho, assim eu vos consolarei, levar-vos-ei ao colo e acariciar-vos-ei sobre os meus joelhos (Is 66, 13. 12)».¹³⁴

Acaso, não foi com a ajuda do Espírito, que ora em nós (Rm 8, 26), que ela pôde invocar filialmente o nome do «Pai»?

«Este pensamento pertence ao *Espírito Santo* e não a mim pois S. Paulo diz que não podemos, sem este *Espírito de Amor*, dar o nome de «Pai» ao nosso Pai que está nos Céus».¹³⁵

Porventura, não foi com a ajuda do «Espírito de Amor», porque «derrama o amor de Deus nos nossos corações» (Rm 5, 5), que ela «acreditou e, por isso falou» que «Jesus é o Senhor»? (1 Cor 12, 3). Não foi no silêncio do Espírito que, no início da sua oração mística,

¹³³ UC 6.8.1.

¹³⁴ B 1 r.

¹³⁵ C 19 v. «Recito muito lentamente um *Pai-Nosso*» (C 25 v). *A paternidade de Deus é a fonte da sua oração*: «Meu Céu é estar sempre na sua presença / Chamar-lhe meu *Pai* e ser seu filho» (P 32, 4).

essa «oração seca»,¹³⁶ aprendeu a «ciência do Amor»?¹³⁷ O seu «Oferecimento ao Amor misericordioso» não é a plena «docilidade ao Espírito», que a faz amar e fazer amar a Trindade, a Igreja e o Mundo?¹³⁸ A sua vida, consagrada pelo Espírito, não foi na Igreja, uma «existência transfigurada» em «confissão da Trindade»?¹³⁹

«Viver de Amor, é guardar-Te a Ti mesmo
Verbo inciado, Palavra do meu Deus,
Ah! Tu sabe-l'O, Divino Jesus, eu amo-Te
O Espírito de Amor abrasa-me com o seu fogo
Amando-Te eu atraio o Pai
O meu pobre coração guarda-O para sempre.
Ó Trindade! Vós sois Prisioneira
Do meu Amor!...».¹⁴⁰

«O Espírito de Amor» abrasou, «com o seu fogo», o coração de Teresa, num Pentecostes, que renovou a face da sua terra,¹⁴¹ Ihe revelou

¹³⁶ «Nada junto de Jesus, segura!... Sono!... Mas, pelo menos, há o silêncio! ... O silêncio faz bem à alma... Reza para que o grão de areia se torne um ATOMO sensível somente aos olhos de Jesus!» (Ct 74). É a «oração do silêncio»: «O pobre cordeirinho nada pode dizer a Jesus e, sobre tudo, Jesus não lhe diz absolutamente nada» (Ct 75). «Este silêncio é a palavra mais poderosa – a Palavra é Oração – e esta ausência a presença mais imediata» (F. Varillon, *O sofrimento de Deus*, Braga, 1996, p. 108).

¹³⁷ Teresa ora de «coração a coração» com Jesus (P 17, 3), em recíproca comunicação de amor esponsal (Ct 122). A origem da «teologia» de Teresa é directamente da Palavra de Jesus que, pelo mestre interior, o Espírito da verdade (Jo 16, 13), a instrui em segredo nas coisas do seu amor, por graça de revelação pessoal (Ef 3, 2 - 4). Este «espírito de sabedoria» (Ef 1, 17), este conhecimento de *connaturalidade* é capaz de causar a admiração da «inteligentzia» teológica. A cena de Jesus, aos 12 anos, entre os doutores (Lc 2, 46 - 47) repete-se agora com Teresa, aos 14 anos, entre os teólogos (A 49 r). Se antes Teresa fazia oração *sem o saber* (A 33 v), agora, faz da oração *o seu saber* (A 49 r).

¹³⁸ Or 6.

¹³⁹ Ct 165. A pneumatologia teresiana é uma pneumatologia «explícita» do mistério da Santíssima Trindade – «O Espírito de Amor abrasa-me com o seu fogo» – (P 17, 2) e uma pneumatologia «implícita» da Trindade: «Já que Vós me amastes até me dardes o vosso Filho único (...) Não olheis para mim senão através da Face de Jesus e no seu Coração ardente de Amor» (Or 6). «Os santos fazem uma óptima ilustração do que está implícito no Evangelho» (P. Boillon, *Acta Synodalia Sacrosancti Concilii Oecumenici Vaticani II*, Vol. I, pars III, p. 307).

¹⁴⁰ P 17, 2. «Dá a Jesus a «satisfação de dar» o Espírito a tal ponto que, por sua vez, pode oferecê-lo ao Pai... «Não dar muito, mas receber»... Ei-la a receber o Dom de Deus (Ct 147), em que pode dar não muito, mas TUDO» (D.-Ange, *As feridas que o amor cicatriza*, Ed. Loyola, S. Paulo, 1983, p. 47). «Teresa ajuda a compreender que o mais belo presente que podemos oferecer a Deus é a confiança, nascida da fé e da esperança... Ela sabe que toda a possibilidade de ofertório é um presente que Deus nos faz... ele que nos mendiga a confiança... Teresa oferecerá à Trindade as suas mãos vazias, mas cheias do mais belo fruto do seu amor: a sua confiança» (B. Bro, *o. c.*, pp. 231-233).

¹⁴¹ «Ah! depois deste dia feliz, parece-me que o Amor me penetra, e me envolve: parece-me que,

o seu lugar na Igreja,¹⁴² a fez «doutora do Amor de Jesus» no «Coração da Igreja»,¹⁴³ lhe descobriu o «pequeno caminho» da santidade,¹⁴⁴ para ela «o dar às almas»,¹⁴⁵ a santificou,¹⁴⁶ para ela «levantar o mundo».¹⁴⁷

«O Espírito de verdade comunicou-lhe e manifestou-lhe o que costumava esconder aos sábios e aos prudentes e revelar aos pequenos. Na verdade, ela foi dotada com tanta ciência das coisas celestes para apontar aos outros o caminho certo da salvação».¹⁴⁸

Neste sentido, admite-se, de bom grado, que Teresa é uma «teóloga do Espírito Santo»,¹⁴⁹ e que «o Espírito Santo falava pela sua boca».

«A tudo o que lhe dizíamos, ela tinha uma resposta e, para se fazer compreender bem, *citava textos da Sagrada Escritura* ou contava histórias que nos gravavam na memória as verdades que ela nos queria inculcar. Admirava a sua grande sagacidade para diagnosticar as astúcias da natureza, os diversos movimentos da nossa alma. Tinha, com efeito, uma perspicácia muito celeste, a tal ponto que críamos, por vezes, que ela lia o nosso pensamento. Sentíamos-la verdadeiramente inspirada, consultava-a, crendo que ela não se podia enganar e que *o Espírito Santo falava pela sua boca*, sem que nada entretanto saísse do ordinário e que ela parecia duvidar da graça que operava nela».¹⁵⁰

a cada instante, este *Amor Misericordioso* me renova, me purifica a alma... O Fogo do Amor é mais santificante que o do purgatório» (A 84 v).

¹⁴² «Sim, encontrei o meu lugar na Igreja e este lugar, ó meu Deus, fostes vós que mo destes» (B 3 v).

¹⁴³ B 3 v. «A expressão «Eu serei o Amor» significa que Teresa se quer unir o mais perfeitamente ao Espírito Santo, para amar sob a sua moção, mesmo se não tem dele uma consciência clara» (P. - M. Jerumanis, *Un maître pour pénétrer dans la parole de Dieu*, em *Thérèse de l'Enfant-Jésus Docteur de l'Amour*, Venasque, 1990, p. 50).

¹⁴⁴ C 2 v - 3 r.

¹⁴⁵ UC 17.7.

¹⁴⁶ «Sim para que o Amor fique plenamente satisfeito, é necessário que Ele se baixe, que se baixe até ao nada e transforme em *fogo* este nada» (B 3 v).

¹⁴⁷ C 36 v.

¹⁴⁸ Pio XI, AAS 17 (1925) p. 213. «Não é escutar o Espírito Santo, negligenciar a mensagem de Teresa de Lisieux» (H. U. von Balthasar, *Wer ist ein Christ?*, Benzinger, 1965, p. 83).

¹⁴⁹ «A teologia de Teresa de Lisieux é essencialmente uma teologia do Espírito Santo» (H. U. von Balthasar, «Actualité de Lisieux», em *Thérèse de Lisieux, Conférences du Centenaire (1873 - 1973)*, Paris, 1973, p. 112). Emmanuel Mounier interroga-se: «Não será uma *astúcia do Espírito*, um paradoxo da Misericórdia ter escondido sob aparências banais os mistérios da mais alta chama?» (B. Bro, *o. c.*, p. 8).

¹⁵⁰ CSG p. 9.

«Um sermão sobre a Virgem Maria»

Em Maio é dispensada de todos os ofícios e mesmo do Ofício no coro. Tinha confidenciado à Ir. Genoveva: «Ainda tenho algo a fazer antes de morrer. Sempre pensei em exprimir num canto à Santíssima Virgem *tudo o que penso dela*». ¹⁵¹

O mês de Maio é o «tempo favorável» para passar ao papel os seus «pensamentos» sobre Maria, sobre a «verdadeira personalidade de Maria», sobre «a sua vida real», não «a sua vida imaginada». ¹⁵²

Pôs mãos à obra e compôs uma «meditação evangélica da vida de Maria»: «*Meditando a tua vida no santo Evangelho*». Como procedeu? Ela própria no-lo diz que foi com a inspiração divina e a intuição humana da inteligência do seu coração.

«*O Evangelho ensina-me que crescendo em sabedoria
a José, a Maria, Jesus continua submisso
E o coração revela-me com que ternura
Sempre obedeceu aos seus queridos pais*». ¹⁵³

Ao «contemplar, pois, com amor a Virgem do Evangelho», ¹⁵⁴ compõe o seu poema mariano por excelência «Por que te amo, ó Maria».

¹⁵¹ PA, p. 268. «Enfim, no meu Cântico «Porque te amo, ó Maria!» disse tudo o que pregaria sobre ela» (UC 21.8.3). «A nossa querida pequena Mestra estava já muito doente quando compôs o seu cântico: «*Por que te amo, ó Maria*». Ela pôs aí todo o seu coração. Ouço-a ainda dizer «que queria, antes de morrer, exprimir, numa poesia, tudo o que pensava sobre a Santíssima Virgem» (CSG, p. 90).

¹⁵² UC 21.8.3.

¹⁵³ P 54, 15. «A doutrina mariana de Teresa fundamenta-se no Evangelho e acentua a pequenez, a pobreza, a simplicidade de Maria» (F.- M. Léthel, «*María Santísima*», em *Diccionario de Santa Teresa de Lisieux*, Monte Carmelo, Burgos, 1997, p. 409). Teresa retorna à autenticidade evangélica da vida de Maria para criticar o modo como alguns sacerdotes falavam de Maria e desmitificar as deformações da sua pregação. Ele mesma, apoiada no P. Faber, anglicano convertido ao catolicismo, que relata, com fantasia, a vida de Maria, baseado nos Evangelhos apócrifos, compõe a RP 6, *A Fuga para o Egipto*, cheia de milagres e coisas extraordinárias, em contraste com a sua vida de fé – «nem arroubamentos, nem milagres, nem êxtases / embelezam a tua vida, ó Rainha dos Eleitos!» (P 54, 17) –, para entreter a Comunidade, a 21 de Janeiro de 1896, na festa de S. Inês, em honra da M. Priora. Por isso, não deve ser tida como uma obra representativa do pensamento mariológico de Teresa.

¹⁵⁴ «Este livro basta-me» (UC 15.5.3).

Neste seu «Akáthistos», transparece uma imagem viva e verdadeira de Maria na sua relação estreita com o mistério de Cristo e da Igreja, em que Teresa «diz *tudo* o que pregaria sobre ela».¹⁵⁵ Parece que já estamos em plena mariologia conciliar do Vaticano II¹⁵⁶ e do magistério pontifício actual.¹⁵⁷ A razão principal deste «Grande Magnificat a Maria» está no «amor inseparável» que existia entre tal «Mãe incomparável» e tal «filha incomparável». É o seu «testamento sobre Maria».

«Oh! quisera cantar, *Maria, por que te amo*
 Porque é que o teu nome tão doce me faz vibrar o coração (...)
 Contigo eu sofri e desejo agora
 Cantar nos teus joelhos, Maria, por que te amo
 E repetir para sempre que sou tua filha!.....».¹⁵⁸

A 20 de Agosto de 1897, falando com a M. Inês, «pensa que a vida da Sagrada Família era uma vida simples» e quer «esperar o Céu para conhecer tudo o que se passou na Sagrada Família». Parece-lhe que viveram «uma vida simples» e que «na vida deles tudo se passou como na nossa vida». A «Virgem de Nazaré» foi o ideal do seu caminho espiritual. Que apelo ao realismo da simplicidade de vida!

¹⁵⁵ UC 21.8.3. «O Sagrado Concílio exorta com todo o empenho os teólogos e os pregadores da palavra divina a que, ao considerarem a singular dignidade da Mãe de Deus, se abstenham com cuidado, tanto de qualquer falso exagero, como também duma demasiada pequenez de espírito» (LG n. 67). «Ele pôs aí todo o seu coração» (CSG, p. 90).

¹⁵⁶ «A mariologia de Teresa de Lisieux anuncia a do Concílio Vaticano II» (R. Laurentin, *Marie, clé du mystère chrétien*, Fayard, 1994, pp. 112; 131). «Recordem-se os fiéis que a devoção autêntica não consiste em sentimentalismo estéril e passageiro, ou em vã credulidade, mas procede da fé verdadeira que nos leva a reconhecer a excelência da Mãe de Deus e nos incita a *um amor filial para com a nossa Mãe* e à imitação das suas virtudes» (LG n. 67). Teresa converteu o antigo adágio «nunquam satis de Maria» em «nunca a amarás bastante» (Ct 92).

¹⁵⁷ A prova da fé da Virgem (P 54, 15; 7 - 8; 16) é «a “kénose” da fé mais profunda na história da humanidade» (J. Paulo II, *Redemptoris Mater*, n. 36).

¹⁵⁸ P. 54, 1. Este seu poema «escrito a pedido de sua Irmã Maria do Sagrado Coração, a quem dedicara o *Ms B*, tem profunda semelhança com a sua obra mestra. O *Ms B* é uma oração a Jesus e o P. 54 é uma oração a Maria. Têm em comum o mesmo estribilho: «Amo-te», que é o acto teologal da caridade trinitária no coração de Teresa» (F.- M. Léthel, *a.c.*, p. 407). A característica essencial da sua devoção mariana é o sentimento filial do amor de uma filha que, «com ternura de uma criancinha», ama a sua mãe. «O papel evangélico da Virgem Maria é o de nos remeter para o coração da mensagem teresiana e cristã, da «boa nova» de um Deus «Abba», com entranhas maternais. A Virgem Maria, com o seu «sim» total ao Espírito Santo, tornou-se transparente do coração maternal de Deus. Contemplando-a o cristão descobre nela e através dela a imagem perfeita da ternura, da beleza e da presença do nosso Pai do Céu» (B. Lалуque, *o.c.*, p. 146). «Depois dela, Deus não foi mais o mesmo. Enquanto que o Deus do seu ambiente era um Deus aterrador, que exigia penitência e punição, Teresa teve a ideia de *um Deus maternizado*, puramente bom, de quem nada temos a temer» (J. Maître, *L'Orpheline de la Bérésina, Thérèse de Lisieux. Essai de psychanalyse socio-historique*, citado por B. Bro, *o. c.*, p. 178).

«Que bem me faz pensar que *a vida da Sagrada Família era uma vida simples*. Não era como tudo o que nos contam, tudo o que se supõe. Por exemplo, que o Menino Jesus depois de ter modelado passarinhos de barro, soprava sobre eles e dava-lhes vida. Ah! não, Jesus pequenino não fazia milagres inúteis como esse, mesmo para dar gosto à Mãe. Ou então por que não foram eles transportados para o Egito por um milagre que teria sido muito mais necessário e tão fácil a Deus? Num abrir e fechar de olhos, chegariam lá. Mas não, *tudo na vida deles se passou como na nossa*».¹⁵⁹

A 21 de Agosto de 1897, em conversa com a M. Inês, Teresa vai desfilando lentamente o rosário da sua «suma teológica» sobre «a Santíssima Virgem». É um magistério mariano «crítico», não uma «ficção» de Maria. É um falar «real» de Maria, com conhecimento de causa, fundado na letra do Evangelho, em contraste – «eu, por mim, penso absolutamente o contrário» – com o pregar «fantasiado» do seu tempo. O desacordo entre a pregação mariana «maximalista» dos privilégios de Maria e a letra do Evangelho da sua «vida simples, imitável e sofredora», causou fortíssima impressão no espírito de Teresa, que sedenta de verdade, quis «ver as coisas tais como são».¹⁶⁰ Para se «alimentar da verdade» da «vida real» de Maria, «bastou-lhe o livro do Evangelho», onde bebeu o amor materno de Maria, engrandecedor do seu amor de filha.

«*Como eu teria gostado de ser sacerdote para pregar sobre a Santíssima Virgem!* Ter-me-ia bastado uma única vez para dizer tudo o que penso sobre este assunto.

Primeiro, teria feito compreender como se conhece pouco a sua vida.

Não precisaria de dizer coisas inverosímeis ou que não se sabem; por exemplo que, em pequenina, com três anos, a Santíssima Virgem foi ao Templo oferecer-se a Deus com fervorosos sentimentos de amor, absolutamente extraordinários, quando afinal talvez lá tenha ido muito simplesmente para obedecer aos pais.

Porquê dizer ainda, a propósito das palavras proféticas do velho Simeão, que a Santíssima Virgem, a partir desse momento, teve constantemente diante dos olhos a paixão de Jesus? «Uma espada de dor traspassará a tua alma», tinha dito o ancião. Não se tratava, portanto, do presente, veja bem, minha Madre; era uma profecia geral para o futuro.

¹⁵⁹ UC 20.8.14.

¹⁶⁰ UC 21.7.4.

Para que um sermão sobre a SS^{ma} Virgem me dê gosto e proveito, é necessário que eu veja a sua vida real, não a sua vida imaginada; e tenho a certeza de que a sua vida real devia ser extremamente simples. Apresentam-na inacessível; desviam mostrá-la imitável, fazer sobressair as suas virtudes, dizer que vivia de fé como nós, apresentar provas disso pelo Evangelho onde lemos: «Eles não entenderam o que lhes disse». E esta outra frase não menos misteriosa: «É seu pai e sua mãe estavam admirados das coisas que d'Ele se diziam». Esta admiração pressupõe um certo espanto, não acha, minha querida Madre?

Sabemos muito bem que a Santíssima Virgem é a Rainha do Céu e da terra, mas ela *é mais mãe do que rainha*, e não se deve dizer, por causa dos seus privilégios, que ela eclipsa a glória dos santos todos, como o sol, ao surgir, faz desaparecer as estrelas. Meu Deus! que estranho! Uma Mãe que faz desaparecer a glória dos filhos! Eu, por mim, penso absolutamente o contrário; acredito que ela engrandecerá muito o esplendor dos eleitos.

Está certo falar dos seus privilégios, mas não se deve dizer apenas isso e se, num sermão, somos obrigados do princípio ao fim, a exclamar Ah! Ah!, já chega! Quem sabe se alguma alma não irá sentir até um certo afastamento em relação a uma criatura de tal maneira superior, e não pensará: «Se é assim, mais vale ir brilhar conforme se puder em qualquer outro cantinho!».

O que a Santíssima Virgem tem a mais do que nós, é que não podia pecar, estava isenta do pecado original; mas, por outro lado, teve muito menos sorte do que nós, porque não teve *uma Santíssima Virgem para amar*. É uma doce consolação a mais para nós, e a menos para ela!

Enfim, no meu Cântico «Porque te amo, ó Maria!» disse tudo o que pregaria sobre ela».¹⁶¹

¹⁶¹ UC 21.8.3. Eis, na minha opinião, o melhor comentário: «A Irmã Maria da Eucaristia dizia que eu era admirável... Mãe admirável! Oh! não, antes Mãe amável, porque o amor vale mais do que a admiração» (UC 12.7.2). É o que se chama de «realismo marial» de Teresa (F. - M. Lethel, «Le message marial de Thérèse de Lisieux», em VT 1 (1979) 32 - 44; 33 - 36). «Mais mãe que rainha» é uma «fórmula que lhe pertence de direito» (M - M Philipon, *o.c.*, p. 183). «Eis a «palavra» sobre a Virgem, sem dúvida «reescrita» pela Madre Inês, porque Teresa sofria muito um mês antes da sua morte. Ela não teria podido desenvolver verdadeiramente o seu pensamento e as suas intuições. Mas é provável que esta palavra exprima o *pensamento* de Teresa (...) Mas a sua ligação com Maria é um aspecto de sua história espiritual, de sua vida profunda e secreta» (G. Gaucher, citado por F. Ouellette, *o.c.*, p. 123). Estamos ante uma doutrina mariológica teresiana de grande equilíbrio, que evita quer o «falso exagero» dos «maximalistas», quer a «excessiva pequenez de espírito» dos «minimalistas» (LG 67).

A 23 de Agosto de 1897, dizia à Madre Inês, que «tudo o que tinha ouvido pregar sobre a Santíssima Virgem não a tinha impressionado».

«Que os sacerdotes nos apresentem virtudes praticáveis! Está certo falar das suas prerrogativas, mas importa sobretudo que a possamos imitar. *Ela prefere a imitação à admiração*, e a sua vida foi tão simples! Por muito belo que seja *um sermão sobre a Santíssima Virgem*, se nos sentimos obrigados todo o tempo a dizer: Ah!... Ah!... ficamos fartos.

Gosto muito de lhe cantar:

Tornaste-nos visível (*Ela dizia*: fácil) o estreito caminho do Céu
Praticando sempre as mais humildes virtudes».¹⁶²

«A caridade perfeita»

A chamada à santidade, que passa pela cruz do sofrimento, está fundada nas palavras de Jesus aos seus discípulos.

«Celina, pensas que S.^{ta} Teresa recebeu mais graças do que tu?... por mim não te direi para aspirares à sua santidade *seráfica*, mas que desejes ser perfeita como o teu Pai celeste é perfeito! (Mt 5, 48) (...) Celina, não te parece que na terra *nada* nos resta! Jesus quer fazer-nos beber o seu cálice até à última gota deixando o nosso querido Pai *onde está* (Mt 20, 22 - 23)»¹⁶³.

Em 1896, descobriu em 1 Cor 12-13 a graça da sua vocação no Coração da Igreja. Em 1897, descobre no Evangelho de S. Mateus e de S. João, o mistério da caridade perfeita: «já antes o compreendia, mas de um modo imperfeito».¹⁶⁴ Assim, «meditando estas palavras de Jesus (Jo 13, 34-35, o mandamento novo de amar como Jesus, e Jo 15, 13, o maior amor de dar a vida), compreendeu que «o segundo mandamento é **semelhante**

Teresa opõe-se à pregação «triumfalista» que, baseada nos evangelhos apócrifos, só fala da grandeza e dos privilégios de Maria, a «sua sublime glória», e propõe uma pregação «realista», baseada no Evangelho, que fale da pequenez, da pobreza, da simplicidade, da proximidade e da imitabilidade de Maria (P 54, 2).

¹⁶² UC 23.8.9.

¹⁶³ Ct 107.

¹⁶⁴ C 11 v. «Tenho outra coisa muito mais importante sobre que escrever: é sobre a caridade fraterna. Tenho tantas luzes sobre o tema!» (UC 15.6.15).

ao primeiro», que «o seu amor pelas suas irmãs era imperfeito», vendo que não as amava como Deus as ama». ¹⁶⁵ Teresa querendo amar como Jesus, «quer amar a todos os que estão em casa sem exceptuar ninguém», mas só o pode fazer amando desde Jesus: «se vós, Ó Jesus, não as amais também em mim (...) Quando sou caridosa, é Jesus quem actua em mim; quanto mais unida estou a Jesus, tanto mais amo as minhas irmãs». ¹⁶⁶

A razão cristológica da sua caridade fraterna está bem fundamentada no Evangelho:

- «Eu não queria deixar de aproveitar uma tão bela ocasião para praticar a caridade, lembrando-me de que Jesus dissera: «O que fizerdes ao mais pequeno dos meus, é a mim que o fazeis (Mt 25, 40)». ¹⁶⁷

- «Se quiser dar uma recordação minha ao Dr. De Cornière, faça-lhe uma imagem com estas palavras: «O que fizestes ao mais pequenino dos meus, foi a Mim que o fizestes (Mt 25, 40)». ¹⁶⁸

- «Como vieram perturbar-me depois da Comunhão! Olharam-me de frente... mas para não me impacientar, pensei em Nosso Senhor que procurava a solidão sem poder impedir o povo de O seguir. E não o mandava embora. Quis imitá-l'O acolhendo bem as Irmãs (Mc 6, 32-34)». ¹⁶⁹

- «Oh! Como eu teria gostado de ser enfermeira, não de meu natural mas «por uma atracção da graça». E como me parece que teria tornado feliz a Madre Coração de Jesus! Sim, teria tido gosto em tudo isso... E teria posto muito amor nesse serviço, ao pensar nas palavras de Jesus: «Eu estava doente e visitastes-Me (Mt 25, 36)». É ainda raro encontrar no Carmelo esta bela ocasião». ¹⁷⁰

- «Quero ser amável com toda a gente (e particularmente com as irmãs menos amáveis) para alegrar Jesus (...) Que banquete

¹⁶⁵ C 12 r. «Isso (o estado de prostração) não está de acordo com a lei evangélica. É preciso fazer-se tudo para todos» (UC / MSC 13.7.2).

¹⁶⁶ C 12 v. A caridade puramente espiritual (C 18 r; 19 r); «o ofício do bom samaritano» (C 28 r)

¹⁶⁷ C 29 r. «Mãezinha querida, o bem que fizestes à minha alma, foi a Jesus que o fizestes pois Ele disse: O que fizerdes ao *mais pequenino* dos meus é a Mim que o fazeis... E eu sou o *mais pequenino!*» (Ct 229). «Há algum tempo, afligia-me tomar remédios caros; mas, agora já não me importo nada, pelo contrário. Foi desde que li na vida de Santa Gertrudes que ela se alegrava consigo mesma, dizendo que tudo seria vantagem para aqueles que nos fazem o bem. Apoiava-se nas palavras de Nosso Senhor: «O que fizerdes ao mais pequenino dos meus, é a Mim que o fazeis (Mt 25, 40)» (UC 21 / 26.5.4).

¹⁶⁸ UC 30.7.10.

¹⁶⁹ UC 30.7.18.

¹⁷⁰ UC 20.8.3. «Como me teria sentido feliz por ser a enfermeira dela! Ter-me-ia custado talvez segundo a natureza, mas parece-me que a teria tratado com tanto amor, porque penso no que Nosso Senhor disse: «Eu estava doente e vós Me visitastes (Mt 25, 36)» (UC / MSC 1.9).

poderá uma carmelita oferecer às suas irmãs a não ser um banquete espiritual composto de caridade amável e alegre?».¹⁷¹

Não menos fundamentada está no Evangelho a razão cristológica do amor aos inimigos:

- «Lembrando-me de que a Caridade cobre a multidão dos pecados (1 Pe 4, 8), bebo nessa mina abundante que Jesus abriu na minha frente. No Evangelho, o Senhor explica em que consiste o seu mandamento novo (Jo 13, 34 - 35). Diz em S. Mateus: «Ouvistes que foi dito: amareis o vosso amigo e odiareis o vosso inimigo. Mas eu digo-vos: amai os vossos inimigos, rezai por aqueles que vos perseguem» (Mt 5, 43 - 44). Sem dúvida, no Carmelo não se encontram inimigos, mas enfim, há simpatias, sente-se atracção por uma Irmã, ao passo que outra nos faria dar uma grande volta para evitar encontrá-la; assim, mesmo sem o saber, ela torna-se objecto de perseguição. Pois bem! Jesus diz-me que esta Irmã, é preciso amá-la, que é preciso rezar por ela, mesmo que o seu comportamento me levasse a pensar que ela não me ama: «Se amais aqueles que vos amam, que reconhecimento haveis de ter? Pois também os pecadores amam aqueles que os amam (Lc 6, 32)».¹⁷²

- «Que o justo me fira por compaixão para com os pecadores, que o óleo com o qual se perfuma a cabeça não amoleça a minha» (SI 140, 5). Só posso ser ferida, maltratada pelos justos, visto que todas as minhas Irmãs, são agradáveis a Deus. É menos amargo ser ferido por um pecador do que por um justo, mas por compaixão para com os pecadores, para obter a conversão deles, peço-vos, ó Meu Deus! que eu seja ferida por amor deles pelas almas justas que me rodeiam».¹⁷³

¹⁷¹ C 28 v. Jesus convidou para o seu banquete os pobres (Lc 14,12-14), e, amou os seus discípulos, não pelas suas qualidades naturais, mas porque é o Esposo, Aquele que ama (C 12r). Teresa fez o mesmo, como consta do seu «acto de caridade» – já de noviça não queria perder tão bela ocasião de exercitar a caridade para com Cristo na pessoa da Ir. S. Pedro (Mt 25, 40), feito «com tanto amor que me seria impossível fazê-lo melhor se houvesse de conduzir o próprio Jesus (C 30 r), «com o mais belo sorriso» (C 29 r - 29 v), «com o mais amável sorriso» para a Ir. Teresa de S. Agostinho (C 14 r). Por isso, «ela é aquela santa, cujo olhar, palavras e actos, «traduzem no céu» os cuidados dos homens e na terra o sorriso de Deus» (P. Evdokimov, *A loucura do amor de Deus*, Ed. Paulistas, 1979, p.62). «Quando *sorris* às tuas irmãs / Ó minha esposa, teu *sorriso* / Basta para enxugar minhas lágrimas» (RP 5, 2v). Na verdade, «as mulheres consagradas estão chamadas de modo absolutamente especial a serem, através da sua dedicação vivida em plenitude e com alegria, *um sinal da ternura de Deus para com o género humano* e um testemunho particular do mistério da Igreja que é virgem, esposa e mãe» (J. Paulo II, VC n. 57).

¹⁷² C 15 v.

¹⁷³ Ct 259.

- «Perdoai-me sempre (às moscas), apesar de serem as únicas que me incomodaram durante a doença. São as minhas únicas inimigas, e como Deus nos mandou perdoar aos nossos inimigos (Mt 5, 44), fico contente por encontrar esta pequena ocasião de o fazer».¹⁷⁴

- «Pratica-se muito mais a caridade obsequiando uma pessoa que nos é menos simpática».¹⁷⁵

«Céu»

A própria concepção teresiana do «Céu» é essencialmente evangélica – «a palavra do Senhor permanece eternamente» (1Pe 1, 25) – embora, mais na linha dos Padres gregos que dos latinos. Para ela, o que a atrai para o Céu, não é tanto a bem-aventurança, quanto o Amor: «Oh! é o Amor! Amar, ser amada e voltar à terra para fazer amar o amor...».¹⁷⁶ Teresa deseja o mesmo no Céu que na terra, ou seja, «amar Jesus e fazê-lo amar».¹⁷⁷ Em primeiro lugar, o Céu é, para ela, nada menos que o amor sponsal de Jesus e a Jesus.

«Celina, porquê este privilégio extraordinário, porquê?... Ah! que grande graça ser virgem, ser a esposa de Jesus, deve ser muito belo, muito sublime visto que a mais pura, a mais inteligente de todas as criaturas preferiu permanecer virgem a tornar-se Mãe de Deus... E é esta graça que Jesus nos concede. Quer que sejamos suas esposas e depois promete-nos ainda sermos sua Mãe e suas irmãs, porque Ele diz no evangelho: «Aquele que faz a vontade do meu Pai, esse é minha Mãe, meu irmão e minha irmã (Mt 12, 50)». Sim, aquele que ama a Jesus é toda a sua família. Encontra neste coração *único* que não tem IGUAL, tudo o que deseja. Encontra nele o Céu!...».¹⁷⁸

Em segundo lugar, o Céu é concebido e vivido como missão e trabalho pela Igreja até ao fim dos tempos.

«Sinto que vou entrar no repouso... Mas sinto sobretudo que *a minha missão vai começar*, a minha missão de fazer amar o bom Deus como eu o amo, de dar o meu pequeno caminho às

¹⁷⁴ UC 30.7.7.

¹⁷⁵ UC / MSC 28.7.

¹⁷⁶ UC / G 7.4.

¹⁷⁷ Ct 220.

¹⁷⁸ Ct 130. «Deveis viver por antecipação nos Céus, pois foi dito: «Onde está o teu tesouro, aí está o teu coração» (Mt 6, 21). Não é *Jesus* o vosso *único Tesouro*? Se Ele está no Céu, é lá que tem de habitar o vosso coração, e digo-vos com toda a simplicidade, meu querido Irmãozinho, parece-me que vos será mais fácil viver com Jesus quando eu estiver junto d'Ele para sempre» (Ct 261).

almas. Se o bom Deus escuta os meus desejos, o meu Céu será passado na terra até ao fim do mundo. Sim, quero passar o meu Céu a fazer bem na terra...». ¹⁷⁹

Na iminência de partir para o Céu, apropria-se das palavras de Jesus na última ceia, para se despedir dos seus e, em especial, do P. Bellière.

«Ó meu Irmãozinho, como eu gostava de poder derramar no vosso coração o bálsamo da consolação! Posso apenas servir-me das palavras de Jesus na última ceia, Ele não poderá ofender-Se com isso visto que sou a sua esposazinha e por conseguinte os seus bens são meus. Digo-vos pois como Ele aos seus íntimos: «Vou para o meu Pai (Jo 16, 5 - 7), mas porque vos falei desta maneira, a tristeza encheu o vosso coração. Digo-vos contudo a verdade: a vós convém que eu vá. Estais agora na tristeza, mas tornarei a ver-vos e o vosso coração estará na alegria e ninguém vos tirará a vossa alegria (Jo 16, 22)». Sim, tenho disso a certeza, depois da minha entrada na vida, a tristeza do *meu querido Irmãozinho* transformar-se-á numa *alegria serena* que nenhuma criatura poderá tirar-lhe. Sinto que temos de ir para o Céu pela mesma via, a do sofrimento unido ao amor. Quando estiver no porto de abrigo ensinar-vos-ei, querido Irmãozinho da minha alma, como deveis navegar no mar tempestuoso do mundo com o abandono e o amor de uma criança que sabe que o pai a ama e não poderia deixá-la só na hora do perigo. Ah! como eu queria fazer-vos compreender a ternura do Coração de Jesus, o que Ele espera de vós! Com a vossa carta do dia 14 fizestes estremecer docemente o meu coração, compreendi mais do que nunca a que ponto a vossa alma é irmã da minha porque é chamada a elevar-se para Deus pelo ASCENSOR do amor, e não a subir a difícil *escada* do temor... Não me admira nada que a prática da familiaridade com Jesus vos pareça um pouco difícil de realizar; não se pode conseguir num dia, mas tenho a certeza de que vos ajudarei muito mais a caminhar por essa via deliciosa quando estiver liberta do meu envelope mortal, e direis em breve como S.¹⁰ Agostinho: «O amor é o peso que me impele». ¹⁸⁰

¹⁷⁹ UC 17.7. «Ela sabia que se lhe tinha encomendado uma missão. Sabia que esta missão se levaria a cabo. Sabia que esta missão consistiria em fazer amar a Deus como ela o tinha amado, ela, Teresinha, com todo o seu coração de carne, com toda a sua alma de fogo, e em atrair para Ele legiões inteiras de almas presas de este mesmo amor» (A. Combes, *Santa Teresa de Lisieux y su Misión. Las grandes leyes de la espiritualidad teresiana*, San Sebastian, 1957, p. 292).

¹⁸⁰ Ct 258.

Ao P. Roulland escreve-lhe umas linhas, em que lhe confia o estado celeste da sua alma, e o seu desejo de configuração com Cristo, que se fez semelhante a nós, para nos dar a eternidade.

«Para nós, o mundo já não conta e «a nossa morada é já no Céu» (Flp 3, 20), o nosso único desejo é assemelharmo-nos ao nosso Adorável Mestre a quem o mundo não quis reconhecer (Jo 1, 10) porque ele aniquilou-se, tomando a forma e a natureza de escravo (Flp 2, 7). Ó meu Irmão! como sois ditoso em seguir de tão perto o exemplo de Jesus... Ao pensar que vestistes os trajes chineses, penso naturalmente no Salvador revestindo-se da nossa pobre humanidade e tornando-Se semelhante a um de nós (Flp 2, 7), para resgatar as nossas almas para a eternidade».¹⁸¹

Neste sentido, a realidade escatológica é, para ela, «comunhão de amor entre Deus e os seus santos», é «fazer o bem sobre a terra», é «morada da alegria». Este Céu, será precedido pelo «Advento» do «Ladrão», passará pela «morte de amor», e continuará no «banquete» do «Servidor».

- «No dia 9, via claramente de longe o farol que me anunciava o porto do Céu; mas agora, já não vejo nada, tenho os olhos como que vendados. Naquele dia, via o Ladrão; presentemente já não O consigo ver. O que me dizem sobre a morte já não pode penetrar em mim, escorrega como sobre uma laje. Acabou-se! A esperança da morte gastou-se. Por certo, Deus não quer que eu pense nisso como antes de estar doente. Nessa altura, esta pensamento era-me necessário e muito útil, bem o sentia. Mas hoje é o contrário. Deus quer que eu me abandone como uma criancinha que não se preocupa com o que dela farão».¹⁸²

- «Estarei em breve nos horrores do túmulo! E também lá estará um dia, minha querida Madre!... E, ao vê-la chegar junto

¹⁸¹ Ct 201.

¹⁸² UC 15.6.1. «Diz-se no Evangelho que Deus virá como um ladrão (Mt 24, 43 - 44). Virá roubar-me muito amavelmente. Oh! como eu gostaria de ajudar o Ladrão!» (UC 9.6.1). «Não receio o Ladrão... Vejo-O de longe, e acautelo-me bem para não gritar: Agarra, que é ladrão! Pelo contrário, chamo-O dizendo: Por aqui! Por aqui!» (UC 9.6.4). «Quando falo do Ladrão, não penso em Jesus pequenino, penso no Deus «grande»» (UC 13.6). «Não me prolongarão a vida um minuto a mais do que o Ladrão quer (Mt 24, 43 - 44)» (UC 10.7.5). «O Ladrão virá / E levar-me-á / Aleluia!» (UC 31.7.10). «Agora que Deus fez o que queria fazer, enganou toda a gente... Ele virá como um ladrão na hora em que ninguém contar (Mt 24, 43 - 44); é esta a minha ideia» (UC 31.7.16). «Abri à sorte o Evangelho: «Em breve vereis o Filho do homem sobre as nuvens do Céu (Mc 14, 62)». Respondi: «Quando, Senhor?» E olhando a página, li estas palavras: «Hoje mesmo (Mc 14, 30)» (UC 6.6.9).

de mim, «os meus ossos humilhados estremecerão de alegria» (SI 50, 10)». ¹⁸³

- «Ah! Se eu a esquecesse, parece-me que os santos todos me expulsavam do Paraíso como um mocho feio. Minha querida Madre, quando eu estiver lá em cima, «virei para levá-la comigo, e lá onde eu estiver, a Madre estará também (Jo 14, 3)». ¹⁸⁴

- «Oh! Certamente vou chorar quando vir Deus!... Não, no Céu não se pode chorar... Pode sim, visto que ele disse: «Enxugarei todas as lágrimas dos vossos olhos (Ap 21, 4)». ¹⁸⁵

- «Não julguem que, quando estiver no Céu, só lhes darei facilidades... Não foi isso que eu tive nem desejei ter. Terão talvez de suportar grandes provações, mas eu enviar-lhes-ei luzes que vo-las farão apreciar e amar. Serão obrigadas a dizer como eu: «Senhor, encheis-nos de alegria com tudo o que fazeis (SI 91, 5)». ¹⁸⁶

- «Não posso pensar muito na felicidade que me espera no Céu; uma só esperança faz palpitar o meu coração, é o amor que receberei e que poderei dar. De resto penso em todo o bem que quereria fazer depois da minha morte: fazer baptizar as crianças, ajudar os sacerdotes, os missionários, toda a Igreja... mas, antes de mais, consolar as minhas queridas irmãs». ¹⁸⁷

- «Se Deus realizar os meus desejos, o meu Céu passar-se-á sobre a terra até ao fim do mundo. Sim, quero passar o meu Céu a fazer o bem sobre a terra (...) Não posso fazer do meu Céu uma festa de regozijo para mim, não posso descansar enquanto houver almas para salvar... Mas quando o Anjo tiver dito: «O tempo acabou!» (Ap 10, 6), então descansarei, poderei gozar, porque o número dos eleitos estará completo e todos terão entrado na alegria e no descanso. O meu coração estremece com esta ideia...». ¹⁸⁸

- «Poderão dizer de mim: «Não vivia neste mundo, mas no Céu, onde estava o seu tesouro (Mc 6, 21)». ¹⁸⁹

- «A minha querida Teresa tinha ficado impressionada com a passagem do Evangelho em que Jesus nega aos filhos de Zebedeu que estejam, no céu, à sua direita e à sua esquerda (Mt 20, 23), e dizia: «Imagino que Deus reservou esses lugares para dois “Pequeninos” (...) Esta graça foi-me concedida (SI 118, 56)». ¹⁹⁰

¹⁸³ UC 20.8.4.

¹⁸⁶ UC 13.7.16.

¹⁸⁹ UC 12.8.6.

¹⁸⁴ UC 15.6.4.

¹⁸⁷ UC 13.7.17.

¹⁹⁰ UC / G 7.1.

¹⁸⁵ UC 8.7.13. Cf. Ct 68.

¹⁸⁸ UC 17.7.

- «No outro dia, estava a ler à doentinha, uma passagem sobre a bem-aventurança do Céu, ela interrompeu-me para me dizer: Não é isso que me atrai... - Então o que é? - perguntei. - Oh! é o Amor! Amar, ser amada e voltar à terra para fazer amar o amor».¹⁹¹

- «Olhando-me com ternura: ...Mas eu hei-de ver-vos de novo, e o vosso coração se alegrará e ninguém vos tirará a vossa alegria (Jo 16, 22)».¹⁹²

- «Sobre esta passagem do Evangelho: «Duas mulheres que estiverem moendo com a mó, uma será tomada, e a outra será deixada... (Mt 24, 41)». Nós temos juntas o nosso pequeno negócio. Eu virei que a Irmã não pode moer o trigo sozinha, e então virei buscá-la... Vigie, pois, porque não sabe em que hora virá o seu Senhor (Mt 24, 42)».¹⁹³

- «... Oh! como esta diferença que existe no mundo entre os patrões e os criados prova bem que há um céu onde cada um será colocado segundo o seu mérito interior, onde todos estarão sentados no banquete do Pai de família. Mas então que Servidor será o nosso, já que Jesus disse «que Ele iria e viria para nos servir! (Lc 12, 37)». Esse será o momento em que os pobres e, sobretudo, os pequenos, serão amplamente compensados das suas humilhações».¹⁹⁴

«Uma Palavra viva de Deus»

Teresa, desde a experiência da «escuta-prática» da Palavra de Deus,¹⁹⁵ converte-se ela mesma numa «palavra de Deus para a Igreja».¹⁹⁶ Nela, «a palavra de Deus é viva, eficaz e mais penetrante que uma espada de dois gumes» (Hb 4, 12).

¹⁹¹ UC / G 7.4.

¹⁹² UC / G 11.9.3.

¹⁹³ UC / G 5.8.1.

¹⁹⁴ UC 8.8.4. «Quando o Jesus pequenino for grande, e já não precisar de aprender o «pequeno ofício da loja», ele preparará um *lugarzinho* (Jo 14, 2) para a *Mãezinha* no seu reino que não é deste mundo (Jo 18, 36) e depois, por sua vez, «Ele irá e virá para a servir» (Lc 12, 37). Quantos serão obrigados a levantar os olhos para ver aquela que não teve outra ambição senão a de ser o burro do pequenino Jesus» (Ct 204). «Não quero mais vinho da terra... Quero beber vinho novo no reino de meu Pai» (UC 13.7.8). «Em breve irei sentar-me no banquete celestial, irei saciar-me com as águas da vida eterna» (Ct 254).

¹⁹⁵ Tgo 1, 22 - 25.

¹⁹⁶ Pio XI, Discurso de 30 / 4 / 1923.

Teresa ama a S. Escritura,¹⁹⁷ especialmente o Evangelho, isto é, Jesus, que fala em silêncio e profundidade, e a ilumina sobre a graça do amor de Deus, que não calcula, pois só entende a linguagem do amor gratuito, sem esperar nada em troca.

«A maior necessidade que temos é de calar a este grande Deus com o espírito e com a língua, pois a linguagem que ele ouve só é o calado amor».¹⁹⁸

Teresa não duvida, quando entende, interpreta e aplica a Palavra de Deus a si mesma.

«Pontas de fogo pela segunda vez. À noite eu estava triste e, para me consolar, abri o Evangelho diante dela. Dei com estas palavras que lhe li: «Ressuscitou, já não está aqui; vede o lugar onde O tinham posto (Mc 16, 6)». Sim, é mesmo isso! Efectivamente, já não sou, como na minha infância, acessível a qualquer dor; estou como ressuscitada, já não estou no lugar em que me julgam... Oh! não sofra por minha causa; cheguei ao ponto de já não poder sofrer, porque todo o sofrimento me é suave».¹⁹⁹

Ouve ainda a Palavra de Deus e aplica-a imediatamente aos outros, que estão a seu lado, e interferiram na sua vida, no sentido da fidelidade à sua vocação religiosa.

«Peguei então no Evangelho, pedindo a Deus que me consolasse, que fosse Ele mesmo a responder-me... e eis que fui cair nesta passagem em que nunca havia reparado: «Aquele a quem Deus enviou diz palavras de Deus; porque Deus não lhe comunicou o seu Espírito por medida... (Jo 3, 34)» Oh! chorei então de

¹⁹⁷ «Só no Céu veremos a verdade de todas as coisas. Na terra, é impossível. Assim, mesmo em relação à Sagrada Escritura, não é triste ver tantas diferenças de tradução? Se eu tivesse sido sacerdote, tinha aprendido o hebreu e o grego, não me tinha contentado com o latim; assim, teria conhecido o verdadeiro texto ditado pelo Espírito Santo» (UC 4.8.5). «Se fosse sacerdote, queria aprender o grego e o hebraico, para conhecer o pensamento divino tal qual se exprimiu em nossa linguagem da terra» (Ir. Genoveva, PA, 880).

¹⁹⁸ S. João da Cruz, Ct 8.

¹⁹⁹ UC 29.5. «A porta da enfermaria estava aberta durante o silêncio e a Irmã S. João da Cruz entrava todas as noites, e pondo-se aos pés da cama, olhava para ela a rir-se durante bastante tempo. Que visita tão indiscreta e como ela deve cansá-la! Sim, quando se sofre é muito custoso ser olhada por uma pessoa que se ri. Mas penso que Nosso Senhor foi olhado assim sobre a cruz, no meio dos seus sofrimentos. Era ainda bem pior, porque estavam de facto a troçar d'Ele; não se diz no Evangelho que olhavam para Ele abanando a cabeça? (Mc 15, 29) Este pensamento ajuda-me a oferecer-Lhe de todo o coração este sacrifício» (UC 25.8.1). «Estava a ler-lhe o Evangelho do domingo: a parábola do Samaritano (Lc 10, 30 - 37)... Sou como esse pobre viajante «semivivo», meia-morta, meia-viva» (UC 29.8.1).

alegria, e esta manhã, ao acordar, ainda me sentia deleitada. Foi a minha querida Madre que Deus enviou para mim, que me educou, que me trouxe para o Carmelo; todas as grandes graças da minha vida, recebi-as por seu intermédio; por isso eu vejo que me diz as mesmas coisas que Deus, e agora acredito que Deus está muito contente comigo, visto que a Madre assim mo diz».²⁰⁰

Não recorre à confirmação dos «letrados», como Teresa de Jesus. S. Teresinha caminha com uma segurança espantosa, sem consultar ninguém: vai à S. Escritura, ao Evangelho, com toda a naturalidade e simplicidade, para ouvir Jesus, seu único guia na «ciência do Amor», por meio de sua Palavra.²⁰¹ Deste modo, Teresa é uma Palavra viva de Deus! É uma Palavra de Deus sobre Deus e sobre o homem.

«Podemos dizer com convicção de Teresa de Lisieux que o Espírito de Deus permitiu ao seu coração revelar directamente aos homens do nosso tempo, *o mistério fundamental*, a realidade fundamental do Evangelho: o facto de ter recebido realmente «um espírito de filhos adoptivos que nos faz gritar: Abbá! Pai!». A «pequena via» é a via da «santa infância». Nesta via, há ao mesmo tempo a confirmação e a renovação da verdade mais *fundamental* e mais *universal*. Que verdade da mensagem evangélica é, com efeito, mais fundamental e mais universal que esta: Deus é nosso Pai, nós somos seus filhos?».²⁰²

Na verdade, «aquela a quem Deus enviou diz palavras de Deus, porque Deus não lhe deu o seu Espírito por medida». Copia uma série de passagens do profeta Isaías, que a impressionaram muito, sobre o mensageiro que anuncia a boa nova da paz, e que, na sua opinião, constituem a essência do ministério sacerdotal de Jesus e do P. Roulland.

«Esta tarde durante a oração meditei passagens de Isaías que me pareceram tão apropriadas para vós que não posso deixar de vo-las copiar. «Escolhei um lugar mais espaçoso para erguer as vossas tendas... Estender-vos-eis para a direita e para a esquerda, a vossa posteridade receberá por herança as nações e habitará as cidades desertas... Levantai os olhos, e olhai à vossa volta; todos os que vedes reunidos vêm para vós, os vossos filhos virão de longe e as vossas filhas virão de todos os lados para vos encontrar. Então vereis esta multiplicação extraordinária, o vosso coração

²⁰⁰ UC 21 - 26.5.11.

²⁰¹ R. Llamas, *a.c.*, p. 322.

²⁰² J. Paulo II, *Homilia diante da Basílica de Lisieux*, 2 / 6 / 1980.

admirado dilatar-se-á quando a multidão das praias do mar e tudo o que há de grande entre as nações vier em direcção a vós». Não é isto o cêntuplo prometido? e não podeis também exclamar: «O espírito do Senhor repousou sobre mim, encheu-me com a sua unção. Enviou-me para anunciar a sua palavra, para curar os que têm o coração ferido, para dar a liberdade aos cativos e para consolar os que choram... Alegrar-me-ei no Senhor, porque me revestiu com os vestidos da salvação e me enfeitou com os adornos da justiça. Como a terra faz germinar a semente assim o Senhor Deus fará germinar por mim a sua justiça e a sua glória no meio das nações... O meu povo será um povo de justos, serão os rebentos que eu plantei... Irei às ilhas mais distantes, àqueles que nunca ouviram falar do Senhor. Anunciarei a sua glória às nações e oferecê-las-ei como presente ao meu Deus».²⁰³

Teresa confirma que a religião bíblica é uma «religião da escuta» da Palavra de Deus, entendida e vivida como «resposta a Deus». A escuta da Palavra é um «dom de Deus»,²⁰⁴ que inclui a «responsabilidade do homem».²⁰⁵ Ele deve cooperar com Deus no anúncio da sua palavra às nações.

Os Evangelhos constituíram na vida de Teresa um apelo urgente a escutar, no Espírito, Jesus e a sua Igreja. A palavra de Deus foi escutada e praticada por Teresa com um coração nobre e generoso, até ao fim, numa perseverança frutuosa e feliz.

«Sede cumpridores da palavra, não vos limiteis a escutá-la, pois seria enganar-vos a vós mesmos... Aquele que se aplica atentamente a considerar a lei perfeita que é a lei da liberdade, e nela perseverar, sem ser um ouvinte que se esquece mas que efectivamente a cumpre, esse encontrará a felicidade no seu modo de viver» (Tg 1, 22. 25).

Por isso, bem pode ela exortar-nos, com o salmista: «se *hoje* ouvirdes a voz do Senhor, não fecheis os vossos corações» (Sl 94, 8), pois, «o homem vive de toda a palavra que sai da boca de Deus» (Dt 8, 3; Mt 4, 4). Ela pode ajudar o Povo de Deus a adquirir «uma veneração pela palavra de Deus».²⁰⁶

²⁰³ Ct 193, onde cita Is 54, 2 - 3; 60, 4 - 5; 61, 1 - 2. 10 - 11; 60, 21; 66, 19 - 20.

²⁰⁴ Mt 13, 11; Mc 4, 11; Lc 8, 10.

²⁰⁵ Mt 11, 15; 13, 9; Mc 4, 24; Lc 9, 18.

²⁰⁶ DV 26. «Todos podem pôr-se na escola de Teresa, tanto os eruditos que consagram a sua

«A palavra de Deus esteja sempre nos teus lábios, medita nela dia e noite, para observares tudo o que está escrito na lei, e serás feliz em todos os teus caminhos» (Jos 1, 8).

Teresa, que fechou todos os livros, excepto o Evangelho, é, no século XX, arauto do Evangelho, e continua a ser «testemunha da verdade» (Jo 19, 35), da eterna juventude de Deus, nas cinco partes do nosso mundo.

«Apesar da minha pequenez, queria esclarecer as almas como os Profetas, os Doutores. Tenho a vocação de ser Apóstolo... Queria percorrer a terra, pregar o teu nome, implantar no solo infiel a tua cruz gloriosa, mas, ó meu Bem-Amado!, uma missão só não me bastaria. *Queria*, ao mesmo tempo, *anunciar o Evangelho* nas cinco partes do mundo, e até nas ilhas mais longínquas... Queria ser Missionário, não apenas durante alguns anos, mas queria tê-lo sido desde a criação do mundo, até à consumação dos séculos... Mas queria, sobretudo, ó meu Bem-amado Salvador, queria derramar o meu sangue por Ti, até à última gota...».²⁰⁷

vida a estudar as Escrituras, como os cristãos que não receberam uma verdadeira formação bíblica. Teresa tem qualquer coisa a ensinar-lhes, na condição que se tornem pequeninos» (P.-M. Jerumanis, *a. c.*, p. 58).

²⁰⁷ B 3 r. «Teresa habita o Evangelho que lê, torna-se Evangelho» (P. - M. Jerumanis, *a. c.*, p. 56).

«Descobrimos, no livro da vida, três nascimentos admiráveis de Jesus:

O seu nascimento do seio do Pai na vida eterna,

O seu nascimento do seio da Virgem Maria na vida temporal,

O seu nascimento do sepulcro na vida imortal.

...é maravilhoso como é que um sepulcro pode ser fonte de vida, e um lugar de morte fonte de vida imortal».

Les grandeurs de Jésus
P. de Bérulle,

